

A'S NOSSAS AMIGAS

UM APPELLO

Em nossa edição do mez passado dirigimos um appello ás nossas amigas concitando-as a não esmorecer na campanha de propaganda desta revista e a continuar a fazer por ella o que sempre fizeram, cumprindo também as promessas que nos têm feito pessoalmente ou por cartas. Seja-nos permitido repetir o que, por mais de uma vez, temos escripto por estas columnas e que é que a tarefa de propagar uma revista como a nossa, além de tarefa facil, é, sobretudo, agradável. De facto, nada mais facil a uma senhora, que conhece a nossa revista, que está ao par do seu programma, que sabe quanto de proveito se tira da sua leitura como exercicio para a intelligencia, como entretenimento para as horas ociosas, como diversão para o espirito e como fortaleza para a moral, do que, entre as pessoas com quem habitualmente convive, chamar a attenção de cada uma dessas pessoas para tudo quanto ha de interessante nas paginas da nossa revista. Cada edição que publicamos vem repleta de complexa e abundante materia sobre os mais variados assumptos, de modo a interessar qualquer especie de leitores ou leitoras, seja qual fór o seu grão de cultura, a sua posição, o seu estado ou a sua idade. Para as creanças, ha as secções de literatura infantil, que está a cargo de pessoa competetissima cujo nome é hoje uma gloria da pedagogia nacional; para as moças, ha secções de moda, de elegancia, de dança, de cultivo da belleza, todas ellas redigidas por especialistas que, em nosso meio, gosam de uma solida reputação; para as mães de familia, dispõe este magazine de secções de hygiene infantil, de hygiene domestica, de cozinha e outras mais de interesse flagrante; para as senhoras prendadas ha secções desenvolvidas de bordados, rendas e toda sorte de trabalhos femininos; para as mulheres em geral, ha a parte dedicada ao feminismo onde se enfileiram todas as noticias importantes que dizem respeito ás victorias da campanha feminista em todo o mundo e ás ultimas conquistas obtidas pela mulher; e para todas as classes de leitores, vasta e selecta collaboração litteraria em prosa e verso, e outras materias como medicina, sports, viagens, historia, curiosidades, humorismo, lendas, tradições, conselhos sobre a moral, ensinamentos sobre a boa conducta em sociedade, lições sobre a vida pratica, etc.

Ora, uma senhora, que queira, pela sympathia com que nos distingue ou pelo amor que a nossa causa vem despertando, attrahir a curiosidade das outras senhoras para a *Revista Feminina*, basta, deante dellas, folhear um numero, commentar uma noticia ou apontar, ao acaso do dedo, uma linda gravura, para lhes conquistar de prompto a attenção. Conquistada a attenção, o que é facilimo, está conquistada a adhesão. So não se interessam pela *Revista Feminina* os que a não conhecem, os que ainda a não viram ou os que della nunca tiveram noticia. A's nossas boas amigas — chamamos boas áquellas que se interessam, de uma forma pratica, pela nossa causa e a tomam a peito, combatendo comosco pela sua victoria — lançamos novamente este appello, para que intensifiquem a sua propaganda no sentido de alargar cada vez mais o campo de assignaturas e não esmoreçam nessa faina, cujo resultado é a victoria da nossa causa, isto é, da causa feminina.

Todas as nossas leitoras, dotadas de alguma cultura, devem advertir que, daqui a um anno e pouco, o Brasil vae festejar o primeiro centenario da sua independencia, e que, nessa epoca, que está tão proxima, necessitamos demonstrar ás damas estrangeiras que nos visitarem o grão de progresso alcançado pela mulher brasileira no sentido da conquista dos seus direitos. A maior parte dessas damas, que serão, provavelmente americanas, muito orgulhosas da sua liberdade de acção, da sua independencia e dos triumphos alcançados pelo seu esforço proprio, quererão indagar o que, nesta parte do continente americano, terão feito as suas companheiras de sexo; e é preciso, pois, que as nossas patricias, até lá, tenham já realisado alguma coisa no interesse da sua reabilitação. A *Revista Feminina* está na vanguarda; nella se resumem todas as aspirações do nosso sexo e é ella que representa a mulher patricia. As brasileiras todas, que ainda são incapazes de um gesto de boa vontade, as brasileiras, que ainda têm a coragem de levantar a cerviz do jugo que as opprime, as brasileiras que ainda não têm o espirito obliterado pela escravidão, têm o dever de correr em nosso auxilio, de collaborar comosco na boa causa, de formar ao nosso lado e de não nos abandonar nunca no campo da luta. E' verdade que não estamos sós, é verdade que temos companheiras animosas que nos estimulam, de todos os pontos do paiz, com gestos e applausos, com boa vontade e acção. Mas a verdade é que são ainda poucas. O nosso combate, que é reñido, reclama contingentes mais numerosos.

Eia, pois, patricias!

Felizmente não clamamos no deserto. Ha ouvidos que nos ouvem, ha corações que palpitam unisonos com os nossos, ha vozes que secundam o nosso commando e muitas dessas vozes têm um rebôo imperioso. Lançado que foi, em nossa ultima edição, o appello ás patricias, muitas dellas correram ao nosso encontro. Entre ellas, permita-se-nos que destaquesmos o nome de d. Lucilla Souto Ferreira, de Uberaba, que, segundo confessa, é fanatica por esta revista e tudo promete fazer pelo seu progresso. Agora é ella quem se revolta contra a indifferença das patricias deante da luta gigantesca que se fere na imprensa de todo o mundo em prol dos sagrados direitos do sexo a que pertencem. E' ella propria quem diz: "As mulheres deviam acolher com mais carinhosa affeição e desinteressadamente esta revista, cuja vida e prosperidade são um triumpho eloquente da mais santa das causas. Deviam auxilia-la e corresponder aos esforços dos que se batem por tão ingente idéa. Felizmente, ha um bom punhado dellas que não esmorecem e trabalham com prazer e dedicação em prol do mesmo ideal de d. Virgínia de Souza Salles."

Agora, ainda, é d. Judith Andrade de Magalhães, de Guaxupé, que corre a enfileirar-se com outras e põe os seus esforços ao serviço da nossa causa, prometendo trabalhar para o progresso da revista, que é, consoante a sua expressão, "o porta-voz da boa causa da mulher brasileira na defesa dos seus direitos."

Outras mais se apressaram em trazer-nos o seu auxilio, e a todas essas, em nome da mulher patricia, apresentamos os nossos agradecimentos.

Feminismo Brasileiro

Já por estas columnas, em nossa edição passada, nos referimos a uma joven doutora formada pela Faculdade de Medicina do Rio Janeiro. Agora cabe a vez á outra, á dra. Carmen Escobar Pires, filha do distincto paulista sr. Manuel Bucno Barbosa Pires, e recentemente diplomada pela Faculdade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo. Tanto uma como outra pertencem a conceituadas familias paulistas.

Já agora não é de extranhar que algumas jovens patrias, rompendo com preconceitos seculares, dentro dos quaes viviam escravizadas, deixando que amorteassem e

por fim se apagassem de todo tantas aptidões de trabalho e de concorrência na luta da vida, não é de extranhar, diziamos, que entrem agora em campo, rigorosamente apetrechadas, abrindo brecha entre os obstaculos que por acaso se lhes antolhem. Não sabemos quem foi a precursora desse movimento; é provavel que não houvesse mesmo essa precursora, e sim a vontade colectiva dos brasileiros de "élite", que preparam o ambiente propicio para a formação desses espiritos femininos, acolhendo, com sympathias e applausos, todos os seus gestos de libertação e da audacia. A mulher brasileira, pois, como tinhamos previsto e em favor da qual vimos ha tantos annos combatendo, já entrou em competição com o homem, não apenas nas actividades inferiores e sim tambem, o que é para admirar, nos torneos da sciencia.

A' dra. Carmen Escobar Pires está reservado por certo, um destino brilhante como profissional. Ella não se diplomou por mero espirito de diletantismo; ella é uma convicta, cheia dessa convicção que, por estar aliada a uma notavel competencia, a levará seguramente á victoria. A sua tendencia para a carreira que abraçou manifestou-a ella sempre, desde a idade um que a sua intelligencia começou a desabrochar. As difficuldades do curso medico com a complexidade das materias que é preciso estudar, a frequencia dos hospitales, as responsabilidades que pesam sobre aquelles que se dedicam á profissao, e, por fim, a clinica, com todos os seus encargos pesados, tudo isso constituiu o seu unico ideal, e para ahi norteou todos os seus esforços e a intelligencia. Da sua intelligencia teve ella provas bastantes com os triumphos successivos que ia obtendo durante o apprendizado

preparatorio. Dentre as disciplinas preparatorias, mesmo dentre aquellas que lhe pareceriam menos aproveitaveis para a carreira medica, como geographia, historia, estudo do vernaculo, etc., não houve uma só a que ella se não dedicasse, com curiosidade e affinco, como se necessitasse extrahir de cada uma dellas uma qualidade pratica. Assim preparada e, o que é mais, animada pelo proposito de envidar maiores esforços para vencer as etapas do curso superior, matriculou-se na Faculdade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo. Desde logo revelou ella o gosto, a finura de

percepção e a tenacidade, elementos indispensaveis de iniciação, tornando-se por isso muito louvada pelos seus professores e admirada pelos seus collegas. O seu curso medico assignalou-se sempre por triumphos, obtendo as melhores notas do anno e doutorando-se por fim com a defeza da sua these, em que brilhantemente se destacou. A 28 de Janeiro do anno corrente, apresentou ella á Faculdade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo a sua these "Revisão da Semiotica dos pleurizes" (sero-fibrinosos e purulentos), escolhendo, como se vê, um assumpto arduo e immensamente complexo, sobre o qual dissertou com segurança e, o que releva notar, com vistas proprias. Ella propria, no prefacio do seu trabalho, declarou que, ao iniciar o seu tirocinio hospitalar, percebeu a divergencia que ha, em certas entidades, entre o que dizem os livros e o que observa nos doentes. Muitos signaes superfluos que nunca se encontram ou raramente apparecem, outros de que não cuidam os tratadistas, mas observados por ella a miude, levaram-na a estudar uma affecção em que mais notavel existe o contraste, sen-

do, apesar disso, tão frequente. Refere-se a doutora aos derames sero-fibrinosos e purulentos.

Muitas das idéas contidas na sua magnifica these são della, nascidas da sua observação. Basta isto para pôr em evidencia o valor da dra. Carmen Escobar Pires, que, de resto, é uma moça dotada de raros encantos pessoais.



Dra. Carmen Escobar Pires.

O que se diz de nós

Por estas columnas já transcrevemos muitas cartas que nos têm sido dirigidas a proposito da "Revista Feminina" e especialmente da sua edição especial do Natal. Entre as pessoas que se apresaram em trazer-nos os seus applausos, louvando, com expressões de sincero encomio, o nosso esforço, figuram grandes nomes, como Luiz Guimarães Filho, da Academia de Letras, nosso ministro em Montevidéo, Felix Pacheco, da Academia de Letras e redactor do "Jornal do Commercio", do Rio, e exma. sra. d. Mary Sayão Pessoa, esposa do dr. Epitacio Pessoa, presidente da Republica.

Agora quem nos escreve é Carlos Magalhães de Azeredo, o magnifico poeta e Embaixador do Brasil junto á Santa Sé.

Eis a carta que nos dirigiu.

EMBAIXADA DO BRASIL
JUNTO A' SANTA SE'

Via Piemonte, 48. Roma.
19 de Fevereiro de 1921

Exa. Senhora, minha gentil amiga,

A sua bondosa carta me commoveu, pela expressão da estima com que me honra muito acima do meu mérito, e pela referencia á memoria sagrada de sua Mãe, que eu, ainda sem a ter conhecido pessoalmente, tanto venerava e prezava.

Li com interesse, com encomio, o numro de Natal da "Revista Feminina", que teve a dlicadeza de mandar-me. Todos em nossa casa o apreciámos, achando-o bellissimo, pelo texto excellente, e pelas finas illustrações. Muito o apreciou tambem o meu joven amigo Caio de Mello Franco, Secretario d'esta Embaixada; Espero d'elle em breve alguns lindos versos para a "Revista Feminina".

São dignos de louvor os seus esforços, minha Senhora, e os das suas brilhantes companheiras; e admiraveis os resultados que já alcançaram. E' muito nobre essa devoção ao ideal artistico em mulheres que não pretendem transformar-se em homens; que simultaneamente com elle conservam e zelam outro ideal que lhes é proprio, o da familia, da religião, da piedade e do amor. A "Revista Feminina" é um documento cada vez mais persuasivo do que pôde fazer um grupo de distinctas patricias, com intelligencia, com empenho e com successo, para diffundir no paiz o gosto das letras, e provar a muita gente bem nascida que ainda ha alguma cousa digna de attracção e culto, fóra das emoções grosseiras do cinematografo.

Queira acceitar os mais respeitosos cumprimentos do seu muito dedicado servo, admirador e amigo

CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO



DOCE CATIVEIRO



Doce cativo,
que me tem cativo
com ancelos e ais,
me é tão ilsongeiro,
que, quanto mais vivo,
mais lhe quero e mais.

Por que os ais sentidos
não são de amargura,
nem baldados são;
mas correspondidos
por igual ternura
de outro coração.

Nem culdeis, sósinho,
curia meus ancelos
com inútil dor;
que os acolhe o ninho
de uns nevados seios,
cálidos de amor.

Algemas suaves,
as mãos de princeza,
que escravo me quiz!
Alguma, entre as aves,
não livre, mas presa,
é que está feliz.

Mãos de alvor macio,
de lírio aroma,
urnas de prazer!...
Mas bastava um fio
da sua aurea coma
para me prender...

E ah! seus peregrinos
labios já pousaram
sobre os olhos meus;
o pranto, divinos,
bebendo enxugaram...
E eu senti-me um deus!

Mas por que chorava?
por sofrer! Não; certo,
não sofria assim.
E' que desejava
tel-a inda mais perto,
toda para mim.

Tive-a... imenso instante!
Dos olhos, que vinha
cingindo de luz,
sua boca amante
deceu até a minha;
juntou-se-lhe em cruz....

Cruz de sangue ardente,
cruz de sangue e flama,
rúbido crisol,
d'onde uma torrente
de amor se derrama,
clara como o sol!

Por aquele beijo,
dei toda a minha alma,
dei tudo o que sou;
pois o meu desejo
mais triunfante palma
nunca imaginou.

Por que sou cativo
d'este cativo,
dó não me tenhais.
Seu recato esquivo,
pelo mundo inteiro
não trocara eu mais!

Carlos Magalhães de Azeredo.

A MODA

Nossa estação elegante é agora inteiramente oposta á estação parisiense. Enquanto nós aqui precisamos nos resguardar contra o frio, contra a humidade e contra os ventos constantes deste outono aspero, que prenuncia um inverno rigoroso, as senhoras parisienses, na alegria da primavera que lhes sorri pela corolla das flores desabrochadas e pela cor das fructas amadurecidas, tratam de vestir-se com a garriidade que a estação lhes inspira. Os nossos chapéus, aqui, não admittem outros enfeites além de fitas de velludo e outros que dem a illusão de abrigo contra o frio, enquanto os das parisienses reclamam flores e fructas, de cores contrastantes e brilhantes.

Assim com relação aos chapéus, assim com relação aos vestidos e aos elementos que o compõem. As nossas costureiras entram agora na phase das difficuldades, dos pequenos problemas de difficil solução, dos embaraços de toda especie que se lhes antolham a cada passo. O que algumas fazem — e são as que menos se podem gabar da sua imaginação e engenho — é remexer nos figurinos dos primeiros dias do anno e ahi escolher certos modelos que ainda não perderam a sua oppor-tunidade, modalizando-os de accordo com as tendencias actuaes; o que

as outras fazem — e são, por certo, as mais dotadas de engenho creador — é escolher dentre os modelos da actual primavera parisiense aquelles que, modificados, possam ser aproveitaveis para a nossa estação. Essa modificação consiste na substituição de uma fazenda por outra e em muitos detalhes; que não alterem visivelmente o effeito de conjunto. Isso que parece pouco, importa quasi numma criação, tal é a difficuldade que offerece e a responsabilidade que assume a costureira no momento de conceber a modificação.

Martha de Caunay, a correspondente elegante do "Jornal do Commercio", do Rio, referindo-se, numa das suas ultimas chronicas, ás modas parisienses, externou alguns conceitos, que, pela sua oppor-tunidade e interesse, nos inopinaram o desejo de transcrever-os. Eis alguns dos topicos da sua correspondencia:

"Ignora-se por completo o que a moda fará grande mudança. Parece-nos no entanto que a moda não porque visitando ha dois dias uma amiga

nos decretará.

"primière" duma "as grandes casas de costura da Rue de la Paix, ella disse-me e eu poude apreciar vando alguns modelos, que a forma direita e a simplicidade continuaria a predominar.

Mas não queremos illudir as nossas gentis leitoras, dizendo-lhes verdadeiramente o que se usa, porque faltaríamos á verdade e neste caso limitarme-ei a dar-lhes as melhores indicações concernentes á toilette, enquanto não nos surpreenda qualquer novidade que irei communicando.

As toilettes de baile, umas têm a forma "Empire" outras corpinhos e sala sendo estas recobertas de draperies de tulles bordadas de rendas drapés, pailletés, etc. Os corpinhos são na sua maioria, arregaçados ou lisos, conservando a sua elegancia na sua forma direita e vagi. As cinturas compridas e as mangas muito curtas.

Toilettes de cerimonia ou visitas, são tambem muito apreciadas as que seguem a sua linha direita, o corpo calhindo direito sobre a saia e muitas vezes mais comprida que faz drapé sobre a cintura tornando esta mais longa o que torna a toilette muito distincta sobre tudo sendo a pessoa alta. Estes

feitos, são todos bordados, tanto na extremidade das saias, como na dos corpinhos, o que os torna encantadores. Uns são bordados no mesmo ton, outros em cores herantes, carecendo de muito bom gosto, para que a combinação de tons dê o melhor resultado.

Nestes bordados empregam-se as sedas ou as lãs. Os "tailleurs" simples conservam sempre a nota distincta e elegante. A saia fourreau, com a jaqueta demi-longue, são os preferidos e ainda alguns, genero jaqueta russa para trotter não deixam de ser praticos e bem optados. As saias plissadas continuam fazendo furor; sendo a veste procurada para a acom-



Os novos tailleurs

I Saia de plissado fino, blusa comprida e de cintura baixa, ligeiramente franzida aos lados de modo a formar alguns golets. Guarda-chuva na barra da blusa e nas mangas. Gola alta.

II Longo redingotte em "drapella" beije, cruzada e levemente rebaçada na frente. Reborços dobrados de velludo negro nas mangas e ao longo da saia.

III Tailleur de lã em quadrados. Saia estreita. Paletot direito com pelerine, Reborços da gola e das mangas em velludo.

REVISTA FEMININA

panhar a direita umas fechadas com a gola muito subida, outras com a col chã. No geral são mais ou menos guarnecidas por bordados na extremidade, mangas e gola.

Capas, genero "homme femme" têm uma voga extraordinária.



Encantadora e originalíssima blusa de Jersey de seda branca, bordada de flores negras e amarellas. Cinto largo de fita cire negra.

Algumas têm umas aberturas, para se enfiarem, outras são simples para se collocarem nos hombros. Plissadas e outras bordadas, fazem grande successo.

Os tons, azul escuro, verde escuro, cinzento, rouille, sable e suide, são os da moda.

Chapéus de palha de seda, de crepons, de tulles, de voile é o momento da sua appareição. Os toques pequenos para "trotter" e os grandes para cerimoniaes.

As guarnições são flores e fitas, conservando a maior simplicidade na sua confecção, quero dizer as guarnições são collocadas deitadas. Os tecidos bordados para chapéus, são dum effeito maravilhoso e nunca os bordados foram tão applicados nem tão procurados.

Os fructos como guarnição e as grandes pregas de fantasia, as plumas, as aigrettes e os parafus, estas ultimas para toilette habillé.

Para solrê a variedade de penteados e adornos em pedrarias, douradas, prateadas são surprehendentes e apesar dos preços elevadissimos em todos os artigos, notamos que o luxo cada vez é mais procurado e mais admirado."

Essa chronica tem muita oportunidade, exactamente porque, apesar de ser recentemente publicada, traz a data de fevereiro, mez que corresponde, mais ou menos, relativamente á temperatura, aos nossos frios outonaes.

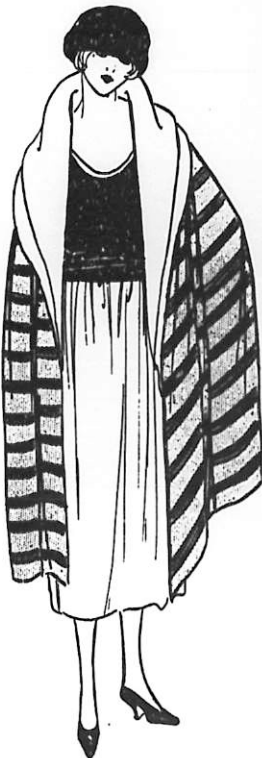
A ultima moda consiste — como já annunciamos ha mezes e só agora é que começa, de facto, a vulgarisar-se — na cintura baixa, de modo a tornar o tronco da mulher muito alto e as extremidades inferiores muito curtas. Como já fizemos notar, essa moda, que começa agora a conquistar a adopção das senhoras elegantes e que a principio parece ter sido repellida, aberra inteiramente das li-

nhas naturaes da mulher, imprimindo-lhe um aspecto completamente contrario á belleza classica. Não é improvavel que essa moda seja inspirada no Japão, onde as mulheres se caracterisam por um tronco muito avultado relativamente ás pernas, que são, em geral, curtas. No Japão, as mulheres não fazem praça desse feito todo especial das suas linhas; e, ao contrario, no interesse de tornar menos longo o seu busto, tratam de contornar a cintura com uma faixa um pouco acima da linha da cintura e pouco abaixo dos seios. Apesar disso, a desproporção entre o tronco e as extremidades inferiores ainda é notavel. Quer-nos parecer que as parisienses, enamoradas da belleza nipponica, querem, ao menos neste pormenor, imital-a.

Seja como fór, só porque é uma moda recente, os modelos de cintura baixa ultimamente creados têm um chic todo particular, e, o que é mais, uma originalidade que impressiona de subito a vista. Dentre os modelos desse feito, chamamos a attenção das senhoras de fino gosto para a edição de fevereiro dos "Chiffons", em cuja primeira pagina ha um typo de toilette que é uma verdadeira obra-prima de originalidade, de suggestão e de graça. Trata-se de um vestido egypcio em "lamé" de tom de aço gris, com a cintura muito baixa, accentuada por um cinto fixado na frente com uma medalha de aço.

A silhueta recorda porventura uma dessas figuras que servem de ornato nas columnas egypcias, e é nisto talvez que reside a sua principal originalidade.

Uma das nossas leitoras escreveu-nos longa carta a proposito de alguns conceitos que temos emitido por esta secção ácerca da moda e, em certo topico, perguntou-nos se os Jersey ainda estão em voga. Estão hoje em voga mais do que nunca. Nas lojas da moda do centro commercial da cidade estão expostos nos



Be'lo manto de "Velmousse", com rações amarellas e negras e duplo reverso de "Velmousse" de pardo esverdado.

mostuários muitos exemplares de Jerseys e quasi todos dos mesmíssimos modelos, com variantes insignificantes, como na gola e na altura. Os de algodão

lher, dando-lhe — e nisto reside a sua principal virtude — um aspecto muito juvenil, esse aspecto pelo qual anceiam todas as senhoras e particularmente aquellas



Grande capelina de taffeté em dois tons. A aba, muito flexível, é enfeitada de pumas de avestruz glicerinadas em dois tons.



Lindo chapéu para mocinha, tendo como únicos ornatos uma fita de setim preto, que o contorna, e o véo curto.

são, por certo, mais confortáveis, porque são mais espessos, mas, seja dito de passagem, inteiramente destituídos de elegância. Os modelos em algodão são um tanto de aspecto pesado, e o material, que é grosseiro, não permite que com elle se componham typos mais graciosos. Os Jerseys de seda, seja qual fôr a variedade da sua côr, são, sem duvida, os preferidos, porque são leves, airosos, deixam bem em relevo o busto da mu-

que já perderam parte da sua juvenlidade. Entretanto, abrigam muito pouco o busto, e mais servem como veste de ornato do que propriamente de inverno. Os Jerseys de seda, a despeito da sua leveza, ainda são aconselháveis, porque este fim de outonno ainda não permite os grandes e pesados abrigos.

MARINETTE.

A uma creança



Choras, creança, mas chorar não deves;
Entre a velhice e as tuas horas leves
E' pequena a distancia;
Choras debalde, choras,
Porque não sabes, flor, quanto são breves
Da humana vida as horas,
Porque não sabes quanto é bella a infancia!
Tu, cuja vida é um suave paraíso
Adornado de flores,
Da nossa vida misera, de dores
Amargas e reveses,
Nunca invejes o jubilo indeciso,
Porque teu pranto é menos triste, ás vezes,
Do que o nosso sorriso.
Os teus dias são rosas
Que vicejam, alegres e radiosas,
Nessas tuas manhãs de eternas galas;
Nunca as desfolhes, gárrula creança,
Deixa-as em paz, descansa,
Deixa que o tempo venha desfolhal-as.

Francisca JULIA.

Os Mestres

"La formation d'une âme n'est pas l'œuvre d'un jour". — Jean Charruau.

Respondeu um dia Mme. de Segur, a uma amiga, que lhe aconselhava a frequentar o mundo, já que seus filhinhos estavam crescendo: — "Mais do que nunca devo ser agora mãe, pois minha responsabilidade é tão grande que me faz medo."

E, de facto, a mãe verdadeiramente compenetrada da sua grande missão, sente que, cada anno que passa, torna mais vasto o campo do seu dever. Aos pequeninos caprichos da primeira infancia succede agora, a vontade imperiosa da criança, que já sente em si a necessidade da independencia e o gosto da liberdade. Com que cuidado e com que prudencia não precisa agir a mãe, sempre em justo meio, sem fraqueza nem rigor excessivo. E' preciso que a alegria e a confiança nos paes, seja a disposição ordinaria dos meninos.

Uma alma levada pelo temor, será sempre uma alma fraca.

Agora não é somente a educação moral, que deve preoccupar a mãe, mas a educação intellectual que igualmente requer os seus cuidados.

Actualmente, mais do que nunca, precisa a mocidade de uma educação solida e christan. As mães devem, portanto, e antes de tudo, estudar a religião do modo a poder claramente ensinal-a aos filhos. Ha mães, mesmo piedosas, que são em religião de uma insufficiencia deploravel; ellas correm assim o risco de dar aos filhos, em materia de fé, principios erroneos, deixando que fiquem com a consciencia mal formada e que cresçam em uma ignorancia perigosa das verdades as mais essenciaes.

Para as meninas, principalmente, a educação longe das vistas maternas parece anormal e imprudente.

Se a mãe tiver as aptidões e conhecimentos necessarios para se encarregar ella mesma da educação das filhas, claro está que será a educadora ideal. Mas, apesar de todos os predicados e da boa vontade, a falta de tempo impede quasi sempre as mães de tomarem a si mais esse trabalho.

Não deve, porém, ser isto motivo para affastar as

meninas do lar. A mãe poderá continuar a dirigir até o fim a educação das filhas, procurando uma mocinha honesta, piedosa e instruida, que nada mais deseja do que encontrar o lugar de mestra, em casa de uma familia digna e respeitavel, e poder assim auxiliar tambem aos seus. A sciencia adquirida perto da mãe, será mesmo mais apropriada á intelligencia das meninas. E' no

lar domestico, unica escola onde se forma a mulher verdadeiramente consciente dos seus deveres, que a menina, tendo constantemente sob seus olhos o exemplo que fortifica, aprenderá, desde seus verdes annos, os futuros deveres e adquirirá a experiencia necessaria para dirigir o pequeno reino que, cedo ou tarde, será confiado aos seus cuidados. Longe constantemente da casa paterna, em um outro meio onde adquirirá novos habitos e costumes, como extranhar que a menina esqueça o espirito e as tradições da familia e fique aborrecendo e muitas vezes até desprezando as modestas occupações de uma boa dona de casa?

Entretanto, o receio de ser contrariada sua acção, por influencias funestas e muitos outros motivos imperiosos, obriga muitas vezes a mãe a confiar a estranhos a educação dos filhos. E' então o momento de uma mãe verdadeiramente christan, usar de toda a sua força e zelar energicamente pela vida espirital dos seus filhinhos, tendo o cuidado de só entregal-os a mestres dignos da sua inteira confiança. Com que cuidado deveis escolher um estabelecimento

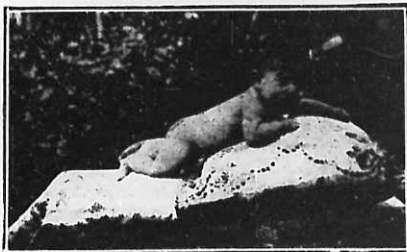
onde vossos filhos recebam uma instrução solida e uma educação seria e christan! Os estabelecimentos neutros, para os filhos tanto como para as filhas, será um grande perigo. Primeiro esta neutralidade é quasi sempre illusoria, e depois quando mesmo a neutralidade seja respeitada, não é uma coisa monstruosa a educação sem Deus? E ainda mesmo confiando seus filhos a mestres dignos de todo o respeito, a mãe deve exercer uma influencia

constante na educação dos filhos.

OLINDINA.



A brilhante e intelligente senhorita Judith Carus, filha do ex-mr. d. Maria Clara Carus, de Itaquy, Rio Grande do Sul.



Oindo Tosito, de quatro mezes, filhinho do dr. Corrintho Costa e da ex-mr. d. Celina Costa, de Cannavieiras.

Março de 1921.



TECIDOS DE LÃ



O melhor stock em São Paulo pelos melhores preços

PEÇAM AMOSTRAS

MAPPIN STORES

CAIXA POSTAL, 1391

SÃO PAULO

MARIA E AS MULHERES BÍBLICAS

Não podia ser mais lisonjeiro e mais brilhante do que, effectivamente foi, o exito de nossa nova e luso-osa edição: "Maria e as Mulheres Bíblicas", da penna andamantina de Claudio de Souza, um dos grandes escriptores de que se orgulha o Brasil intellectual deste momento. Voaram, podemos dizer quasi sem hyperbole, logo aos primeiros dias, os exemplares que nos foram chegando da typographia. Além das encomendas que de ante-mão haviamos recebido, muitas outras, até por telegrammas recebemos, logo que noticiamos a saída do livro. Bem fizemos em não attender aos pedidos de livreiros pa... remessas em grosso, pois assim não privamos as leitoras que nos quizeram enviar seus pedidos, da tão esperada novidade literaria, que constituiu em nossas letras o acontecimento do mez. Entre os livreiros que nos enviaram pedidos figuram os srs. Constante & Comp. A estes senhores, como a todos os demais, escrevemos, immediatamente, pondo à sua disposição a importância que nos haviam enviado, e explicando-lhes que não nos era possível attender a pedidos de revendedores, pois que a edição era limitada, e destinava-se, principalmente, a nossas leitoras, estando quasi previamente esgotada, e que preferiamos que fossem servidas de preferencia nossas leitoras porque o intuito de nossas edições não era commercial, mas em primeiro lugar o de fornecer leitura san às famílias que nos honravam com sua confiança. Apesar dos termos de nossa resposta entenderam aquellos senhores de publicar uma moína contra nós, na qual declaram que é de estranhar que expondo "uma mercadoria à venda" façamos monopólio da mesma para a distribuímos entre predilectos. A sem razão daquelles senhores é evidente, mas devemos agradecer-lhes o excellente reclamo que nos fizeram, e a nossas edições!

Muitas e muitas cartas temos recebido de felicitações pelo exito de nossa nova edição, e entre ellas muito nos penhorou a do exmo. sr. Conde de Affonso Celso, da Academia Brasileira, que declara ser "um bellissimo trabalho" pelo qual enviava a seu autor sinceros parabens. Tendo sido algum tanto retardada a distribuição dos exemplares destinados à imprensa do Rio, apenas se havia pronunciado sobre ella *A Patria*, nos seguintes termos, devidos à penna joven e brilhante de Paulo de Magalhães:

"Numa elegante edição da "Revista Feminina", de S. Paulo, em que resulta artistica capa de cores de Paim, publica Claudio de Souza uma interessante conferencia realizada em 22 de maio de 1920, no theatro Municipal de S. Paulo, sob o titulo "Maria e as Mulheres Bíblicas".

Claudio de Souza que é dos nossos escriptores, um dos mais festejados e que desde ha muito se affirmou como intelligencia de escôla, não se tem só restringido a escrever theatro como muita gente suppe. Além de varias obras scientificas, sobre assumptos de sua carreira — medico que é — Claudio de Souza proliuziu "Pater!", romance cuja edição se esgotou rapidamente, e outros trabalhos literarios de real valor.

Agora, em estylo elegante e crystallino e com leveza muito de notar, elle nos faz nase seu ultimo trabalho um verdadeiro elogio à mulher, à sua alma e ao seu caracter e com especialidade à alma e ao caracter da mulher notaveis que viveram no periodo biblico.

Fazendo estudos aligeirados da psychologia dessas mulheres, desde Sara e Rebecca até Maria — descreve-nos traços interessantes desses typos, mas sempre de maneira leve e corrente que prende o leitor e o não enfada.

"Maria e as Mulheres Bíblicas", é, pois, um livro interessante que se lê com prazer, como, aliás, acontece a tudo que sahe da penna apreciada do autor das "Flores de Sombra".

Escreveu-nos, igualmente, nosso brilhante collaborador dr. Austregesilo, da Academia Brasileira, que classifica nossa edição como "um bello e excellente livro".

A LEITURA

Ler bem, é a mais difficil, a mais delicada das artes, penso eu, despretenciosamente; pois que, o leitor, quando faz a exposição oral dos pensamentos revelados pelo autor provoca a comunicação dos espiritos. Assim sendo, deve portanto, sonorizar a idéa, traduzir emoções em acustica firme, plasmando o molde das sensações que recorta ao seu proprio molde, empolgando involuntariamente os ouvintes.

Euphonia impeccavel, pronunciação energica e expressiva das phrases, vibração correcta e harmoniosa das imagens, são predicações indispensaveis de que se deve revestir a verdadeira leitura, em todas as suas exigencias e asserções.

O leitor consciencioso é um artista. Anima vocalmente a todas as pessoas que o escutam, fazendo ainda na leitura, cabriolar seu talento numa simplicidade translúcida de belleza, numa flagrante espontaneidade de vida e de arte.

Para ler bem é necessario sentir, é preciso ser artista. Seja um orador, o mais eloquente, cuja voz é rispida, monótona, falho de gesticulação, de graça, enfim numa poderá contar com um auditorio benevolente.

Às vezes um leitor é incapaz de interpretar a idéa do escriptor, devido à elevação do estylo deste, que lhe não está ao alcance; todavia, illude facilmente aos ouvintes, attendendo unicamente à tonalidade agradável e comprehensivel da voz.

E' tambem necessario entender aquillo que se lê, para que a leitura seja bem feita; do contrario, ella torna-se ridicula, inutil, quando, na verdade, ella é a mais valiosa e util das nossas distrações.

Athençados os cursos de leitura! Encerram carinhosos, numa hospitalidade grandiosa, tudo o que é bom e que é bello — o mestre preclaro, o livro precioso, as paginas literarias sagradas que tanto instruem e educam — contribuindo para formar com elles uma civilização ideal.

Cingindo-se por conseguinte a uma empreza não peculiar à lei da boa leitura, o leitor infatigável desanata o rythmo com tal dissonancia, deturpando a harmonia que o autor imprimiu à sua obra. Do mesmo modo que na musica uma pausa dá vida ao trecho musical, e, quando é escripta, a desfigura inteiramente, na oração tambem, uma virgula omitida, é bastante para prejudicar essa mesma oração.

Os signaes orthographicos representam a moia dessa grande machina a que os scientistas deram o nome pomposo de "litteratura". Cálculos puramente machinisticos da linguagem, lubrificam essa moia e movel-a energicos, conforme deve ser lubrificada e movida.

Por que se não instituem os cursos de leitura, tão utilitarios, tão benificentes, factores poderosissimos da instrução e educação? Por que se não combater em prol' desse meio de alto cultivo social e intellectual? Criem-se, mantenham-se e propaguem-se bibliotecas de leitura, tão importantes, que tanto contribuem para a formação do cidadão, para a suprema igualdade de um povo feliz e gratoioso.

Carolina Cintra.

BAS-BLEU

Tendo o nosso collaborador René Thiollier, na chronica que publicou sobre a poetisa Altair Miranda, no numero passado da nossa revista, usado da palavra **Bas-Bleu**, como synonyma de mulher que se dedica às letras, referindo-se às nossas escriptoras em geral, houve alguém, — não sabemos quem —, mas por certo, bem mal guisado em conhecimentos da lingua franceza, que o veiu censurar pela imprensa, allegando que elle se havia equivocado, porquanto a palavra **Bas-Bleu** tem uma significação puramente pejorativa, equivalente a mulheres affectadas e ridiculas, que se mettem a litteratices.

Esse alguém, sim, é que está redondamente equivocado!

Se a palavra **Bas-Bleu** teve, em outras epochas, uma significação grotesca, com o correr dos tempos a foi perdendo; hoje, em França, é soheamente tida na accepção em que a empregou o nosso collaborador. A prova aqui se encontra nesta carta palpitante de belleza, que figura na pagina 264 do romance "La-Vagabonde", de Colette Willy, uma das escriptoras francezas contemporaneas mais requintadamente parizienses; é uma carta dirigida, por um homem, a uma mulher de letras, e de grande talento, por quem elle está doidamente apaixonado:

Quand je t'aurai dit cent fois que je t'aime et que je t'en veux terriblement de m'avoir quitté, que te dirai-je? Ma femme chérie, mon "petit bas-bleu" de femme, vous allez vous moquer de moi, mais ça m'est bien égal... Mon frère va partir pour les Ardennes, et je l'accompagne: écris-moi aux Salles-Neuves, chez Maman. Je m'en vais toucher de l'argent... de l'argent pour nous, pour notre ménage, petite aimée!

E quantas vezes lhe não chamaram **Bas-Bleu** a Carmen Silva?!

Abnegação

A abnegação é a mais bella flor que desabrocha no coração feminino. E' ella que nos faz martyres, santas, boas e resignadas; mas tal como um remedio, conforme fór bem ou mal administrado, pôde converter-se em meio de salvação ou de morte, a abnegação tanto pôde ser o sol radiante que illumina o lar levando o encanto dos seus raios de ouro aos seus cantos mais afastados, como pôde ser a sombra parda e espessa que o entristece.

E' grande erro apresentar ás nossas filhas a vida como uma senda de flores, sem sacrificios a arrostar nem humilhações a soffrer, e é igualmente censuravel a condição da mulher que voluntariamente se obscurece, se amesquinha, se rebaixa, só para que adquira relevo a figura do homem, do "senhor".

Desde os mais tenros annos que aprendemos o nosso destino. E' costume das mães dizer ás filhas, tratando-se de seus irmãos/nhos: "Deixa-os, que são pequenos". E ao contrario, aos meninos, exceptuando as regas da cortezia, não se lhes inculca, não se lhes ensina o respeito, a consideração, a delicadeza que devem ter para com as meninas.

Daqui resulta, como é corrente, que o menino, quasi sem se aperceber disso, se torna despota, autoritario; e a mulher, desde os seus primeiros annos comprehende que o seu destino é submeter-se e soffrer.

A resignação, seja qual fór a nossa posição na sociedade, é o nosso dever. Entretanto, amigas minhas, em nosso sacrificio, em nossa condescendencia temos de pôr um pouco de interesse proveitoso para que possamos mostrarnos aos que nos rodeiam, não como coisa insignificante de que se pode prescindir de todo, porque de nada necessita, senão como rainha generosa, que se apraz em distribuir aquillo que ella poderia disfructar.

No primeiro caso, nossa abnegação não faz mais nada de que formar perfeitos egoístas, que buscam satisfações mesmo á custa dos sacrificios da mãe. No segundo, formam individuos agradecidos, que sabem dar valor ao que se lhes offerece e não sabem aceitar-o sem uma phrase de gratidão.

Ao iniciar as nossas filhas no caminho da vida, ao entregal-as ao homem para que com elle construam o seu lar, temos a indeclinavel obrigação de fazer-lhes comprehender qual a nossa verdadeira missão. O dever da mulher, da mãe, é algo complexo, difficil; requer sciencia e paciencia e reclama de nós uma attenção de todos os dias, de todos os minutos.

Na mulher tudo deve ser renuncia, tudo delicadeza. Nosso espirito precisa estar sempre disposto a ceder e a perdoar, e, se em alguma occasião pesa sobre ella a carga dos nossos deveres e o numero de nossos sacrificios, não devemos manifestar, nem com vangloria nem com magua, a immensidade do nosso soffrimento.

Essa é, na verdade, a tactica feminina. E' prudente que occultemos ao nosso marido e aos nossos filhos, como um segredo, a lagrima, em que nos desabafamos. E' isso porque, egoista e distraído, talvez não nos comprehenda, e porque, demais, o homem, em seus momentos de descanso, necessita de alegria, distração e paz. Recebei-o, pois, com sorriso franco e dispondo vosso animo á confidencia, á troca de idéas acerca dos assumptos que lhe interessam.

O soffrimento demonstrado, a continua lamentação podem ser causa fundamental do seu desvio e da nossa desventura. Se elle não encontra ao seu lado aquillo que sonhou, irá a outros sitios, onde falta a virtude, é verdade, mas onde sobra a alegria.

Devemos demonstrar aos nossos filhos que se ha no mundo desillusões, contrariedades, tambem acharemos nelle satisfações, e que nunca falta a paz a quem pisa, com firmeza, o caminho da honra e do dever.

Tenhamos como tarefa o legar aos nossos filhos a imagem da boa mãe, que riu com elles, que com elles compartiu travessuras e sonhos, fazendo-o recordar da mulher admiravel que lhes deu animo e fortaleza com o riso nos labios e o gozo no coração. Não lhes deixemos na memoria a sombra de uma figura melancolica, que passou a sua vida a prantejar.

O que ha de bello, de amavel na virtude da abnegação é precisamente a calma, a equanimidade. A abnegação,

CANÇÃO DA SAUDADE

Não ha quem não tenha
Desejos de além...
Não ha quem não tenha
Saudades de alguém.

Contrista a paisagem
A luz do arrebol,
Contrista a paisagem...
Saudades do sol.

E a lua derrama
Seu doce luar,
E a lua derrama...
Saudades do mar.

O mar se encapella
E vem e se espalha,
O mar se encapella...
Saudades da praia.

E o peito se opprime,
Solta de dôr.
E o peito se opprime...
Saudades do amor.

A noite desprende
Seu véo tredo e mudo.
A noite desprende...
Saudades de tudo.

Não ha quem não tenha
Desejos de além,
Não ha quem não tenha
Saudades de alguém.

DESTINO

Quão diversa, meu Deus, no mundo é a sorte!
Duas vidas que o fado atroz irmana.
Uma por bem só teve a magua humana
A outra teve dos gozos a cohorte.

Até do briho altivo do seu porte
Irradia a ventura que a embalsama,
Quanto á outra, só traz da sorte insana
Vestígios de uma dôr cruenta e forte.

São as duas da mesma humana essencia,
Porque tal differença, horror tão vivo,
Porque na vida assim tanta inclemente?

Lembram juntas tristeza e esplendor,
Um vulto de cypreste pensativo
Ao pé de um "flamboyant" vermelho em flor.

Vaynha Pereira Gomes.

(De (Folhas que cáem).
S. Paulo, 1921.

para ser digna de ser assim chamada, não ha de mostrar-se assignalada pelo gesto do sacrificio. Não, a verdadeira abnegação soe apresentar-se com a feição resplandecente da alegria, tal como se fosse uma graça especial que Deus concedeu a quem o adora, aprendendo, na contemplação do céo, a considerar facil e supportavel o que ha na terra.

Nada mais antipathico que a mulher despotica, cheia de si, egoista; mas tambem nada mais pesado nem mais mortificante que o gesto da resignada que externa o seu descontentamento aos que lhe fazem insupportaveis a sua missão e o seu espinhoso dever, só porque, no

seu afan de dedicar-se inteira e exclusivamente aos seus filhos e ao seu marido, não encontra tempo para um descanso appetecido, nem minuto para discreatear com serenidade. Isso é a consequencia logica da abnegação condemnavel.

Ao tratar deste assumpto disse o sr. Martinez Sierra: "Não sejam tyrannas em seu lar, mas tambem não sejam escravas, porque a escravidão inevitavelmente amesquinha a alma e rebaixa o caracter.

Concepción Hernández de Roca,
(Correspondente especial da "Revista Feminina", em Saragoça, Hespanha).

MAIS UM!

Numa longínqua povoação asiática, perdida numa região cheia de sol e batida pelo oceano, existia uma crença profunda enraizada na alma popular.

Era ao meio dia, ao calor esrazeante do sol, no silencio da Natureza paralyzada sob o seu dominio ardente, ou á meia noite, quando os elementos enfurecidos enchiam o espaço com os seus c'amos de raiva e doídas serpentina de fogo raleavam no céo medonho.

Ouviam-se, então, á noite, vindos do mar, ou de dia, das altas montanhas proximas, longos gemidos humanos. No estrondo da tempestade distinguam-se dolorosas e desesperadas imprecações, vozes cheias de lagrimas e fel, de supplicas e pavor. Ao meio dia eram gritos finos que cortavam o ar, gritos agudos e dolorosos como um estylete.

"São -- dizem, repassados de fé e pavor, os habitantes do lugar -- as almas condemnadas dos maridos que, em épocas remotas, ao regressar de correrias a terras lulinhas, assassinaram as esposas, porque traziam, das terras distantes, mulheres mais formosas..."

Veli-me á mente esta lenda, aprendida não sei onde, ao passar os olhos pelo noticiário dos jornaes desta manhã, que publicam a tragedia de mais um lar. -- "Mals um-que mata a mulher!" exclamámos horrorizada e cheia de piedade, "Mals uma victima da prepotencia masculina, que cae, crivada de facadas ferocissimas!"

E o fim tragico da pobre levou-nos a reconstruir o seu longo martyrio de mulher casada, acorrentada a um companheiro viado, egoista e brutal; e tivemos a visão da sua vida de sustos, de Incoercíveis repugnancias, de dolorosas humilhações, de todo o interminavel rosario de abnegações e renuncias que é a vida de toda a mulher que se submete incondicionalmente, passivamente, ao egoismo inconsciente do homem... Tivemos calafrios e engulhos, piedade e impetos de revolta!

Porque esta submissão tola e servil? Até quando a mulher se curvará, sem discussão nem exame, á autoridade do homem, seja este pae, irmão ou marido? Quando chegará o dia em que ella, reclamando o seu verdadeiro posto na sociedade e na familia, marque ao homem um limite ao poder que elle usa discrecionalmente? E' necessario, é indispensavel, é urgente que alguma coisa se faça para cohibir esses attentados contra a vida de inermes mulheres, attentados que ficam impunes, na quasi totalidade dos casos.

Doentes, cujo estado morbido se manifesta por um desejo irremediavel de celebridade, esses matadores não encontram difficuldades na escolha do caminho que os conduzirá ao fim cubilado: tomam o do crime, cujas emoções são de molde a satisfazer a sua baixa animalidade, e atiram-se sobre quem lhes está mais á mão...

Esses doentes, porém, lá no seu foro íntimo, obscuramente, através da densa nevoa da absurda ignorancia e da enfermidade, e não obstante ellas, têm para si que a fama é doce quando attrah sympathias... Mas, como attrahir sympathias para as monstruosidades da face, dos revolvers, dos venenos? Aqui é que bate o ponto. Então não se mostram imaginosos, seguem todos a mesma trilha batida: fazem-se paladinos da honra. E' o mais commodo e o mais seguro... E é de vêr a arte hypocrítica com que procuram rolear-se de attenuantes, todas ao serviço da "honra", que, afinal de contas, tudo bem medido e pesado, não passa de réis vaidade e repugnante malvadez.

A prepotencia masculina, enquanto não encontra a barreira que um dia lhe opporá a áctive da mulher armada dos seus direitos reivindicados, deveria achar a condemnacão dos seus desportos na consciencia dos homens honrados e justos. Mas onde esses homens honrados e justos? Poderão reclamar esses qualificativos aquelles que têm julgado assassinos de mulheres em S' Paulo? Estamos certas que não, infelizmente. Esses criminosos gosam de benevolencia especial, porquanto vêm cimentar, mesmo na consciencia de muitas mulheres, um pseudo direito que o homem avocou ao seu sexo: o de matar a mulher quando esta se desvia do caminho que elles, em regra, não se julgam obrigados a perlustrar... Portanto, mandando para a rua essas taes representantes do sexo forte, o homem não faz mais do que ser coherente consigo mesmo.

Entretanto, não de todo descrente da honradez e da justiça, apesar de tudo, daquí destas columnas fazemos um apello ao Jury paulista para que não negue a esses individuos -- desabusados que não dão creditos a lendas -- uma estação de cura na "Escola de Regeneração" do Estado.

Maria Paulista.

S. Paulo -- Março, 1921.

MOÇA TRISTE

Para a "Revista Feminina"

Sol o roseo esplendor dos teus vinte annos,
Na successão dos dias e das horas,
Ahyamada em profundos desganhos,
Sósinha e triste, ardendo em felice, choras...

Os teus olhos castanhos, pensativos,
Cheios de unção, de graça e de piedade,
São quaes tristonhos passaros captivos,
Num bosque em flor carpindo de saudade...

Que importa ao mundo a acerba desventura
De um casto lyrio humano que soluça;
Que sobre o lago triste da amargura
Como esguia cegonha se debruça?

Palida e linda, mystica e virtuosa,
Trazes na fronte um resplendor fulgino:
Ha desmaios de estrelas e de rosas
Nesse amor entre lagrimas sorrindo...

As maguas que tu sentes e não dizes,
Na conjunção angelica de santa,
Aos que vivem alegres e felizes,
São gritos que não soem á garganta!

— O bem que a gente alcança neste mundo
Não vale a dor pungente das feridas:
Definharias, sem que o teu amor profundo,
Celebre a eterna communhão das vidas!

Laurindo de Brito.

O movimento feminista nacional

Dia a dia se affirma o incremento que vae tomando o feminismo em nosso paiz, e, felizmente, sem tendencias anarchicas ou despropositadas, mas com direcção pratica e efficaz. Assim é que não se passa semana sem que por novas manifestações elle revele a pujança com que o espirito feminino se apreste para o trabalho de collaboração na actividade social. Nesse movimento fomos nós a dar o primeiro impulso. Quando surgiu a nossa Revista, entre a ironia de muitos e a descrença de todos as idéas de feminismo não existiam em nosso paiz. A Virgilina de Souza Salles deve-se, com justiça, o primeiro passo. Foi ella a pioneira ousada, que se inflammara santamente na fé de um ideal, quem abriu a nossas patricias estrada que se lhes antolhava cheia de abrochos. Em nossas columnas desabrocharam os primeiros alcores de esplendida manha que nos promete tão lindos sóes. Nem sempre seu nome é lembrado. Não importa, porém. Sua modestia, em vida, procurava esconder seu nome para que só rutilasse sua acção.

Para o culto de sua saudade aqui continuamos nós sua cruzada. Importa, apenas, que a semente que ella lançou não morra. Sua immortalidade não vivia em seu corpo, senão em suas idéas. E estas vão vingando, robustamente.

Ainda agora, na Capital da Republica, secunda-se a acção pela qual tanto ella pugnou nestas columnas: a creação de um centro ou clube feminino. E' sua iniciadora uma das muitas moças que neste momento estão a serviço das actividades sociaes, a sra. Luiza Ruas, dactylographa do gabinete do Prefeito da Capital Federal, cujas idéas, que a seguir reproduzimos, coincidem ponto por ponto com o programma lançado por nossa inolvidavel fundadora:

— Bato-me pelo feminismo pratico. E' minha grande aspiração congregar, em um centro, todas as moças que almejam, por meio do seu trabalho, a emancipação da mulher, visando, antes de tudo, o beneficio das proprias. Não será um centro de palradoras, como

nos chamam, mas um centro onde as associadas possam encontrar dormitorio, restaurante, secção de armarinho, laboratório, duchas, sala de literatura, etc.

Pode parecer, assim, á primeira vista, um sonho. Não o será, entretanto, desde que haja união e as moças se disponham, finalmente, a conquistar, em nosso paiz, por si proprias, aquillo que outras, na Europa e na America, têm alcançado. Não ha tropeços onde existe boa vontade. Exponho-lhe, em rapidas palavras, as razões que me levaram a pensar na fundação de um estabelecimento de tal natureza.

Não são poucas as moças que, depois de um dia de afanoso serviço, se recolhem ás suas pensões, onde, vivendo em meio de estranhos, não encontram o menor conforto. Isolam-se e ficam em seus quartos, não aperfeiçoando seu preparo nem recreando o espirito com leituras sadias. Quando têm, têm futilidades. Além disso, visando economia, procuram pensões de menor preço — o que se vae tornando raro — e a alimentação não é substancial, de modo que em pouco tempo, o seu organismo se compromette. Quando se trata de recorrer a um medico, a situação dessas moças agrava-se sobremaneira, pois os exames, as consultas e os remedios quasi que absorvem todo o seu ordenado, que varia de 150\$ a 200\$000.

Com a fundação do Centro, fornecendo elle ás associadas esses recursos, por preços reduzidos, acredito que teremos realizado um serviço de grande proveito. E' claro que elle não poderá vingar com 50, 80 ou 100 associadas, mas, com uma legião, vencerá e produzirá os magnificos frutos de que se ufanam justamente as moças de outras terras."

Oxalá tão sympathica iniciativa logre hoje, em que o tereno se acha mais desbravado, grande numero de adeptas e proxima realisação. Aqui, em S. Paulo, a indifferença da maioria das nossas patricias não permitiu que ella se transformasse em plena realidade. Poucas accudiram a nosso appello, e eis porque talvez o Rio venha a possuir antes de nós o primeiro centro social feminino.

Brasileiras e Estrangeiras Comprem na "CASA BONILHA"

— Tem bom sortimento, —
serve bem e vende barato.

Grande sortimento de pelles e artigos para o inverno

EM CARTA (A. J. CLEOPHAS)

Meu caro amigo:

O modesto funcionário publico que é o carteiro da minha circumscrição aqui na Glória, visita-me sempre pelas 8 horas da manhã. Sale você como nos faz bem essa visita, como é elevada e nobre a missão desse sempre desajogado visitante matutino. Fazem poucos dias ainda a minha visita ao meu carteiro, entregava-me um pequeno volume bem embalado, no qual pela forma se adivinhava um livro, e a minha curiosidade incoitada acabou por convencer, enquanto aguardava a desatolação do registro. Ah! o embrulho e deparo com um exemplar do romance "Senhora de Engenho", do sr. Mario Sette. Esta surpresa agradável, tornou feliz aquella hora que talvez fosse decorrer em pensamentos tristes, em apreensões acaloradas, talvez! Tinha eu ali, o testemunho de ter sido lembrado de um amigo, o encanto de conhecer um livro novo, o prazer de ler um escriptor conterraneo. Foi sob essa impressão de agrado que iniciei a leitura. Terminando-a agora, adicionei mais o prazer de contar com a certeza de mais um nome que se inscreve brilhantemente, na moderna geração de romancistas, já accouturada com tanto vigor, nos nucleos mais centrais de nossa cultura intellectual que são neste momento S. Paulo e Minas.

O sr. Mario Sette revela-se nos após os ensaios de varios contos já reunidos em volumes, o observador muito subtil e cheio de sinceridade, no romance "Senhora de Engenho". Se portanto a exactidão do conceito, está com os que affirmam que: a qualidade primordial de romancista, é o senso da realidade, elle realisa plenamente.

Ainda bem que é mais um nome a alinhar nessa phalange brilhantissima que prepara em nossos dias, esse "orgão indispensavel de uma nacionalidade", isto é uma literatura que se define e que contribua para a vida espiritual da humanidade, como o queria José Veríssimo. E se ainda vissevesse aquelle critico tão novo e tão avia, ao ver como já não cede nem dar, alumnos ainda mal aproveitados de mestres que nem sempre comprehendemos e que frequentemente imitamos desajeitadamente.

Agora começamos a ter literatura nossa, com os escriptores inspirados em nossa vida, nossos costumes, nossas paisagens, nossa alma. Estamos nos libertando daquella influencia russa, alemã ou Scandinavica que o critico literari descobria, analysando as nossas obras dos ultimos annos ao seu pseudo passado. Então, chegou a dizer de Coelho Netto, que: "lendo-se a primeira parte de "Miragem", a impressão é mais da vida campestre portugueza que brasileira (ob. cit. pag. 247).

Naquelle epocha, lembra-se você, meu amigo, que foi Recife com a sua escola propria, o centro de onde irradiou muita luz para a nossa intellectualidade, onde floresciam as nossas letras com mais brilho.

O tempo e o progresso, multiplicaram esses nucleos fecundos; alguns floresceram e sobrepujaram.

Temos em nossos dias S. Paulo, Rio Grande do Sul e Minas, em cada um dos quaes, atravez de sua literatura muito propria, muito sua, podemos auscultar-lhes as palpações de organismos novos e saudios. Mas Recife, não foi e não podia ser indiferente a essa evolução que tambem accompanha de perto, e uma prova é o romance do sr. Mario Sette.

"Senhora de Engenho" com esse thema suggestivo e suaves colhido ali onde o romancista faz viver a sua obra nas propriedades rurais de Pernambuco, tem a poesia encoberta da simplicidade sincera daquelle meio. Esse meio puro, livre das corrupções vulgares da civilização, tão bem descrito agora pelo nosso romancista, foi o mesmo que inspirou o espirito superior e civilizado de Joaquim Nabuco.

E se bem que, livre da preocupação de these, o romancista de agora, conciliando com a vida simples e boa dos nossos engenhos; convertendo ao viver tranquillo e natural das nossas camponezas, o espirito requintado e futil duma carioca de Copacabana, tem implicitamente incidido, nessa theoria do reconecto do circulo vicioso da humanidade, pela derrocada de todas as convencões.

Não sei, meu amigo, se está você identificado com essa moderna theoria, mas por isso mesmo, quero aqui em rapida digressão mostrar-lhe como com ella se concilia o admirado homem de letras sr. João Ribeiro. Ha dias commentava elle a theoria do americano Fillan que garante a marcha da civilização para as regiões frias e é a esse proposito que João Ribeiro escreve:

"Melhor fóra lá em cima escapar, por uma tangente, a esse globo cheio de misérias, de calamidades e de theorias.

E quem sabe? Talvez voltemos ao principio, ao inconvenconal, ao primitivo, tão perturbado pelos artificios successivos e crescentes da civilização".

E agora devo talvez lhe perguntar se não foi essa volta ao principio, ao inconvenconal, se não foi esse movimento salvador, semelhante a uma retirada de um campo minado, o que a senhora Horácia?

Deixou a atmosfera artificial e hypocrita dos grandes centros civilizados, pela pureza incomprehendida da vida do campo. O titulo de "uma menina de Botafogo" pelo de "Senhora de Engenho" e ponde então comprehender, como "ha na estima rude de uma velha preta de casa, maior valia que em todas as relações de mera polidez feitas numa existencia na cidade...". Foi enfim, com esse symbolo fiel que é a D. Iracema, do romance do sr. Mario Sette, aprender a ser mãe, como tanto o sabem ser, as nossas "senhoras de engenho" e tão diferente a vida seria no meio onde a mais nobre missão da mulher é função mercenaria de governantes.

A paisagem no livro do sr. Mario Sette, é ligeira e superficial, o escriptor mundano, porém, o observador intelligente, não deixou escapar ao seu seguro golpe de vista nem mesmo, os ligeiros cacotes e tolices da superficialidade feminina. O meio social carioca parece não lhe ter podido occultar nenhum segredo, elle tudo surprehendeu, desvendou.

A vida do campo nos engenhos então, desta se mostra elle um conhecedor exacto. Conhece-a profundamente, com todas as suas nuances, essa vida pura, sincera, casta, que nos descreve fielmente.

E foi além o romancista, indicando-nos o caminho da prosperidade, da abundancia, no trabalho mais intelligente, no auxilio cada dia menos dispensavel da sciencia, na obediencia ás leis da Economia.

E um romance e um brado aos filhos dos nossos campos fecundados, porventura transviados pelos falsos esplendores citadinos, atrefados quicá, á chaga corrosiva do urbanismo impiente. Rio — Abril — 921.

Lygio.

RESPONDENDO UMA CARTA

Senhorita X...

Pedes-me que fale de amor nas minhas cartas e que manifeste o meu modo de pensar sobre esse portentoso assumpto, tão velho e debatido como a primeira pagina da historia da criação. Que pretendes que eu diga? Acaso não julgas sufficiente aos teus desejos de saber, tudo quanto tens lido a proposito delle? Não te contentaram os voluptuosos conceitos de Gilka Machado, nem a opinião sizada do velho Camillo? Essa infinidade de poetas cantando, diariamente, hymnos ao amor, desde remotissimas epochas, não saciaram, por ventura, tua sede intensa? Queres mais ainda?

Todas essas interrogações encontram somente uma resposta justificavel na incoentabilidade do teu espirito irrequieto e ardente.

Não sei eu, porém, quem haja de conquistar o premio de merito do teu julgamento. Seria irrisorio que tu pretendes expender considerações sobre esse thema tão vasto e sempre novo, que vem sendo o apanagem dos corações no "mare-magne" da vida, desde os primordios da humanidade.

Não te parece que o amor representa o traço de união entre o homem e a mulher? Para esta, o amor unico, verdadeiro, é o homem, que representa o poder de protecção, e para aquelle, a mulher é o proprio amor, representando a fraqueza, que precisa de amparo.

No mesmo instante em que Deus criou a distincção de sexos, o amor irrompeu do seio da terra virgem e fugiu-se, bipartido, em ambos os corações. Bipartia-se, porque, somente o coração da mulher, de que Eva foi o molde, ou somente o do homem, que recebeu as formas de Adão, seria demasiado pequeno para conter o todo. Desse acontecimento nasceu o affecto. O amor está dividido em duas partes: uma reside no coração do homem e a outra no da mulher. E' por isso que se dá a approximação dos sexos. Essas duas partes tendem se unir pelo affecto. Dirigem-se para o mesmo ponto magnetico arrastadas por uma força de cohesão que as une um todo harmonioso. O amor resurge, então, perfeito como nasceu do seio da terra, existindo inteiro em dois corações pulsando debaixo do mesmo rythmo, percorridos pela mesma corrente dinamica, que parte do principio Sagrado das Santas Escripturas.

Não sei se queres que eu fale do amor animal, comum, função physiologica da vida selvatica, ou se dejes ler-me acerca do amor-affecto, que nasce d'un olhar ou d'um meigo sorriso; do amor que inebria, que é verdade e mentira, que é loucura e nunca sensatez; desse amor que surge de um inesperado encontro, fiavel do acaso, para muitas vezes morrer sorrendo o veneno de um beijo.

As palavras de amor são sempre as mesmas. A lingua é pobre para defini-lo através de todos os primas em que pode ser observada.

Para mim, elle é essa força que me arrasta o coração para um lado ou de alguém. E' pureza, porque nasceu dos sentimentos puros; é verdade, porque tem o alvoro da pureza; é o affecto e sentimento, porque é força de cohesão irresistivel; é novo e forte, porque não tem a affeição de amor banal e fragil que a paixão absorve; é graça e perfume, belleza e encanto, magia e doçura, porque, para mim, elle encerra o teu doce perfil.

Gilberto ARANHA.

Natal, fevereiro de 1921.

Os retratos de Tórtola

A grande bailarina hespanhola

E' já uma coisa proverbial o engenho maravilhoso que tem para retratar-se esta artista perturbadora, que encheu a Hespanha de tanta inquietação. E' provável que muitos artigos de jornal e algumas pequenas novellas tenham sido compostos para se illustrar com uma photographia de Tórtola. Lendo-os, ver-se-á o escriptor afastar-se um pouco daquillo que inspirou a sua obra e tentar divagações fóra do assumpto, embora, no fundo, o thema que se propoz é glosar o retrato. Quantos retratos terá tirado Tórtola? Não se sabe. Ella propria não o saberá talvez. Perde-os, dispersa-os. Momentos haverá, por certo, em que como sóe succeder a outras artistas, ella, que tem sido tantas vezes photographada, não possua nenhum retrato que a recorde e que nos possa offerecer, nem mesmo um desses retratos que se fazem pela rua e que são revelados e entregues no acto.

Tórtola acarinha as suas danças, renova-as todos os dias nas galerias dos photographos, em frente ás machinas impassiveis. Sem embargo, como está tão cheia dessa paixão intima, como gosa tão profundamente em seus bailes, nesse momento de abandono e solidão a sua attitude ganha a perfeição e chega ao maior limite da serenidade. Compreendendo a extase que ha de dar ao seu movimento a fixidez photographica, assume a attitude mais escultural e definitiva. Nas photographias das suas danças, Tórtola tem um grande cuidado de escolher, entre toda a sua multi-forme variedade, os movimentos, o rythmo e o gesto mais expressivos, que são como que a chave de todos elles: a attitude central mais representativa, a que merece ficar perpetuada.

De tal modo encontra a attitude que a perpetua e que representa, em um só momento, toda a dinamica da dança, que as suas photographias parecem marmores, esses marmores nos quaes, por um milagre de arte, se obtém a mobilidade da imagem numa apparente immobillidade.

A immensa galeria de retratos de Tórtola enche a nossa imaginação como uma fita cinematographica, e a dançarina

baila, e vive, e se transforma na combinação que na de todos se realisa. Creio que existe em toda esta obsessão das photographias de Tórtola, e que a recordação dellas se confunde com a que nos deixam as visitas que fazemos aos museus dedicados a um só artista, com todas as salas cheias de identica nota pessoal, tão genuina e tão repetida, que dão a impressão de que a vida do artista está exposta em relevo á nossa vista, em todas as suas edades. O museu de photographias de Tórtola. E' lastimavel que se não conserve esse museu, porque esses rasgos da photographia são tão geniaes, que não podem ser imitados nem reproduzidos.

A machina e a luz obedecem muito á influencia do momento, á inspiração como a poetica, filha de não se sabe que coincidência nem que segredos.

Poder-se-á tornar a fazer um retrato como aquelle que se perdeu? Não. Seria em vão que, vestido com o mesmo traje, arranjada a figura de igual maneira, situado na mesma galeria e arte a mesma objectiva, o modelo fizesse a sua "pose" nos mesmos instantes, porque o resultado será, provavelmente, opposto. Póde dar-se que a mocidade não tenha ainda sido perdida, póde-se dar-se até que a belleza seja maior, mas aquella photographia não poderá ser a mesma, ou, melhor, não poudé ser imitada.

Eu quizera hoje catalogar as ultimas photographias de Tórtola; quizera pôr-lhes o numero mil e tantos ou dois mil e quantos, que lhes devem corresponder, mas sinto, deante dellas, a necessidade de fazer um resumo justo dessa numerosa collecção de seus retratos. Merece ser exaltado esse espirito de renovação, esse què decorativo que a celebre artista creou e impoz á arte photographica, esse què que se nota em suas photographias, e que não é moda, nem novidade nem alarde, senão arte pura, a mesma arte que existe em suas danças, a mesma arte que nos seduz nas figuras pintadas no bojo dos vasos gregos e etruscos...

CARMEN DE BURGOS (Colombine).
(Nossa correspondente especial em Madrid).



ARTE DA BELLEZA

IX

CURSO COMPLETO DE
CONSERVAÇÃO E CULTURA
DA BELLEZA

OS DENTES



MAU HALITO

Esta enfermidade é mais repugnante ao considerar-se que as pessoas que d'ella padecem tomam muito poucas precauções para attenuar a sua gravidade.

As causas são diversas. Ora é devida a uma affecção profunda dos órgãos pulmonares ou gastricos; ora ao amontamento no canal nasal de mucosidades cuja expulsão não poderá verificar-se em razão da estreiteza dos vias proprios do nariz; ora á presença d'um polypo, d'uma ozena, etc., etc. Em qualquer d'estes casos torna-se necessario recorrer á medicina, e se o facultativo os julgar incuraveis, deve-se dissimular quanto seja possível este defeito, o que se consegue attenuando o mau cheiro por meio da mastigação de substancias aromaticas, como canella, noz moscada, anis, etc. As damas romanas serviam-se com vantagem de pastilhas de folhas de myrto e resina de lentisco, maceradas em vinho velho. As mulheres do oriente mascam a resina de lentisco, e as europeas usam pastilhas d'hortelã pimenta e outras substancias aromaticas.

Se o mau halito depende d'uma affecção do estomago, aconselhamos a agua de chlorureto de cal, ou as pastilhas de carvão, que tem a propriedade de absorver e destruir os gazes do estomago.

Água de chlorureto de cal

Chlorureto de cal 2 grammas
Água 1 litro

Filtre-se depois da completa dissolução e acrescente-se:

Hortelã pimenta 32 grammas
Assucar 200 "

Lava-se a bocca e fazem-se gargarejos com esta agua, que tira instantaneamente o mau cheiro.

Pastilhas de carvão

Carvão vegetal lavado e pulverizado 1 parte.
Assucar branco 1 "
Chocolate simples 3 "
Mucilagem de gomma, quantidade sufficiente.

E' preciso moer primeiramente o chocolate com o assucar; acrescente-se depois a pouco e pouco o carvão, e com a mucilagem formam-se pastilhas de dezoito grammas cada uma.

Toma-se de quando em quando uma pastilha, que se dilue na bocca passando-lhe a lingua por ambos os lados, e engole-se a saliva, que ha adquirido a virtude de absorver os gazes fetidos contidos no estomago.

Nos casos, muito mais numerosos, em que a fetidez do halito depende do desasseio dos dentes, ou de suas caries, um dentista habil restitue á bocca sua primitiva pureza, arrancando os dentes ou raizes cariadas e limpando o sãos. Depois de sair de casa do dentista é necessario conservar a limpeza da bocca, observando-se o seguinte:

I. — Deve lavar-se de manhã ao levantar da cama, e á noite antes de deitar, com uma escova carregada de pó dentrificos.

II. — Não beber nem comer nunca demasiado frio nem demasiado quente; evitar especialmente beber liquidos gelados depois de ter tomado um caldo muito quente, porque não ha nada mais funesto para os dentes do que a mudança subita d'uma temperatura extrema a outra opposta. O esmalte altera-se, torna-se amarello e algumas vezes cae.

III. — Depois de comer manjares ou fructas acidas deve lavar-se immediatamente a bocca e limpar os dentes com um panno, porque os acidos atacam e tiram a cor ao esmalte.

IV. — Depois de cada comida, ter cuidado de extrahir com o palito as particulas d'alimentos que ficam nos intersticios dos dentes e lavar a bocca com agua morna no inverno. Se se reflexionar sobre os graves inconvenientes que resultam da putrefacção das particulas da carne entre os dentes, como o mau halito, as manchas do esmalte e as vezes as caries, comprehender-se-á toda a importancia das precauções que aconselhamos.

Segredo do Oriente

(Leite de amendoas glicerinado). Dá a mulher Encanto e Formosura
Assetina a pelle — Tira as sardas, manchas, etc.
Casas: Lebre, Fachada & Cia. e Drogarias de 1.º ordem. Vidro \$5000.

Tórtola

A CELEBRE



A gloriosa artista, a uma das portas lateraes do Theatro Municipal, em companhia do sr. João Salles, director da "Revista Feminina", após um curso de automovel pelos arredores da cidade.

Esta não é uma mulher como as demais. Mesmo aquellas que, pelo seu espirito, pela sua cultura e pela sua belleza, estão collocadas muito acima do nível das outras mulheres, não deixam de ser absolutamente mulheres como as demais, com todas as suas fraquezas e pequenezes, com todas as suas vaidades e venenos. Esta é uma mulher pela fôrma. Mas Venus tambem tinha a fôrma de uma mulher... Tal é o prestigio de Tórtola Valencia, tal é o seu poder de evocação, taes são os sonhos que ella cria tão só com o esboçar um gesto, um movimento, uma attitude, que nós, deante della, nunca cuidamos que ella seja de facto uma creatura como nós, feita da mesma argilla, mas sim uma semi-deusa, que em tudo revela a sua origem olympica.

Ninguém, ao vel-a dançar, poderá ficar indifferente, senão deslumbrado. Claro está que a sua arte não suggere a todos os mesmos sentimentos, mas sentimentos diversos e até oppostos, conforme o temperamento, o estado d'alma, a sensibilidade, a mentalidade e a intelligencia de quem a contempla. Se o espectador é rude, vasio de idéas, incapaz de um devaneio, a sua arte nada lhe suggerirá fóra da espessa crosta da materialidade que o envolve, mas, em compensação, immobilisal-o-á no extase, nesse extase sem pensamento, que é fascinação, que é limbo. E se esse mesmo espectador se habituar a vel-a sempre e, cada vez mais arrebatado, sentir a curiosidade de assistir



Sala de refeição na sumptuosa casa de residencia da celebre artista, cujo mobiliario artistico, quadros de genero, objectos de arte e preciosos bibelots, seriam dignos de um palacio principesco. A disposição de cada peça de mobiliario ou de cada objecto obedece a um gosto apuradissimo.

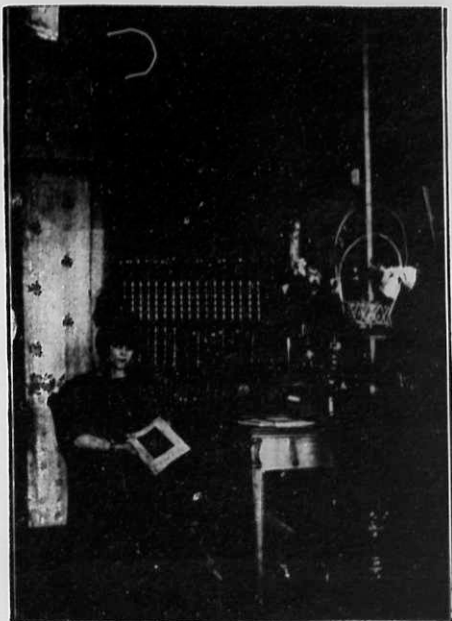
Valencia

ARTISTA

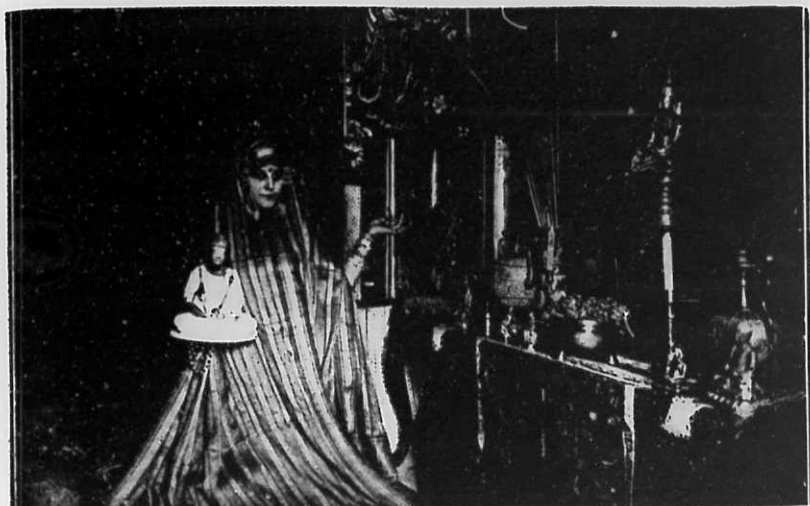
a todas as suas creações, é provavel que, ao cabo de algum tempo, a sua couraça de materialidade se terá adelgaçado e elle começará a ser permeavel ás idéas e aos sentimentos. Importa isto dizer que a arte dessa maravilhosa artista é uma escola de sensibilidade.

Prosadores e poetas, por onde quer que ella tenha andado, teceram-lhe louvores, á artista e á mulher. Um houve que lhe cantou a belleza dos braços, daquelles braços que, mais que as contorsões do seu corpo incendiado pelo sagrado fogo interior, mais que o encanto do seu collo, semelhante á torre de David, mais que a attração das suas pupillas enormes, insondaveis, scentelhantes como as do basilisco ou como as da hyena encurralada, ora candidas como as de uma virgem, ora singularmente inexpressivas como os olhos da esphinge de Thebas, mais que tudo isso devem ser admirados nas suas danças, porque a mimica dos seus braços tem uma eloquencia unica e irresistivel. Outro cantou-lhe os pés nus, brancos como se fossem talhados em marfim, e tão leves, que, ao pisar o chão, parece que mal poíçam e anseiam por levantar de novo o seu voo. Este outro, o perfil, de linhas fortemente recostadas, muito a preceito para um hyeroglypho egypcio. Aquelle outro, o conjunto do corpo onde a harmonia é perfeita, não pela suavidade, mas por certos effeitos de contraste.

Tórta Valencia tem a paixão de todas as artes e cultiva algumas com excepçional engenho. Contam



Tórtola Valencia na bibliotheca da "Revista Feminina", durante uma das visitas que fez a esta redacção. Esse elegante recanto da nossa bibliotheca constituiu para ella, no decurso de largo tempo, um ambiente propicio ás suas meditações e curiosidades.



Salão asiatico, de notavel riqueza, onde a artista, nas suas horas de mysticismo polytheista, procura communicar-se com os velhos deuses do shintoismo nipponico. O piedoso Buddha que tem na mão, todo de marfim, foi consagrado em ritual num dos grandes templos de Kioto. Todo esse interior é ornado de tapetes de seda, de objectos de laca e porcelanas artisticas onde se lêem conceitos de moral e religião.

que ella ao conceber um baile, desenha a carvão as attitudões principais, centra-as, que vão servir de desenvolvimento ás outras, e que todos esses desenhos se caracterizam, na sua apparente imobilidade, por um surpreendente movimento. Alguem até arriscou-se a dizer que ella é tão grande bailarina quão grande desenhista.

Ella, desde que sentiu os primeiros lampejos do genio, voltou toda a sua curiosidade para o antigo Oriente, para aquelle Oriente que será um eterno mysterio para o espirito occidental. Resuscitou as danças hieráticas, arrancando-as do limbo millenar em que jaziam, plasmadas, em fórma de caracteres intranscendíveis, nas columnas derrocadas dos templos, nos antigos baixo-relevos, nas pinturas polychromicas do Egypto, da Babilonia, da Indostão e da Persia.

Conta Pompeyo Gener que Tórtola, para realisar tal maravilha, estudou em Kensington, de Londres, as attitudões das figuras que vê nas lápides da alta antiguidade asiática, nos papyrus ou nos relevos; e tirando ella mesma croquis dessas posturas, e relacionando-as, reconstrue em sua imaginação de artista o que deveriam ser os bailes sagrados daquelles antigos ritos lithurgicos. As vestes, ella propria as imagina segundo os apontamentos que tomou e ella propria as confecciona. A maior parte dellas são fazendas transparentes, com bordados, em que a artista se envolve de uma maneira original, tal como no tempo em que essas danças eram representadas.

Já vimos, acrescenta o mesmo escriptor, as danças orientaes reproduzidas nos espectaculos em Pariz; vimol-as, ha muitos annos, em Amsterdam,

quando da Exposição Universal Colonial, no "Camalang" da India, executadas por indigenas do paiz do Ganges. Não ha muito, em Londres e em Paris, admirámos a reprodução de antigas danças gregas, mas, até ao presente, nada, podemos assegurar, nos produziu o effeito de verdade historica viva, como as danças de Tórtola Valencia.

Ha uns conceitos dessa artista, a proposito da dança, que merecem ser assignalados. Objectando-lhe alguem porque não dançava como as demais, respondeu ella: "Se o sol segue hoje, como antigamente, seu esplendoroso curso, derramando vida e alegria, sem que ninguém disso se surprehenda, não ha motivo algum para que as bailarinas não dançem nem se movam da mesma maneira que Thais, sob o luminoso céo de Alexandria, nos tempos dos primeiros sacerdotes da Igreja grega, e não como quer impor o theatro convencional e artificioso".

Porque, preciso é que se diga, Tórtola Valencia, quando executa as suas danças antigas, nada ou muito pouco tira da sua imaginação creadora, senão da sua extrema acuidade interpretativa. Ella não cria, mas interpreta; não inventa, mas reproduz. E' uma verdadeira exegeta dos versiculos antigos. E' esse amor á verdade que a obrigou a afastar-se dos convencionalismos coreo-

graphicos. Se ella, após longas horas de observação e de estudo, conseguiu imitar absolutamente bem uma certa attitud que viu num baixo-relevo, porque ha de sacrificar a verdade em favor de uma convenção coreographica, mais decorativa, por certo, porém falsa? A sua honestidade, como exegeta, é inatacavel.



Salão oriental, onde Tórtola Valencia se apaz às vezes em recordar os ciclos gloriosos das velhas civilizações extintas. Vem-se ali vasos etruscos, objectos d'arte egypcia e babilonica. A propria artista, no alto, executa, num gesto de dança, uma figura hieroglifica, como as que se vêem pintadas nas columnas dos templos.



Tórtola Valencia a passeio por uma praça de Madrid, em companhia do notavel escriptor hespanhol sr. Hoyos y Vintet, um dos mais preciosos colaboradores da "Revista Feminina" e seu correspondente literario.



Um instantaneo interessante. Tórtola a passeio num dia fresco de outono, em companhia do seu director artistico.

CENTRO SOCIAL FEMININO

Possuio o Rio o Centro Social Feminino, inaugurado a 24 de Fevereiro deste anno, e que constituiu aqui em São Paulo a primeira iniciativa de nossa saudosa fundadora Virgínia de Sousa Salles.

"Assim como os homens tem seus clubes tenhamos nós, mulheres um centro feminino onde possamos passar algumas horas do dia em sans palestras e boa leitura, e no qual troquemos idéas sobre a acção que a idade actual arrebatou-nos aquelle querido ente que tanta vontade abrigava em seu coração quanta intelligencia e iniciativa em seu cerebro. Mas a semente ahí ficou, e está fructificado no feminismo intelligente e pratico de que Virgínia de Sousa Salles foi a precursora no Brasil.

Foi muito solemne a inauguração do Centro Social Feminino do Rio.

O Centro possui actualmente mais de mil associadas, que compareceram á inauguração da sede da novel associação.

Ao acto da inauguração compareceu o Sr. Vigário Geral do Arcebispo, Monsenhor Leite, que em nome de Sua Eminencia o Sr. Cardeal Arcoverde lançou a bênção sobre o edificio.

Em seguida, Monsenhor Gonzaga do Carmo, director do Centro, fez o historico da fundação da nova associação, salientando os esforços empregados por suas parochianas para chegar ao fim almejado e o poderoso auxilio que lhe dispensou um grupo de senhoras a cuja frente está a esposa do Sr. Presidente da Republica.

Seguiu-se com a palavra o illustre academico Sr. Coelho Netto, que, a convite de Monsenhor Luiz Gonzaga, produziu, com grandes applausos da assistência, mais uma das suas brilhantes orações, em torno do seguinte thema:

"Sociedade e solidão; rumos e silencio; expansão e concentração. Christo, o sociavel. No templo. O de-

serto, iniciação para a vida. Os discipulos. Bethania. Gethsemani, iniciação para a morte. Os demonios da sociedade, seducções exteriores. Os demonios do silencio, adversaria (maos pensamentos). O trabalho, exdreismo. A alegria e a melancolia, luz e sombra. A Igreja, reunião, assembléa. Deus omnipotente. A mestra do dever — a Fé".

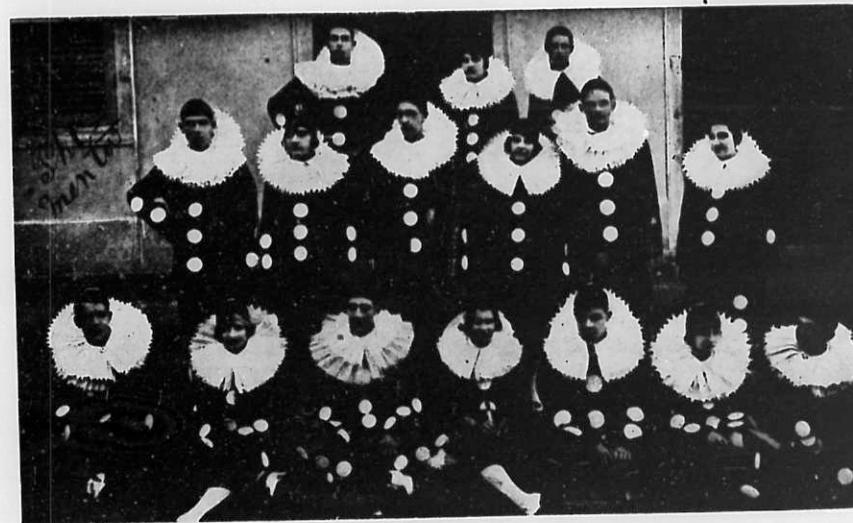
O Sr. Vigário Geral pouco depois declarou inaugurado oficialmente o Centro, em nome do Sr. Cardeal, e fez votos pela sua prosperidade e pediu á assistência que amparasse a obra pia fundada por Monsenhor Gonzaga.

A directoria do Centro é a seguinte: Monsenhor Luiz Gonzaga do Carmo, Director; Hortencia Weinschenck, Presidente; Eugenia Sá de Azevedo Lage, Vice-Presidente; Maria de Lourdes Alves Tarquino de Souza, 1.ª Secretária; Maria José Galliez, 2.ª Secretária; Julieta Leão Teixeira, 1.ª Thesoureira; Ida Leão Teixeira, 2.ª Thesoureira.

Nos tres departamentos a Directoria tem como auxiliares as Senhoras Alberto Couto Fernandes, Ivelina Burlamaqui, Frederico Burlamaqui, Isabel Jacobina Lacombe, Theodosia Castro Maya, que vai dirigir a bibliotheca que já dispõe de 700 volumes.

As matriculas ficaram abertas até 30 de Março passado e o Centro começou a funcionar em 1 de Abril.

Proporcionará o novo Centro Social Feminino ás moças catholicas salas para palestras, diversões, reuniões com as suas amigas, chá, festas, concertos; sala de leitura, provida de revistas nacionaes e estrangeiras; escolhida bibliotheca scientifica e literaria; conferencias interessantes sobre assumptos palpitantes e de actualidade; instruções sobre modas e figurinos; esclarecimentos e juizos certos sobre peças de theatro, fitas de cinema, romances, etc.; aulas de dactylographia, escripturação comercial, costura, trabalhos de agulha; serviço de informação e de collocação em casas de familia e de comercio, etc.



ECHOS DO CARNAVAL

O ultimo carnaval já vae longe, mas as recordações ainda não se apagaram na memoria dos que prestaram o seu culto fervoroso ao nume da Folia. Em Itabora, do Matto Dentro, Minas, um grupo de rapazes e senhoritas da melhor sociedade local, organizou um "Cordão de Pierrots", que fez um successo inaudito e marcou um acontecimento memoravel. Nem de outra forma podia ser, tendo-se de pessoas de fino gosto, de espirito alegre e mocidade exuberante, a par de uma distincção que, mesmo sob o "travesti", se revela. Na 1.ª fila, sentados: Savaget Gonçalves, Julieta Guerra, Alvaro Chage, Maria José de Andrade, Julieta Dumond, Nhá Lage, e Joaquim Bethonico; na 2.ª fila: Avelar Brandão, Pequena Lage, Pery Diniz, Violeta Lott, Francisco Andrade e Regina Lage; na 3.ª fila: Bernardino Brandão, Carmelinda Lage e José Andrade.



Trabalhos

Uma collecção

As casas de armário estão cheias de bonitas coisas destinadas para presentes e lembranças affectuosas. Os preços, porém, é que nem sempre estão ao alcance das bolsas modestas. Nestas paginas, pois, lançamos algumas idéas, que, se forem postas em pratica, com capricho e habilidade, podem ser de grande utilidade. Os objectos, feitos pela propria pessoa, tem muito mais valor, como presentes e mimos de anniversario, que os comprados nas lojas.

MEDALHÃO EM FILET PARA GUARDANAPO

O guardanapo é guarnecido de um medalhão em crochet, imitação de filet. Empregue-se a linha de renda numero 70 e agulha n. 12. Começar a primeira fila da illustração numero 5; fazer 39 malhas de cadeia, saltar 8 malhas, fazer uma brida na malha seguinte para formar o primeiro quadrado vazio; fazer duas malhas no ar, saltar duas malhas, fazer uma brida na malha seguinte para formar um quadrado vazio; fazer 9 quadrados vazios de mais, depois 11 malhas no ar e voltar. (Estas malhas no ar servem para formar 2 quadrados vazios no começo da volta seguinte).

Segunda volta. Saltar 8 malhas e fazer uma brida na malha seguinte para juntar um quadrado vazio, fazer 2 malhas no ar, saltar 2 malhas e fazer uma brida na malha seguinte para juntar um quadrado vazio, fazer um quadrado vazio, 9 quadrados cheios, (4 bridas feitas umas ao lado de outras formam um quadrado cheio). Se 2 quadrados cheios ou mais se seguem consecutivamente, fazer uma brida para cada um e uma brida suplementar no fim. Juntar os quadrados vazios da maneira seguinte: 2 malhas no ar, uma dupla brida, (lançar a linha tres vezes sobre a agulha) na argola da malha precedente. Isto juntará um quadrado vazio. Para

ajuntar um outro quadrado vazio, fazer 2 malhas no ar e uma dupla brida no meio do anel da ultima dupla brida; fazer 11 malhas no ar e voltar. Agora seguir o modelo, fazendo os quadrados vazios e os quadrados cheios taes como estão indicados.

RENDA PARA TOALHINHAS DE BANHO

Esta renda grossa constitue um lindo ornato para uma toalhinha. Empregue-se linha de crochet n.º 40 e agulha de aço n. 8.

Começar na primeira fila da figura 2, fazer 50 malhas cadeia. Saltar 8 malhas; uma brida na malha seguinte para formar o primeiro quadrado vazio, 2 malhas no ar, saltar 2 malhas, uma brida na malha seguinte para formar um quadrado vazio, dois quadrados vazios de mais, um quadrado cheio (4 bridas consecutivas formam um quadrado cheio). Se 2 ou mais quadrados cheios seguem consecutivamente, fazer 3 bridas para cada um delles e uma brida suplementar no fim, 10 quadrados vazios de mais, um quadrado cheio, 3 malhas no ar, voltar. Seguir agora a figura, fazendo os quadrados vazios e os quadrados cheios no lugar onde estão indicados. Quando o fim do modelo for attingido, voltar á primeira fila e repetir até ao comprimento que se queira.

Bordo. Retomar a linha no primeiro quadrado do bordo desigual. 8 malhas no ar, 2 quadrados, uma brida na malha seguinte. X. 11 malhas no ar, saltar dois quadrados, uma brida no meio do quadrado seguinte, 11 malhas no ar, saltar dois quadrados, uma brida na malha seguinte, 12 malhas no ar, saltar 3 quadrados; uma brida na malha seguinte. Repetir ao comprido desde o signal X.

Segunda fila. Fazer 5 bridas, 3 cadeias picot, 5 bridas sobre a primeira malha, 15 malhas sobre a linha de traz das duas ultimas malhas cadeias. 8 bridas, 3 malhas no ar, 8 bridas sobre a ultima





Femininos

de lindos objectos

malha cadeia. Repetir ao longo, desde o signal X.

GUARNIÇÃO EM FILET PARA TOALHINHA DE TOILETTE

Todas as variedades de filet se empregam para a roupa branca domestica. Para este modelo, empregue-se a linha de crochet n. 70 e agulha n. 12.

Comece-se na primeira fila da figura 6; fazer 45 malhas cadeia, saltar 8 malhas; uma brida na malha seguinte para formar um quadrado vazio, um quadrado cheio (4 bridas consecutivas formam um quadrado cheio). Se dois ou mais quadrados se seguem consecutivamente, fazer 3 bridas para cada um delles e uma brida suplementar no fim, um quadrado vazio, um quadrado cheio, 8 q. v., um q. c., um q. v., 5 m. no ar, voltar.

Segunda fila. 2 q. v., 2 q. c., 3 q. v., 3 q. c., 2 q. v., 1 q. c.; ajuntar 1 q. v. no fim da fila, da maneira seguinte: 2 m. cadeia, uma triplíce brida (deitar tres vezes a linha ao redor da agulha) na ultima brida, trabalhar a linha em malhas passadas sobre as 5 ultimas malhas, 8 m. cda. (estas m. cad. formam um q. v. no começo da fila que se segue).

Acompanhar agora o modelo, fazendo os q. v. e os q. c. no ponto onde estão indicados.

GOLA DE CAMISA

Não ha senhora ou mocinha que não aprecie uma gola de camisa em crochet, imitação de filet. Para um enxoval de noiva é o que ha de mais proprio. Estas golas imperio são muito praticas, porque podem ser usadas ora nos vestidos de soirée, ora com blusas leves.

Empregue-se linha de renda n. 50 e agulha de aço n. 8. Começar na primeira fila da fi-

gura 1, fazer uma cadeia de 48 malhas, saltar 8 malhas, fazer uma brida na malha seguinte para formar o primeiro quadrado; em seguida, um quadrado cheio, (4 bridas consecutivas formam um quadrado cheio). Se dois ou tres quadrados cheios seguem consecutivamente, fazer 3 bridas para cada um e uma brida suplementar no fim, um quadrado vazio, um quadrado cheio, 8 q. v., um q. c., um q. v., 5 m. no ar, voltar.

Segunda fila. Um q. v., um q. c., 8 q. v., um q. c., um q. v., um q. c., um q. v. e acrescentar um q. v. no fim da fila da maneira seguinte: 2 m. no ar, uma dupla brida (deitar 3 vezes a linha na agulha antes de a levar na argola e a malha precedente). Voltar. Uma malha cerrada sobre a ultima brida, 5 m. no ar, voltar.

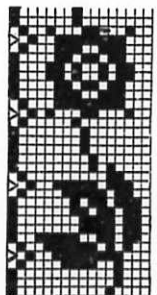
Terceira fila. Um q. v., um q. c., 2 q. v., um q. c., 7 q. v., um q. c., um q. v., 5 m. no ar, voltar.

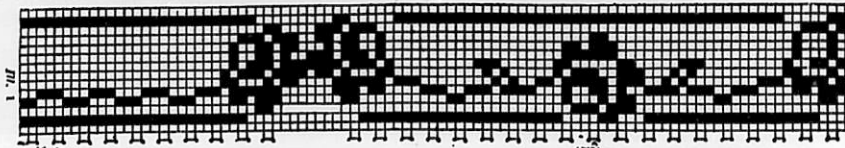
Quarta fila. Um q. v., um q. c., 7 q. v., um q. c., 2 q. v., um q. c., um q. v., 8 m. no ar, voltar. Estas malhas no ar servem para acrescentar um q. v. no começo da fila seguinte.

Quinta fila. Saltar 8 m., uma b. na malha seguinte para o primeiro q. v., 1 q. v., 1 q. c., 2 q. v., 1 q. c., 7 q. v., 1 q. c., 1 q. v., 5 m. no ar, voltar. Agora seguir o modelo até a fila 31.

Fila 31. Dois q. v., 5 m. no ar, voltar, seguir. Bordo do modelo até a fila 37. Voltar a fila 31. Saltar 1 q. v., apanhar a linha e seguir a parte inferior do modelo até a fila 31. Juntar as extremidades com duas malhas cadeia e seguir o modelo até a penultima fila. Voltar a fila 37 e tornar a seguir o modelo até a primeira fila. Com isto está terminado o dianteiro da gola. Fazer a parte de traz da mesma maneira.

Os hombros. Terminar em ponta a extremidade de cada hombreira e prender com botão de pressão por baixo. Passar esta ponta nos ilhozes deante e a traz e abaixa-la sobre a fita. Enfeitar esse ponto com um pequeno choux de fita.





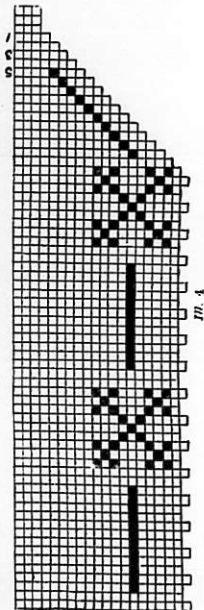
PONPON PARA PÓ DE ARROZ

Este ponpon para empoar as costas é um mimo precioso para toda senhora que não tenha uma creada para a ajudar na toilette. Esta invenção é grandemente engenhosa e, sobretudo, muito útil. É necessária uma palmilha de 25 centímetros de comprimento, de agulha comprida de tricotar, numero 5, de 25 cent. de fita phantasia e de 90 cent. de fita unida.

Corte-se um pedaço de papelão com a forma da palmilha e recubra-se com a fita phantasia. Tome-se uma fita estreita e colloque-se ao redor da palmilha. Franze-se os dois bordos desta fita, prendendo-se bem de maneira a mantel-a em seu lugar. Recubra-se a agulha de tricotar e fixe-se solidamente na palmilha para formar o cabo. Prenda-se em seguida o papelão recoberto de fita à palmilha e ponha-se um fino torçal ou um grosso cordonnet de seda ao redor de toda a costura. Enfeite-se o cabo com um choux de fita.

UMA LINDA TOUCA

Faz-se com um fundo de volantes graciosamente arranjados, com os bordos em renda imitação filet. Pode-se fazer de diversas cores. O modelo é em rosa e branco. Os aviamentos necessários são: um fundo de 35 cent. de diâmetro, 9 m. e 15 de tulle illuso, um carritel de linha de cor para bordado, mercerizada, dois carriséis n. 50 de linha de cor para renda e uma agulha para renda n. 8.



Cosa-se com grandes pontos um bordo de tulle com o cordonnet; franza-se o bordo oposto de maneira a fazer um volante estreto e cosa-se ao redor sobre o fundo de touca, a 2 cent. do bordo. Faça-se uma outra volta a 2 cent. atrás, e assim a seguir até que não reste mais, no meio, senão um circulo de 4 cent. de diâmetro. Franza-se o bordo do fundo. Para a banda de filet começar na primeira fila da figura 4, fazer 18 m. cad., saltar 8 m., 1 b. na m. seguinte para formar o primeiro q. v.; 2 m. no ar, saltar 2 m., 1 b. na m. seguinte para formar um q. v., 2 q. v. de mais, 8 m. no ar, voltar. Estas malhas formam 1 q. v. no começo da fila seguinte.

Segunda fila. Saltar 8 m., 1 b. na m. seguinte, 4 q. v., 5 m. no ar, voltar.

Terceira fila. 5 q. v., juntar um q. v. no fim da fila da maneira seguinte: 2 m. no

ar, uma triplíce brida (lançar a linha 3 vezes sobre a agulha) na ultima b., 8 m. no ar, voltar. Seguir agora o modelo, fazendo os q. v. e os q. c. onde estão indicados. Quando a ultima fila for attingida, voltar e trabalhar por traz até a ultima fila. Em seguida fazer uma banda estreita, acompanhando o modelo desde a primeira fila até X. Esta banda deve ser bastante longa para enquadrar a cabeça. Juntar as extremidades e cosel-as o bordo do fundo.

GORRA DE CROCHET

As gorras de renda e de crochet são indispensaveis na toilette matinal. A que apresentamos hoje ás leitoras é muito linda. É em branco e negro, formando raições, mas pôde ser feita de qualquer cor.

2 novellos de lã branca Shetland, um novello preto e uma agulha fina de celuloide ou de osso.

Começar no meio da gorra com lã branca, 2 m. cad. frouxas, uma laçada, uma m. na primeira m. cad., uma laçada, 2 m. uma laçada, 2 m., X, uma laçada, uma m., 1 laçada, 2 m., 1 laçada, 2 m., X. Repetir entre os sinais X, 18 vezes. Fechar a fila com uma m. cerrada. Deixar a lã branca, mas não a cortar.

Segunda fila. Tomar a lã preta, uma m. em torno entre cada malha da fila precedente. Fechar a volta com uma m. cerrada. Deixar a lã preta sem a cortar.

Terceira volta. Com a lã branca, uma argola de 1 cent., 2 m. (Ver X na primeira fila) em cada m. da volta anterior, tomando somente a lã de traz. Fechar a volta com uma m. cerrada. Deixar a lã branca, retomar a preta.

Quarta volta. Uma m. entre cada m. da volta precedente. Fechar com uma m. cerrada, retomar a lã branca.

5.ª volta. Uma m. em cada m. da volta anterior. X. 2 m. na m. seguinte, 1 m. na m. que se segue; repetir desde o signal X. Fechar com uma m. cerrada. Retomar a lã preta.

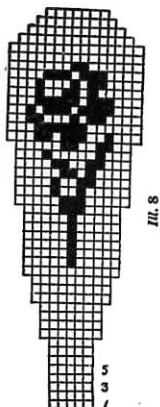
6.ª volta. 1 m. entre cada m. da volta anterior. Fechar com uma m. cerrada. Retomar a lã branca.

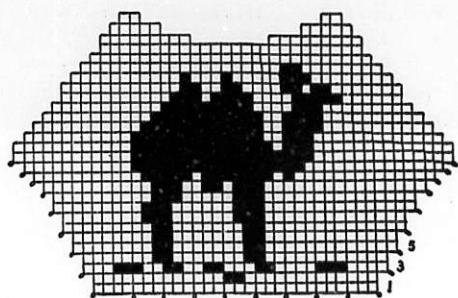
7.ª volta. Uma m. em cada m. da volta precedente, X, augmentar (para augmentar, fazer 2 m. na m. seguinte) 1 m. em cada uma das duas m. seguintes. Repetir toda a volta desde o signal X. Fechar com uma m. cerrada. Retomar a lã preta.

8.ª volta. 1 m. entre cada m. da volta anterior. Fechar com uma m. cerrada. Retomar a lã branca.

9.ª volta. Uma m. em cada m. da volta precedente, augmentando em cada augmento da setima volta. Fechar com uma m. cerrada. Retomar a lã preta. Repetir 8.ª e 9.ª voltas até que o circulo tenha 29 cent. de diâmetro. Este circulo deve ser chato. Se tiver muita largura, não augmentar tanto.

18.ª volta. Lã preta. 1 m. entre cada m. da volta anterior, Retomar a branca.





III. 7

19.^a volta. 1 m. em cada m. da volta anterior. Fichar com uma m. cerrada. Retomar a lã preta. Repetir as voltas 18 e 19 uma vez. Repetir novamente a volta 18.

23.^a volta. 1 m. na primeira m. da volta anterior. X. Saltar uma m., 1 m. entre as m. seguintes. Repetir toda a volta desde o signal X. Fechar com uma m. cerrada. Retomar a lã preta.

24.^a volta. 1 m. entre cada m. da volta precedente. Repetir as voltas 23 e 24. Cortar a lã preta e fixar fortemente. Com a lã branca, 1 m. em cada uma das 56 m. seguintes da fila precedente, tomando somente a linha da última malha. Voltar.

28.^a volta. 1 m. entre cada m. da volta precedente, saltando as 5 últimas malhas. Voltar. Repetir 5 vezes a volta 28.

33.^a volta. 1 m. em cada uma das 10 m. seguintes, X, saltar 1 m.; uma m. em cada uma das 10 m. que se seguem. Repetir toda a volta desde o signal X. Repetir a volta 33 sete vezes ou até à diminuição que se queira para a cabeça. Uma m. entre cada m. da volta precedente. Cortar a lã.

Ponpon. Enrolar a lã branca 500 vezes ao redor de um papelão de 12 cent. Prender as duas extremidades, fazer correr o cartão. Enrolar a lã 50 vezes ao redor de um cartão de 8 cent., prender as extremidades e fazer correr o cartão. Colocar a lã preta no meio da lã branca. Prender fortemente no meio. Cortar as extremidades e isto formará um ponpon com um centro preto. Fazer um outro preto com um centro branco e cosel-os ao lado da gorra.

PORTE-MANTEAUX DE FILET

Para as blusas, os vestidos de passeio ou de soirée, eis aqui um porte-manteaux muito interessante. E' re-

coberto de filet verdadeiro sobre um transparente rosa ou azul pallido. Os elementos são estes: armação, 2 m. e 75 de fita estreita, 11 cent. de seda, um pouco de algodão em tãma, uma agulha para renda n. 12 e um carretel de seda para crochet, de cor. Começa-se na primeira fila da figura 8; 28 malhas cadeia, saltar 8 m., 1 b. na m. seguinte para formar o primeiro q. v., 2 m. no ar, saltar 2 m., 1 b. na m. seguinte para formar um q. v., 3 q. v., 5 m. no ar, voltar.

Segunda fila. 5 q. v., 5 m. no ar, voltar. Repetir a segunda fila duas vezes.

Oitava fila. Acrescentar 1 q. v. no começo da fila seguinte. Para isso fazer 8 m. no ar em lugar de 5 no fim da fila. Saltar 8 m., 1 b. na m. seguinte, 5 q. v., ajuntar 1 q. v. no



III. 8

fim da fila da seguinte fôrma: 2 m. no ar, 1 triplíce brida (lançar a linha 3 vezes sobre a agulha) na m. seguinte, 5 m. no ar, voltar. Acompanhar agora o modelo, fazendo os q. v. e os q. c. como estão indicados. (4 b. consecutivas formam um q. c. Se muitos q. c. se seguem, façam-se 3 b. para cada uma delles e uma b. suplementar no fim).

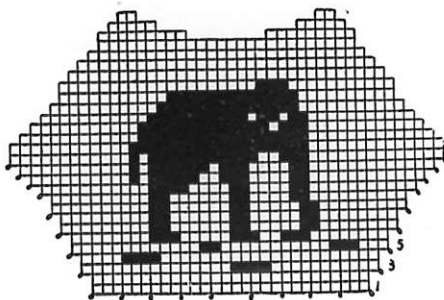
Fazer duas bandas semelhantes desse desenho para a parte da frente do porte-manteaux e duas outras bandas para traz, seguindo o modelo n. 4 da mesma maneira, mas suprimindo todos os quadrados cheios. Quando as 4 bandas forem terminadas, recheiem-se de algodão os lados da armação. Recubra-se em seguida com seda viva e contorne-se a argola do porte-manteaux com uma fita estreita.

Colloquem-se então as bandas de filet, o desenho de rosas no alto e as partes unidas em baixo. Juntam-se os bordos e fixem-se com pontos fechados com a seda de cor.

CENTRO DE MESA PARA CHÁ

Um elegante centro de mesa para chá, que exige pouco trabalho. E' ornado de motivos de filet representando animaes.

Os aviamentos necessarios são: um quadrado de tela de linha de 66 cent., linha de crochet n. 50 e agulha de aço n. 12.



III. 6

Na figura 7, no principio, fazer 90 m. cad., saltar 8 m., 1 b. na m. seguinte para formar o primeiro q. v., 2 m. no ar, saltar 2 m., 1 b. na m. que se segue para formar 1 q. v. 25 q. v. demais, 5 m. no ar, voltar. 13 q. v., 2 q. c. (4 bridas consecutivas formam um q. c. Se 2 ou mais quadrados cheios se seguem consecutivamente, fazer 3 b. para cada uma delles e uma b. suplementar no fim).

2. fila. 13 q. v., 2 q. c. (4 b. consecutivas formam um q. c. Quando 2 ou mais q. c. se seguem consecutivamente, fazer 3 b. para cada uma delles e uma b. suplementar no fim).

13 q. v., 8 m. no ar, voltar. (Estas malhas formam um q. v. no começo da fila anterior.

3.^a fila. Saltar 8 m., 1 b. na m. seguinte para formar um q. v., 3 q. v., 3 q. c., 4 q. v., 2 q. c., 3 q. v., 2 q. c., 2 q. v., 2 q. c., 2 q. v., 3 q. c., 2 q. v.; acrescentar 1 q. v. no fim da fila da maneira seguinte: 2 m. no ar, 1 dupla brida na b. precedente, 5 m. no ar, voltar.

Seguir agora o modelo, fazendo os q. v. e os q. c. como estão indicados. Quando se alcançar a fila 25, fazer uma fila demais para terminar. Tornar a juntar o lado oposto e fazer o segundo ponto.

Para a figura 6, fazer 90 m. cad. e seguir o modelo da mesma maneira. Fazer 2 elephantes e camelos, collocar-os em enfileirado nos angulos, embainhar os bordos inferiores e cortar a tela por baixo. Fazer um decum e mais estreito possível sobre os bordos do quadrado compreendido entre os motivos do filete. Tornar a voltar ao filete, fazer em cada quadrado 3 m. formando 1 picot como sobre a figura. Fazer assim malhas aproximadas do logar sobre o bordo da tela.

CHINELLAS DE CROCHET

O modelo destas graciosas chinellas é rosa e azul, mas a cor pouco importa. O que mais importa são as combinações, que se casem bem sem forçar contrastes de cor viva, que são sempre de mau gosto. Os aviaamentos necessários são: um carril cor de rosa e outro azul, (ou quaisquer outras cores) de linha mercetizada n. 3, agulha de aço n. 5 e um par de palmilhas de chinellon com salto. Fazer o crochet fechado.

Com a linha rosa fazer 6 malhas, 1 anel de 1 cent., 2 b. na m. mais proxima da agulha, 1 b. na m. seguinte, 3 b. na m. que se segue, 2 b. ainda na m. seguinte, 3 m. no ar, voltar.

Segunda fila. 2 b. nas 4 primeiras m. da fila anterior, 3 b. na m. seguinte, 2 b. em cada m. restante, 3 m. no ar, voltar.

Terceira fila. Uma brida na primeira m., 2 b. na m. seguinte, 1 b. em cada m. seguinte até as 2 ultimas m., 2 b. em cada uma destas ultimas malhas.

Quarta fila. Deixar a linha rosa, mas sem a cortar. Tornar a linha azul, X. Tres m. no ar, saltar 2 m. da fila precedente, 1 meia-brida na m. seguinte tomando somente a linha de deante. Repetir ao comprido e pe-

lo meio desde o signal X. Deixar a linha azul. Isto formará um volante. Voltar á outra extremidade da mesma fila, retomar a linha rosa. Tres malhas no ar, 1 b. no anel da mesma m., 2 b. na m. seguinte, tomando somente o fio de traz da m. na 3.^a fila (atrás do volante azul) 1 b. em cada uma das m. seguintes, saltando as 2 ultimas m., 2 b. em cada uma destas ultimas m., 3 m. no ar, voltar.

Quinta fila. Uma b. na primeira m. cad., 2 b. na m. seguinte, uma b. em cada uma das 9 m. seguintes, uma meia brida na m. seguinte, uma m. em cada uma das 3 m. seguintes, uma meia brida na m. seguinte, uma b. em cada uma das 8 m. seguintes, 2 b. em cada uma das 2 ultimas malhas, 3 m. no ar, voltar.

Sexta fila. Uma b. na primeira malha cad., uma b. em tudo, excepto numa b. da fila precedente, uma meia brida na b. seguinte, uma m. em cada uma das 6 m. seguintes (deve haver ali 2 m. demais em cada fila), uma meia brida na b. seguinte, uma b. em tudo, excepto na ultima m., 2 b. na ultima m., 3 m. no ar, voltar. Fazer um volante azul nas m. do bordo da ultima fila. Repetir 9 vezes a sexta fila, fazendo um volante azul no fim de cada terceira fila.

Decima sexta fila. Duas b. na primeira m. cad., uma b. em cada uma das 6 m. seguintes, (Fazer uma brida de menos em cada repetição) uma meia brida na malha seguinte, uma malha em cada uma das 10 m. seguintes, saltar uma m., em todas as outras m., excepto nas 8 ultimas m., uma meia brida na m. seguinte, uma brida em tudo, excepto na ultima m., 3 b. na ultima malha. Repetir 2 vezes a decima sexta fila, fazer um volante azul.

Repetir 3 vezes demais a decima sexta fila, fazer um volante.

Se a palmilha das chinellas é menor que o m. 4, saltar as 3 ultimas filas. Se ella é maior que o n. 5, fazer 3 filas demais. Juntam-se os bordos do crochet e da palmilha.

Historia de um roceiro

(Excerptos de um poemeto inédito)

III

A escolha não foi má. Serás bom engenheiro,
Um homem instruído é sempre respeitado;
Tú has de ser aqui o chefe e o conselheiro,
Para que isto prospere e eu fique socegado.

E si Deus me ajudar, farei mais um telheiro:
Está lindo o arrozal; o milho está granado;
O paiol está cheio, e estamos em Janeiro,
Agora estou contente e até mais animado.

Ao voltares, meu filho, alegre e já doutor,
Verás lá no grammado, esplendido rebanho,
E, no alto do espigão, o cafézal em flor.

Teremos bom engenho e grandes cannavaes,
Farei deste sibano humillimo, de antanho,
Um ninho encantador de sonhos divinaes!

IV

Hontem dei-te-me cêdo. A noite estava quente,
E logo adormeci, e tive muitos sonhos...
Bellos foram alguns, outros foram medonhos,
Como a lucta feróz de um touro com a serpente!

Sonhei ser um Voltaire, rei dos risos bisonhos;
Má, o deus do Amor e da Morte, impertinente;
Como Phydias artista e poeta, e ser vidente;
Tive outros sonhos, mas foram os mais tristonhos.

Sonhei até ser. Bhuda, aquelle extravagante
Que passou comendo um só grão de arroz por d'a,
Isto, durante seis annos! Ah! nesse instante...

Disperstei-me! Que noite! Inda mais atrazado
Me vi... O que descrevo agora, que ousadia,
Escreveu Mantegazza, um sábio consagração!

V

Fosse eu um grande poeta eleito, alma divina,
Qual um desses que por ahí andam contentes,
Cantando a sua estrella, aquella que o illumina
No Firmamento azul, com raios resplendentes;

Havia de cantar a fonte crystallina,
Esta terra abençoada, as flôres rescentes;
O arvalho da manhã, a aurora que fascina,
E as fêrvidas canções das aves confidentes.

Havia de cantar, nas horas socegadas,
O valle ameno, a serra, os bosques verdejantes,
A flôra virginal e as bellas enseadas;

Havia de cantar, com alma e singeleza,
Em estancias febris, fortes, febricitantes,
Tudo que vem de Deus nas mãos da Natureza!

S. Paulo, — 1921.

JOSE VELHO

(Francisco Gaspar)

As operarias na America do Norte

Os forasteiros inteligentes que se interessam pelas classes trabalhadoras, ficam surpreendidos, quando visitam os centros industriais dos Estados Unidos das excelentes condições que gozam lá as operarias, cujo salario é cinco ou mais vezes maior que em outro qualquer centro industrial da Europa. Isto é principalmente notorio nos Estados onde foram aprovadas, e já estão vigorando, leis que fixam um salario minimo. Nesta ultima década, dezesseis dos estados da União aprovaram este principio, cujo merito principal consiste em proteger a classe dos que produzem, pondo-a ao abrigo dos que vivem de explorá-la.

Naturalmente, esta lei do salario minimo, para ser cumprida à risca e evitar as fraudes possíveis, necessitava dispor de uma comissão destinada a fiscalizar o seu cumprimento. Foi então creada a Comissão para o bem estar das Obreiras, em cujas mãos está o cumprimento da lei do salario minimo. Na California, por exemplo, associada com a jurisdição desta comissão,

estão todos os assumptos relacionados com as condições sanitarias das usinas, fabricas e officinas e do ambiente proprio para acomodar a turma dos trabalhadores.

Esta Comissão para o bem estar das Obreiras, ou para lhe dar o seu nome inglez The Industrial Welfare Commission, é, sobretudo, uma comissão creada para a vigilância do salario minimo, isto é, para fixar o preço minimo que se deve pagar pelo dia de trabalho, de modo que a mulher, com o seu salario, possa viver com decencia e obter uma boa parte para o conforto da vida. Fazem-se investigações acerca do custo da vida para as trabalhadoras, e antes de fixar os limites do ganho de cada uma, concedem-se audiencias publicas a que concorrem patrões e obreiras para allegar os seus direitos.

Compreende-se que este salario minimo não permanece estavel nestes ultimos tempos em que o custo da vida vem crescendo de uma forma surpreendente. Em 1918 o salario minimo para as operarias da California era de \$4.000 por semana; em 1919 foi augmentado até \$9.000 e em 1920 attingiu a somma de \$12.000 por semana, somma essa considerada indispensavel para prover as necessidades mais urgentes da vida. Sem duvida, esse maximo attingido no anno passado, que, francamente, é assustador, irá gradualmente declinando à medida que os generos mais necessarios vão diminuindo de custo.

A comissão marca tambem o numero de aprendizes que possam sem empregados em cada industria, a quan-

tia que deve ser paga a cada um delles e o tempo que se torna indispensavel para que elles tenham direito ao salario minimo. Em regra geral, permittem-se até vinte e cinco por cento de aprendiz em cada fabrica com relação ao numero total das trabalhadoras, variando o periodo de aprendizagem entre tres mezes e um anno.

Na industria de lataria, que é uma das que mais empregam mulheres sem experiencia previa, a comissão permittiu que se lhes pagasse por obra em vez do salario fixo, mas com a condição de que ao menos duas terças partes das operarias ganhem, ao fim da semana, o seu salario minimo, isto é, \$12.000 ou mais. Em todas as outras industrias é permittido que se lhes pague por obra, comtanto que as operarias, em conjunto, alcancem pelo menos o salario minimo.

Ha uma pergunta que occorre aqui a toda gente: "Que fazem as velhas ou fracas, que não podem dispendir os mesmos esforços que as jovens e robustas? Para proteger estas operarias, que não logram traba-

lhar com rapidez e eficiencia das outras, a Comissão concede-lhes permissoes especiais para trabalhar com intervallos de descanso. Estas obreiras, porém, se, por ambição, tentarem alcançar as outras em sua tarefa, serão expulsas.

E' natural suppor que estas regras de salario minimo, condições sanitarias e outras exigencias tendentes a favorecer as operarias, acabem por prejudicar notavelmente os patrões. Mas nada disso se dá. Na realidade, o cumprimento desta lei

estimulou a eficiencia do trabalho, dando em resultado uma melhor organização de serviço, e, consequentemente, um luero bastante compensador aos patrões, que unanimemente reconheceram que a lei do salario minimo está fundada em sacros principios economicos, porque, contribuindo para o bem-estar e satisfação do operario, contribue ao mesmo tempo para a eficiencia do serviço.

A lei tambem protege os industrias honrados contra os exploradores ou competidores pouco escrupulosos. O testemunho do sr. Edward A. Tilene, de Boston, que dá trabalho a 3.000 operarias, corrobora esta affirmacão, expressando a opinião da maior parte dos patrões que observaram o resultado do funcionamento desta lei. Diz elle: "Temos a lei do salario minimo desde 12 de março de 1912. Relativamente ao custo do salario, no só não subiu, como abaixou. Não é questão de philanthropia senão de negocio".



Moças operarias dos Angeles, tomando o trem que as ha de levar, risonhas e jubilosas, para o labor quotidiano.

TAPERA

AO ANDRÉ, SAUDOSAMENTE.

— Na verdade, doutor, gosta mesmo da roça? Esta sua opinião não será uma attitude literaria, hoje que está em moda elogiar a vida do campo?

— Não, d. Amalia, respondi sorrindo. Não entram neste meu gosto suggestões de leitura, pôde crêr. Desde criança, sinto uma atração irresistível pela vida do campo; e francamente, não acha que só na roça se encontra saúde — physica e moral — e esta bem dita paz de espirito que a vida agitada das cidades nos nega? Quem sabe si não se perde em mim um grande fazendeiro? Seria mais feliz com certeza... Entretanto, vivo aprisionado na cidade, e só, de longe em longe, quando a neurasthenia ameaça empolgar-me é que me refugio na solidão. E quer saber de uma cousa? — só entre arvores recobro a felicidade...

Era por um fim suave de tarde, na pequena villa de... maravilhosamente situada num alto plateau, sob a protecção do céu mais azul, mais sereno, mais primaveril do mundo...

Declinava a tarde e na pequena sala atijolada, de paredes muito brancas e nuas, havia a penumbra de uma capella.

D. Amalia — a minha interlocutora — tinha sobre os joelhos um livro fechado e sorria ironica dos meus gostos... roceiros!

Era uma senhora quasi moça, apezar dos quarenta annos já passados, sympathica e alegre, conservando sempre jovens os olhos pretos e maliciosos e farta cabelleira castanha; mas no rosto moreno, flacido e gordo, os labios pallidos, descaídos nos cantos, trahiam velhice, cansaça, tedio...

A seu lado, silencioso e triste, o marido, bello typo de homem do sertão, trigueiro e vigoroso. Antigo fazendeiro, conhecera dias felizes de laboriosa abundancia, mas abandonára o sitio, só para fazer a vontade da esposa, a romantica d. Amalia, que se sentia morrer na solidão da roça. E a custo de rogos e empenhos conseguira de amigos influentes na politica de sua terra o miseravel emprego de professor de aldeia, que lhe rendia uns magros vencimentos, com os quaes arrastava dias infundáveis de infundavel tedio e inconfessavel nostalgia.

Mas d. Amalia, velha e sem filhos, indolente e novidadeira, sentia-se outra, achava deliciosa a vida, entredida em longas palestras pela visinhança, esmerilhando a vida alheia, ou então, estirada em larga rede cuyabana, no silencio completo da terra, cochilava ou lia, pachorrotamente, longos romances cavalheirescos e novellas sentimentaes de Eschrich e Richebourg que o marido complacente mandava buscar no gabinete de leitura da cidade visinha.

D. Amalia era feliz. Realisára seu mais acariciado sonho: viver no arraial, naquella logarejo morto, de algumas dezenas de habitantes, encravado numa paisagem linda e suave, com amplos horizontes ondulados que em certas manhãs brumosas davam a illusão do mar, do infinito mar boiando em serenidade, miragem impossivel no coração deste remoto Goyaz.

E na moldura esplendida da paisagem radiosa era um borrão de fealdade a pobre villa: duas ou tres vielas com casas de porta e janella, trahindo mais que pobreza, miseria e um triste largo, cheio de vassourinha, em que se destacava a egreja pequenina e tosca, unida ao cemiterio abandonado, em cujo portão escuro — ignorado artista — reproduziam em branco, horrenda caveira e duas tibias encruzadas.

E para d. Amalia, aquella vida de ociosidade, que se tornaria insupportavel a quem quer que fosse, era o paraizo. Uma preta velha, antiga e fiel creada, fazia-lhe a cozinha, varria-lhe a casa pequena e pobre, e as horas avultavam para o romance, para os mexericos, para o crochet e para a somneca.

Havia alguns dias que alli me achava, a procura de repouso e dos ares excellentes que eram a fama daquelle terra, mas sentia-me farto da viva ociosidade em que vivia, dos meus longos passeios solitarios por interminas estradas vermelhas e poeirentas, e sobretudo entediado das palestras infantis daquelle gente rustica e ignorante, que arrastava a vida miseravelmente, sem aspirações, sem projectos, num fatalismo negro de oriental, acariciando o ideal unico de trabalhar o menos possivel.

Como ponto de palestra diaria e interessante tinha eu a casa do mestre escola, que me acolhera com muita amabilidade e onde passava todas as tardes, proseando com d. Amalia e ouvindo as raras palavras, cheias de bom senso e recondita melancolia do marido.

D. Amalia, principalmente, aguçava-me a curiosidade — Achava-a intelligente, com uma leve cultura adquirida em leituras, e mal podia comprehender a alegre resignação com que ella aceitava aquella vida.

Um cafésimo, doutor, disse d. Amalia, designando-me a preta velha que entrava com a bandeja de café fumegante, e interrompendo o silencio que, havia momentos, pesava sobre nós, silencio de gente primitiva que desconhece certas delicadezas...

— E' um romance, perguntei, indicando o livro esquecido no regaço de d. Amalia, enquanto saboreava aos goles, deliciosamente, o café negro e aromatico, bebida inegalavel, cujo segredo o sertão guarda avaramente.

— Sim, respondeu-me ella. Sou doida por romances. Este é de Eschrich, um dos melhores. *O Piano de Clara*, conhece?

— Não conheço, respondi, sem querer aludir á minha antipathia pelo fecundo folhetinista, adorado pelas mulheres, e de quem jamais pudéra ler um livro sequer da abundante collecção.

A senhora aprecia Eschrich?

— Muito. Nem imagina. E' o meu escriptor predilecto. Aprecio todos os romancistas de aventuras: Ponson, Dumas Montepin... Gosto tambem de Emilio Richebourg e Carolina Invernizio, mas implico com os escriptores brasileiros, principalmente com os modernos, que têm a engraçada mania de endear couzas que não conhecem e enquanto fazem avenida e gosam a vida civilizada do Rio e S. Paulo... mandam a gente para a roça...

— Mas d. Amalia, que lhe fez a roça para conquistar tamanha inimizade? Vejo que gostaria de viver numa grande cidade...

Numa grande cidade? Para que? Não gosto de passeios detesto o bulicio... Gostaria sim, de viver numa villa um pouco maior do que esta com rezas todas as tardes, missas todos os domingos e leitões de mez em mez. Aqui é uma tristeza... O anno inteiro é este marasmo que o senhor vê... Só por occasião da festa da padroeira temos uma semana divertida, com missas cantadas durante tres dias. Vem da roça para se casar... Ha baptizados, rezas, leitões... E' um tempo bom esse, vem gente até da Capital, Mas Venancio não gosta d'aqui; vive triste, macambuzio, com saudade da roça, das plantações. O senhor acredita que elle não foi capaz de desfazer-se de todas as vacas, quando vendemos o gado e deixamos o sitio? Conservou umas quatro ou cinco, e de manhãzinha, escuro ainda, vae para o quintal tirar leite das vacas. Diz elle que é unica hora de felicidade que tem na vida... E' querer se incommodar, ter trabalho. Acho a vida d'aqui, insipida, triste... mas porque não faz como eu, não procura a sociedade?

— Que sociedade ha aqui, Amalia, resmungou Venancio. Estes brutos, estes preguiçosos, que não têm uma idéa e preferem morrer de fome a pegar do machado e da foice? Era bem melhor quando morava-

mos no nosso sitio, tão bonito, tão alegre, tão pertinho...

— Ah! O sitio é perto d'aqui? perguntei.

— Muito perto, doutor, respondeu Venancio. E' d'aqui a duas leguas pequenas. Ha muito tempo que eu lá não ponho os pés desgostoso... Nunca hei de me pôr de ter abandonado minha casa tão boa e o quintal tão plantado... Que terra! Agradece o menor trato! E' plantar e deixar! Olhe, si gosta de frutas, dê um passeio até lá. Paga a pena. As jaboticabeiras devem estar pretinhas... uma belleza!

— Então vamos, Venancio?

— Não, sr. doutor, respondeu elle, annuviando o rosto. Jurei não voltar nunca mais ao meu sitio, mas eu lhe ensino o caminho. E' muito facil, não tem errada. O doutor não sabe aquelle trilhosinho que passa por trás da egreja e entra pelo matto? E' segui-lo sempre... Vae direitinho. Ha pedaços em que a vassourinha tomou conta, cobriu o trilho... Quasi ninguém mais passa por ahi... O doutor deixou... mas com um pouco de attenção o caminho vae direitinho. A casa é mesmo na beirinha da estrada, a frente voltada para uma mata de inganeiros. E' um bom passeio, vae... r...

Venancio abafou um suspiro e depois continuou, num desafago irreprimivel:

— Sabe de uma cousa Sr. doutor? Tenho um remorso no peito, um remorso doido de ter deixado o meu sitio, como deixei, largado, atoa... Fui fraco, mas Amalia queixava-se noite e dia, nervosa doente, não querendo continuar nem por nada. Que fazer? Vendi o gado tão manso, tão bonito, e botei um camarada vigiando a casa e zelando a plantação e vim para o "comercio", para este "tapêrão", ensinar creanças. Triste vida! Depois o camarada começou a exigir um ordenado que eu não podia pagar e eram queixas todo o dia... Que sózinho não continuava... Que a casa estava assombrada. E na verdade não olhava nada. Vi-via o dia todo a cavallo, zanzando pela vassourinha. Emquanto isto o mato ia crescendo, mas nem que fosse de proposito, de pirraça... o quintal estava uma limpeza! Cada fruteira mais carregadinha! O cafezal verde-dinho...

Um dia cançado de imposições, despachei o empregado e resolvi eu mesmo, todas as semanas, aos domingos dar um pulo ao meu sitio para ver o estado de tudo. O senhor não pôde imaginar o que soffri. Levava horas inteiras do quintal para casa, da casa para o quintal, como uma alma penada, sem socego... e quando voltava era com uma dor de coração e cada suspiro que parecia-me esbandalhar o peito.

Não lhe conto nada, Sr. doutor. Emmagreci, quasi fiquei gíra!

Por fim não pude mais, abri mão! Que caísse a casa, que morresse o cafezal. Eu não voltaria lá, mais nunca... Hoje só desejo uma cousa: vender aquillo seja pelo que for... e esquecer. Ah! si eu pudesse voltar, disse, suspirando com força, mas estou tão pobre, velho, cançado, sem forças e sem meios... Depois Amalia não consentia...

— Deus me livre! interrompeu a mulher, impetuosamente. Estou doente, nervosa, cançada, preciso de socego, não posso mais com essa vida atribulada de roça, dias, semanas, mezes, metida no matto, trabalhando como capiva, lidando com gente bruta, sem ter um minuto de socego! Aquillo não é vida! Aqui ao menos saio todos os dias, recebo visitas, tróco idéas... Pouca gente, mas sempre é gente...

De novo o silencio cahiu e o tempo foi passando.

Dentro da sala humilde tremeluzia a luz vacillante de um candeeiro de azeite e fóra as sombras da noite tinham amortalhado a terra.

Levantei-me, despedi-me, e ás apalpadellas, com receios de esbarrar em alguma rez, atravessei a estreita rua, inteiramente immersa em trevas.

Em casa, antes de conciliar o sono, resolvi-me ao passeio. Havia a tentação irresistível das frutas maduras e um vivo desejo de conhecer a casa abandonada.

No outro dia, depois de almoço, pelas dez horas da manhã, montei a cavallo. Em poucos momentos deixei atrás a pequena villa silenciosa com seu larguinho, onde sobressaía a egrejinha unida aos muros altos do cemitério, e mais ao fundo a larga estrada vermelha, caminho da cidade. Fazia um quente mormaço e o céu era cinzento opaco. A paisagem tristonha, apparecia velada de bruma cinzenta. Era a atmosphera pesada das quimaduras. As arvores desfolhadas tocavam-se de grandes ramilhetes roxos-claros, roxo-escuro-lilaz, e outras, á distancia, eram gigantescas corbelhas de cravos amarelos. Não se ouvia um grito de insecto, mas dos arbustos franzinos que margeavam o caminho, dos altos galhos nus das arvores mais distantes, debaixo mesmo dos meus pés, do proprio seio da terra adusta, subia clara, vibrante, metálica e inintercepta a musica enervante das cigarras. E o cavallo seguia preguiçosamente o trilho caprichoso zigzagueando ondulações de terreno, subindo e descendo, contornando outeiros, sinuoso, estreito, fugidio, desaparecendo as vezes debaixo da vegetação cerrada e rasteira da vassourinha e mata-pasto para reaparecer mais adiante, estreita fita vermelha, ondulando...

E com os olhos cerrados, no ouvido a melopéa aborrecida das cigarras, eu cochilava... Emfim, ao voltar um cotovello do caminho, avistei a casa, quadrada e baixa, com quatro janellas de frente e porta entrecerrada.

Fustiguei o animal. A' distancia não havia a tristeza mysteriosa e profunda das casas vastas que têm uma atmosphera pesada de saudades e maguas, a envolvê-las como um sudario... Aquella, não; parecia sorrir, á sombra rendilhada de uma altíssima umbella, de caule erecto de palmeira, encimando a linda capa rendilhada de um verde muito pallido e muito brilhante. E eu tive a illusão de ver assomar á porta um vulto hospitaleiro... Mas—, não.

Na casa não havia ninguém e o silencio mortal da terra era apenas quebrado pela voz desgarrada das cigarras que subia para o azul, gritando, gritando...

Era meio dia e o sol, rompendo as nuvens, dardejava raios ardentíssimos. Apeei-me, amarrando o animal á porteira, sob a umbella, ao lado da casa.

De perto era bem visível o abandono. A parede, lavada pelas chuvas, moribunda de sol e humidade, esborrava-se acinzentada, roída de limo e listrada de gotteiras. Empurrei a porta e recuei, num pulo, assustado. Uma nuvem de maribondos "cavallos", negros e enormes, de picada dolorosíssima, faziam uma sentinella activíssima á porta da casa abandonada.

Impossível entrar por alli. Atravessando a porteira escancarada, dei volta á casa, encontrando logo os degraus de uma escadinha carcomida. Entrei. Dentro era maior o estrago, bem visível o ar de tapéira. Alli fóra a cosinha e tres pedras enegrecidas pelo fogo, collocadas em trempe no meio do aposento, attestavam a passagem de viajantes...

Dalli passei á sala de jantar, fresca e espaçosa. Pelo telhado, crivado de mil aberturas, raios de sol, desciam tremulos e ondulantes, enfeitando as paredes manchadas de chuva de curiosos arabescos oscilantes. O assoalho rangia a cada passo.

Ao lado da casa prolongava-se um estreito avarandado, coberto, com portas para a sala de jantar e para o quintal. Debrucei-me, alli, pensativo, entristecido por aquelle silencio e aquelle abandono.

Fôra, rente á parede, crescia uma roseira esplendida, coberta de flores que se desmanchavam em suavíssimos aromas.

Colhi uma, e outra vez fiquei a scismar, pensando no carinho e na intelligencia que presidira á edificação daquella casa, muito superior á maioria das moradas campestres, — e com o encanto daquelle terracino fresco e ensombrado, abrindo para o quintal, enorme e plantadíssimo, — verde — negra floresta de laranjeiras e de jaboticabeiras altíssimas. Deveria ser um encanto, um sonho plácido e bom, viver alli, sob aquelle céu, entre aquellas arvores, naquella paz bemdita da natureza, cultivando a terra fecunda e della recebendo tão preciosos e tão abundantes dons. E quanto mais pensava, menos podia comprehender o motivo daquelle abandono.

Fazia muito calor, um calor oppressivo, asphyxiante. A sede me torturava.

Lembrei-me das frutas e enfiiei apressado pelo quintal, pizando logo a macia alfombra das folhas secas, enquanto sob minha cabeça as laranjeiras, mangueiras, limeiras, entrelaçavam os galhos pesados de frutos maduros — cor de ouro, jaldie, verde-alaranjado, embora a vegetação daminha e opulenta da herva de passarinho, ferisse de morte alguns ramos... Ao longe o cafetal agonizava afogado no mato e os coqueiros de longo fuste esguio ultrapassavam a folhagem mais baixa e mais cerrada das arvores, escondendo sob as arripadas palmas os enormes fructos.

Fui andando, atôa, sob o docel dos ramos entrelaçados, parando ao pé de cada arvore, provando-lhe os fructos, ácidos uns, doces e sumarentos outros, penetrando lentamente no denso pomar, cuja sombra perfumada e silenciosa entomacacia como capitoso vinho. No chão, as laranjas, limas, e goiabas maduras se esborrachavam sob os meus passos, e dentro em pouco meus olhos cubicços descobriram as gigantesas jaboticabeiras, cujos troncos rugosos desapareciam debaixo dos fructos redondinhos, negros e brilhantes, como os olhos das morenas sertanejas.

E fui andando, devagarinho, sob arvores, separando com as mãos a galhardia entrelaçada e gozando o inequalvel encanto daquella sombra e daquella silencio, propicios ao sonho...

De repente, ouvi muito ao longe, o ruído cavo de um trovão. Prencios de tempestade, pensei. Convia voltar poria forte naquella dia pesado e quente de setembro. Mas a delicia de caminhar sob arvores, respirando quelle aroma picante de frutas maduras, me dominava de tal modo, que continuei vagueando distraído.

Um declive de terreno desvendou-me um fio d'agua que corria silencioso e brando, quasi interpondo por um lençol de folhas secas. De joelhos na terra humida, sorvi na concha da mão, alguns goles d'agua, muito fria e muito saborosa. E sobre minha cabeça os trovões reboavam soturnos, cavos distantes ainda, porém cada vez mais fortes, e eu mal vislumbra por entre os crivos da folhagem retalhos do céu de um azul metallico e escuro.

Tive de voltar, mau grado meu. Dentro de pouco estava no pateo da casa abandonada. Começava a chuvistar e grossas nuvens toldavam o sol. O ar era pesado, abafado, e o céu de vivo azul, se tornara rapidamente quasi negro, baixo, tenebroso.

Ao longe, no horizonte, limitado por altos morros, linhas fulgurantes zigzaguiavam tremulas, riscando a ardosa do firmamento de cores vivas — carmin, roxo, azul, — e desapareciam acompanhadas de fortes estampidos. Os trovões se amidiavam, num barulho ensurdecedor de rodas enferrujadas, rolando sobre uma ponte de ferro que estivesse muito no alto, sobre minha cabeça...

Grossos pingos d'agua continuavam a cair, espaçadas, estalando sobre a folhagem e sobre a terra dura e pedregosa do pateo — Impossível voltar.

Dentro de pouco desabaria formidavel aguaceiro.

Arrastei o animal para dentro da cosinha, num recanto que me pareceu mais abrigado, e dispuz-me a percorrer a casa, enquanto aguardava que a chuva desabasse. Mas antes debruçei-me sobre o terracinho, que me seduzira tanto, aprazível recanto para a sêta, para a prosinha, ou para a leitura de um livro predilecto, em que os olhos fugiriam certamente das paginas para a repousante vista do grande quintal plantado, e o paredão verde-escuro da mata proxima e em frente, mais longe, o olhar esbarrava na linha irregular das serrantes escuras que barravam o horizonte.

O vento desencadeado de repente, ululava, soturno, uivando por entre os quartos vasillos, batendo portas e janelas — assoviando sinistramente, e lá fóra ramalhava brutalmente as grandes arvores, quebrando-lhe os galhos secos e envolvendo tudo em nuvens de poeira...

Deixei a varanda por onde o vento e chuva entravam impetuosamente e refugiei-me no interior da casa. Percorri os quartos, todos com janella para fóra, e num delles vislumbrei na penumbra a fórma de um crucifixo. Escancei a janella e á luz morticia que vinha de fóra, morcegos tontos, num vôo baixo e incerto, fugiram trissando para os desvãos do telhado. E deante dos meus olhos per-

plexos, sobre uma mesa, um braço pendido ao longo do corpo, envolto num trapo de gaze, sujo e empoeirado, desmantelava-se sobre a cruz um grande Christo de marfim.

Defronte, uma velha cama desconjuntada, onde me assentei, esperando que o tempo serenasse. E enquanto lá fora — a chuva e o vento — infernal orchestra — executava diabolica symphonia —, insulado naquella casa, eu sentia apoderar-se-me do coração, subitamente entristecido, mysterioso sentimento, saudade ardente e dolorosa, a absurda saudade de um bem irremediavelmente perdido, de um bem que não fóra meu, de um bem que eu nunca gozara...

E enquanto lá fóra rugia, iracundo, o temporal, os olhos postos naquelle crucifixo, o coração oprimido, eu sentia dentro d'alma uma grande amargura, toda a immensa tristeza daquella casa vasia.

Uma hora depois o tempo se transformara. Cessava a chuva; amainara a ventania.

O céu se arqueava muito alto, muito azul, sereno e puro, sem um farrapo de nuvem; suave briza agitada brandamente a folhagem brilhante; e o sol, um sol de ouro inundava a terra, cravejando cada folha de pedrarias fuscantes...

E a umbella altiva e isolada — indifferente e bella, sacudia no azul a setinosa clamydade que a chuva humedecera.

Montei a cavallo, e do alto do caminho, a alguns passos de distancia, volvi os olhos.

Agora, sim! Lavada de chuva, a luz crúa de um sol de primavera, a casa velha tinha bem o ar de tapêra, de ruína, de cousa morta, esquecida e abandonada, e no silencio encantado da terra rejuvenescida por um grande sopro creador, a velha casa era como um symbolo, o amargo symbolo destas almas incomprehendidas, e desprezadas, batidas pelo Destino, e esquecidas do Mundo — almas humilides que, insuladas num rutilo sonho de Belleza e Bondade, se aggravam á vida, teimosamente, dolorosamente, sem vér que em derredor cresce o deserto, o deserto inhospito e cruel, negro e infinito como o Mal, convulsionado por furiosas rajadas que tudo arrasaram e tudo derribam...

E da face da terra, a velha casa desaparecerá lentamente, persistindo um pouco mais na memoria dos homens, fumaça tenue, saudade vaga, que o tempo dissipará.

E mais tarde ainda, para além desse futuro, nem outro dia ainda mais remoto, quando a lembrança desses homens fór tambem apenas saudade, da velha casa em ruína, nada restará... nada...

MARILDA PALINIA

Goyaz, 1920.

NOVA SEIVA

O melhor livro de contos que ha para as creanças. É' um grande e luxuoso volume, em magnifico papel glacé, ornado de numerosas illustrações elucidativas. É' o melhor presente que se póde dar a uma creança estudiosa. Os contos são moraes e instructivos, e prendem desde logo a attenção dos petizes pelo interesse do assumpto, pelo enredo, pela graça, pelo encanto. As creanças mais rebeldes á leitura não resistem ao desejo de ler a "Nova Seiva", que, demais, póde tambem ser lido, com agrado, pelos adultos.

Vende-se nesta redacção por 5\$000. Registrado. pelo correio, 6\$000.

Amo ou creado?

Subi para a carruagem: mais ou menos ás duas horas da tarde, logo depois de haver jantado. E' ora, a minha pequena cadella, occupava o assento da frente. L'afleur tinha colocado sobre as almofadas, com uma garrafa de vinho das Canárias e alguns doces para Flora, cinco ou seis volumes, e tre os os quaes os "Caracteres" de João de la Bruyère.

L'afleur sabe que, como todos os meus antepassados, os Duques de S. Sabino, pouco leio, mas puzera os livros no carro para chamar-me o somno, pois durmo o mais possível enquanto viajo. E' tão aborrecido viajar!

Desde que se sae de Paris ou de Versalhes, haverá alguma cousa digna de ser vista? Como é insipido e monotono o campo! Árvores, hervas, medas de feno terão por acaso algum interesse?

De longe em longe vêm-se alguns animaes ou homens, que aliás pouco differem d'aquelles; atravessam-se pequenas aldeias formadas por horribes choupanas, tendo em frente á porta montes de lixo... Não, não quero ver essas cousas, pois tenho passado a vida entre as bellas galerias de Versalhes e Marly, ou nos jardins em que o genio de La Quintinie tornou a natureza quasi tão correcta como os nossos edificios!

Tinha adormecido profundamente quando uma parada brusca da carruagem me acordou. Vi que anoitecera e que estava muito escuro. Como Flora se puzesse a latir, abaixei o vidio da frente e perguntei:

— Chegamos?

Não, monsenhor, e nem ao menos sei onde estamos. Tomei um atalho que um camponez affirmou diminuir uma legua de caminho.

— Então, que te fez parar?

— E' que... Guimaud pretende que o caminho está interrompido por um riacho que transbordou...

Puz a cabeça de fóra e vi, á luz das lanternas, o meu pobre creado Guimaud enlameado até ás plumas do chapéu.

Se fór possível virar o carro, tentarei voltar á estrada.

Prohibo-te de fazê-lo, tolo! Chicoteia os cavalos e segura-os bem. Se Deus fór servido, venceremos o obstaculo. Um S. Sabino não recua nunca!

O cocheiro tocou para a frente, mas o caminho cheio de buracos tornava a marcha muito lenta. A escuridão mais intensa fez-me perceber que estávamos dentro de um bosque. Logo depois ouvi a agua batida pelos pés dos cavalos e pelas rodas da carruagem. Esta, muito alta, não podia ser atingida por ella, mas, rodando em caminho pessimo, oscillava furiosamente, da direita para a esquerda, e vice-versa.

De repente senti um forte abalo. Não sei se foi causador delle uma pedra ou tronco de arvore, mas a carruagem inclinou-se bruscamente, o vidio partiu-se, e a agua, gelada, invadiu o interior. Dei uma cabeçada tão violenta que perdi os sentidos.

Quando voltei a mim estava em um quarto desconhecido e mal iluminado, recostado sobre almofadas. L'afleur, ajoelhado ao pé de mim, queimava pennas junto ao meu nariz, e esfregava-me as fontes com vinagre. Deu um grito de alegria ao vêr-me abrir os olhos.

— Deus seja louvado, meu senhor está vivo!

— Creio que sim, L'afleur, Flora está salva?

— Está alli, deitada a vossos pés.

— Querido animalzinho, agita a cauda, ouvindo a minha voz... mas, onde estamos, L'afleur?

— No castello de Grandmont.

— No entanto não ha nada aqui que faça lembrar um castello... De facto: moveis de vime, uma mesa de madeira carunchosa, sobre o azulejo, uma esteira velha, e, á guiza de quadros, instrumentos de lavaura, enfiados, pendurados pelas paredes caídas, foi o que vi ao abrir os olhos.

— Trouxemos o senhor para a casa do jardineiro. O castello fica a cinco minutos Bateria á porta.

— Vae vêr o que querem, L'afleur. Este saiu, e voltou logo.

— A condessa manda pedir noticias do senhor, e convida-o a ir

cear com ella, se se sentir com forças para chegar até o castello. Está á porta uma cadeirinha.

Quem pôde ser essa condessa, em cuja casa me encontro? Alguém vêha providencia a minha, que já se alegria com a aventura que lhe entrega um homem da corte, que ella decerto nunca frequentou, e cuja novidade deseja conhecer. Resignemo-nos a servir-lhe o ergalo que parece desejar. Mas como estou vestido!

— Que significa esta roupa, L'afleur?

— A caixa que continha os seus atavios caiu n'agua, e por emquanto tudo está molhado.

— Como! a minha casaca de velludo carmesim, a vestia de setim branco bordada com flores de ouro...

— Ah! senhor, nem ousou pensar n'isso! era preciso no entanto, trocar-lhe a roupa. A carriola de bagagens que nos seguia nada soffreu com o accidente, n'ella estava a minha roupa... então... ousei...

— Perdoo-te, L'afleur. O que me admira é sentir-me tão bem dentro dos teus calções e de tua casaca. Quasi chego a crer que somos feitos da mesma massa.

— Oh...

— E' claro que não me posso apresentar deante de uma condessa, desde que ha uma condessa, com essa roupa. E' uma inconveniencia que nunca um Sabino commetterá. Dize o que quizeres: que agradeço mil vezes á sra condessa, mas que estou ainda atordoado e tenho necessidade de repouso.

Amanhã terei a honra de ir cumprimental-a e beijar-lhe as mãos. Veja se me arranjas alguma cousa para comer, pois morro de fome.

L'afleur apressou-se a escutar as minhas ordens, e voltou logo depois seguido por uma moça, que me disse ser filha do jardineiro.

— Babet, que o toma por um de nós, vae servir-l-o.

— Muito bem, eis-me transformado em L'afleur até a manhã seguinte. A situação tinha um "quê" de picante uma novidade que me seduzia.

Examinei Babet, que me pareceu ter olhos bonitos demais para a simples filha de um jardineiro. Observei em seu modo de andar, de falar, enfim em todos os seus gestos uma discrição natural, infinitamente rara em pessoas de condição modesta, sobretudo entre camponezes. Ella poz sobre a mesa uma "omelette", presunto, um copo de cidra, pegos de bom tamanho e cor inimitáveis e enfim um queijo que o grande Vatel não se envergonharia de servir ao grande Condé.

— Ides fazer uma refeição summaria, Sr. L'afleur, disse ella, sorrindo sem o menor embaraço.

Encantadora Babet, servida por vossas brancas mãos, esta cidra vale mais que a ambrosia que Hécbe offerecia aos deuses no Olympo.

Todos sabem que não ha nada que tanto agrade ás moças como compral-as com as deusas da mythologia — Babet no entanto mordido os labios e corou levemente ao ouvir "vossas brancas mãos", o que eu dissera innocentemente, por habito, e escondi as mãos nos bolsos do avental, mas não tão depressa que não me desse tempo de vêr que eram, com effeito, muito alvas e delicadas.

— Descu pae-me senhor, mas nós, filhas do campo, não estamos acostumadas aos elogios, e peço-vos não nos fazer mais.

— Não gostas então de cumprimentos?

— Detesto-os.

— No entanto, vossos apaixonados...

— Não tenho apaixonados.

— Não vos quero offender, vosso noivo...

— Não me quero casar.

— E' resolução ajuzada, que muito aprovo.

— Uma moça como vós sois não se pôde casar, com um camponez grosseiro.

— Não é por isso. Ha camponezes muito bons, que conviriam perfeitamente a uma moça como eu. E' por que não quero deixar minha casa para casar?

— Essa senhora idosa pretende então encadear para sempre a seu lado, e fazer viver na sombra quem nasceu para gozar as delicias da vida e brilhar nas grandes cidades?

— Uma velha, minha ama! disse Babet, dando uma gargalhada. Ella tem apenas a minha idade, dezoito annos!

— Na verdade! e é bonita?



Capitão Manuel Leite Araujo Cavalcante, honrado negociante em Garanhuns, e um dos mais preciosos propagandistas da nossa revista.



A linda Duse Eleonora, filha do distincto poeta e jornalista sr. Jonathan Baptista, da Academia Piahyense de Letras.

no fim da avenida.

— Fico embarçada para responder...
— Porque?
— Dizem que nos parecemos...
Ella não pôde ser tão bonita como vós sois!
Babet teve um sorriso estranho e disse:
— Somos irmãs de criação, e nos amamos ternamente.
— Muito bem, mas quando ella se casar...
— Casar-se-ha? Sabéis que é filha do conde de Grandmont, marchal de França, que em Strikerque montou a cavallo sem tomar tempo de amarrar a gravata, gritando: Srs. officiaes, seguem os cavalos! que vamos ter a honra de carregar para a frente, pelo Rei e pela França! Dez minutos mais tarde, meu pae... seu pae, ouero dizeo, foi ferido mortalmente, mas a victoria estava ganha. Filha de um heroe, minha ama não pôde deparar um homem vulgar. Rico ou pobre, nozre senhor ou modesto genti-homem, pouco importa, desde que seja bom, bello e corajoso.
— Muito bem, e certamente mereço encontrar esse homem, mas tratavamos de vós, Babet, e não de vossa ama. Não podeis passar a vida servindo, não nascesteis para creda.
— Com que desdém falas de vossos ijuizes! não servis tambem? Eu! não tenho outro senhor serio o Rei!
— E o duque de S. Sabino?
— E' verdade, esqueci-me... mas o duque nada faz sem me consultar. O que eu quero, e'le quer: o que faço, approva, de sorte que, a dizeo a verdade, sou o amor de meu ama.
— Tambem eu faço o que quero de minha querida senhora.
— Eis mais um ponto de semellanca entre nós, uma razão a mais para nos amarmos.
— Para nos amarmos? Ihes depressa de mais Sr. Lafleur. O amor, pelo que ouvi dizer, não vem em tão pouco tempo. Ha uma hora apenas nos conhecemos!
— E ha um seculo vos amo!
— Vós outros, creados da côite, dizeis isso a todas as moças que encontrareis.
— Juro que nunca experimentei o que experimento esta noite. E era verdade. Acabando de jantar tinha-me levantado, e estava na soleira da porta aberta, junto de Babet, um pouco para traz. Em frente estendia-se um grammado, em cujo centro havia uma fonte com duas coudes de clumão polido, que pareciam fluctuar na superficie, e se molhavam mutuamente com a agua que lhes jorrava dos bicos. Além uma alca estendia indefinidamente as altas muralhas de verdura. Phoebe acabava de apparecer, e espalhava uma luz terna e amorosa sobre as gotas de agua, que scintillavam como prata derretida. O ar estava calmo, a noite sosegada e o silencio tão profundo, que eu julgava ouvir as pancadas precipitadas do proprio coração.
— As arvoreds, a agua, o luar são cousas banas, e ás quaes, geralmente presto pouca attenção: não sei porque n'essa noite tudo me parecia amar como eu, na natureza.
— Estava perto, muito perto de Babet, e embriagava-me com o perfume de iris e alfazema que se desprendia do seu grosseiro vestido, listado de branco e azul, tão modesto mas tão fresco!

— Oh! Babet, exclamei, e creio que a caí-lhe aos pés, tões as loucuras que me vi-nham aos labios. Ella impediu-me de falar, dizendo:

— Meu Deus, esquecemos de dar o jantar á cadella do Sr. duque!

Aproximou-se de Flora e quiz mimá-la, mas o almalzinho recuou rosando.

E' preciso dizer que Flora é excessivamente ciumenta. Desde que mostra inclinação por alguma mulher, ella a odeia, e externa, esse sentimento por todos os meios possiveis, rasgando as rendas dos vestidos, ou quando pôde, mordendo ás doas. Está claro que nada disse á Babet, porque assim revelaria ter estado, ou acreditado estar apaixonado mais de uma vez.

— Ha um leito arranjado no quarto visinho, vós noute, sr. Lafleur. Deve sentir necessidade de repouso, depois das impudências do dia.

Sorria maliciosamente. Era evidente que percebia que, entre essas emoções, a mais viva não era a queda da carruagem.

Ficando só fui para o quarto que me tinham destinado e despi-me mas custei muito a adormecer. O somno veio enfim, mas a imagem de Babet continuou a pôr-me a mente. Sonhei que penetrava, dando-lhe o braço, nas galerias de Versalhes, onde se achava reunida a côrte, e queria que ella se sentasse em um dos tamboretos reservados ás duquezas, esposas de duques e p-ces. O grande Rei lançava-me olhares terriveis, o mestre de cerimônias adiantava-se para fazer cessar o escandalo, quando acordei, banhado em suor.

Essé sonho me espantou, e resolvi fugir o mais depressa possivel do lugar onde tinha de passar a noite. Mas, quando reví Babet, mais encantadora ainda que na vespera, a coragem me abandonou, e, longe de executar o projecto primitivo, fiz uma asseira da qual me arrependi logo, mas não tão depressa, no entanto, que podesse evitar as consequências d'ella, que poderiam ter sido muito graves.

Lafleur entrou no meu quarto cedo. Trazia um guarda-roupa completo, que um portador, galopando a noute toda, fora buscar em Paris. Tinha agora com que me apresentar dignamente deante da condessa de Grandmont. Já Lafleur discutia a qualidade das fazendas e as côres: qual conviria mais, a casaca preta com a

vestia azul ou a casaca côr de junquillo e a vestia amarantho, bordada com flores de prata?

— Nem uma nem outra, escolhe o que quizeres, veste-te a vae-te apresentar no castello em meu nome. E'a espiroituoso, traqueado e bonito. Por vinte e quatro horas, e no campo, serás um S. Sabino muito passavel. Eu continue a deixar ainda algum tempo.

— Mas, sr. duque...

— Tal é o meu actual capricho, e quero que seja satisfeito.

Passou a manhã com Babet, que me mostrou á leiteria, onde a aidei o melhor que pude em seus trabalhos. Sentia-me capaz de aprender a fiar, para agradal-a, qual outro Hercules. Ella me permitiu uma ou duas vezes beijar-lhe as mãos, que admirei de achar tão perfetas. Parece que a sua ama não consente que ella se ocupe em trabalhos grosseiros.

— Quereis vêr minha ama? perguntou-me, aproximando-se da janella. Passa n'aquella avenida com vosso ama. E como se apoiá a seu braço! Parece combinar muito bem... Quem sabe se logo haverá um casamento em Grandmont?

Essas pal'avras me feriram como um raio, pois me mostraram a tylice que tinha feito, e que podia comprometter uma donzella nobre, levando-a a uma escandalosa aventura com um laçao. Olhei por minha vez, os passantes. Davam-me as costas, mas a sua attitude confirmava plenamente a observação de Babet. Desei-perme com o que eu via.

E' preciso que vá falar já com vossa ama e que a desengane. Esse todo deve ser castigado por ter procurado agral-ir, quando se devia limitar a fingir de duque com decencia e dignidade. Assim falando, elle voltei-me, mas Babet tinha de-sapparecido.

Vesti-me apressadamente, em conformidade com a minha alta situação, e corri ao castello.

Quero falar á Sra. condessa. Sou o duque de S. Sabino.

Como era o segundo que se apresentava aquella manhã, os creados mostraram-se um tanto espantados, mas ha nos nobres de nascença um "não sei que" que não engana a creadagem. Introduziram-se no salão de honra, onde esperei um longo quarto de hora.

Enfim a porta se abriu e appareceu a jovem condessa, ou antes Babet, mas Babet em trajes de gala, coberta de diamantes.

— Ereis então vós?

— Era eu, Lafleur fez apenas a conquista da verdadeira Babet, cuja mão lhe poderamos conceder, se as suas intencões são puras, e se não achares nisso inconveniente.

— E eu poderei esperar o vosso perdão por me ter desfaçado?

— Se me perdoardes tambem... ouvi falar muito no duque de S. Sabino—que quiz verificar por mim mesmo se elle valia mais ou menos que a reputação que grangeara.

— Poco-vos não me dizer como o achastes senhora, pois a partir do momento em vós viu, elle se tornou e ficou um outro homem! Deixa-o apenas viver na esperança de que um dia os seus mais caros desejos serão realizados. Sei que desejas um maridão bom, bello e corajoso. Ora, não sou dos noceos, e assegurei que nunca se viu um S. Sabino torto ou estúpido. Quanto á coragem, pretendo levar á proxima guerra o regimento de que sou coronel honorário.

A filha do heroico Grandmont deve desposar não um cortejo, mas um soldado.

Um sorriso de mulher amada e feliz illuminou-lhe o rosto encantador.

— A intencão vos será contada como accção, e não esperarei a proxima guerra para vos responder. Sou senhora de minhas accções, salvo a approvação de minha tia abduzida que só acha razoavel o que é romantico.

Estou portanto certa de seu consentimento.

Essa mesma noute, na capella do castello nos casava o padre

capellão. Terminou a minha Historia. Só direi mais que, para viajar, nada vale uma carruagem, principalmente quando sabe quebrar a proposito.



O gracioso Luiz, filho do sr. Brasileiro Salomon e exma. sra. d. Maria da gloria Mendes Salomon, de Santa Rita do Sapucahy, Minas.

UM TONICO MARAVILHOSO

Os brasileiros, em sua quasi totalidade, são annemicos. As moças, sobretudo, não devem consentir que a sua anemia se torne chronica, porque o resultado disso é o envelhecimento precoce, a fealdade, seu feio em outras palavras, mais serio e até fatal. O mesmo cuidado precisam ter os moços ou os homens em qualquer idade, porque, além de tantos males que o estado annemico acarreta, diminui a capacidade de accção e de actividade.

Muitas vezes a fealdade da pelle, as suas aspercas, a sua coloração desagradavel são provenientes da anemia de origem luctica. Para este caso, como para todos em que se exige uma tonificação geral, que seja efficaç, os resultados são promptos, aconselhando o Hematol. Este especifico é realmente maravilhoso, porque não tem effeitos secundarios que perturbam o organismo e porque a sua accção se faz sentir logo depois do primeiro frasco, bastando, ás vezes, um mez de uso para robustecer a sua vida.

O Hematol está á venda nesta redacção. Pedidos por vale postal ou carta registada com valor declarado. Preço, \$9000. Pelo correio, 75000.

O ASSASSINIO DE MULHERES

Já por muitas vezes nos temos occupado nestas columnas do assassinio de mulheres em nosso paiz, onde, segundo estatística, se mata uma mulher de duas em duas horas!... Esta cifra assombrosa que em qualquer paiz do mundo horrorizaria o mais condescendente dos commentadores, entre nós parece não causar o minimo arrepião! O jury, regularmente, absolve todos os dias, em todas suas sessões, os assassinos de mulheres. Quem mata uma mulher no Brasil tem certeza da impunidade de seu crime. Si furtar, si roubar, si falsificar uma letra, si praticar qualquer crime menor, será condemnado; mas si matar uma mulher, si extinguir uma vida, si levar sua ira aos requintes mesmo da trucidação, pôde ter certeza plena de que será absolvido, e de que voltará para o convívio social como si tivesse praticado acto meritorio, ou, pelo menos, muito banal. Nossa brilhante collaboradora Anna Rita Malheiros chamou, muitas vezes, para este facto monstruoso a atenção de nossas patricias. Aconselhou que se formassem ligas femininas em todas as cidades do Brasil contra essa aberração criminosa da lepra nacional que se chama o jury. Mas sua voz morreu sem eco. A brasileira ainda não comprehendeu que enquanto não pugnar pelo seu sexo continuará a ser apenas instrumento passivo, sem voz social, corrida a tiros a menor falta, obrigada a soffrer, calada, todos os ultrages. Umas se não querem mover por inercia. Outras porque entendem que sendo o maior numero de assassinos motivado pelo adulterio, insurgir-se contra o castigo arbitrario do homem, é dar-se por favoravel ao adulterio. E o que queremos pregar não é que se deixe sem penas o adulterio — si bem que penas só mereça o das mulheres — e sim que se lhe não destinem penas que para os maiores crimes nossa lei não admite. E nem que a qualquer homem seja permitido, cego pela paixão, fazer justiça por suas proprias mãos no sangue de sua victima. Nunca entendemos nestas columnas o feminismo como um movimento subversivo. Ao contrario sempre o pregamos conservador da moral e da religião. Assim, pois, é fraco pretexto o daquellas senhoras. E as que se deixam quietas por preguiça, ou porque entendem que como nunca peccarão nunca lhes attingirá por pena a morte, são de egoismo inconsciente, e de verdade peccaminosa.

Acaso pleitearam os outros crimes os que combatem a pena legal de morte nos paizes em que foi ella abolida? Porcerto que não. Então porque se entendem que só pelo facto de protestar contra a chacina das mulheres que adulteraram, se tenha por admissivel o adulterio?

E, é bom lembrar, o assassinio de mulheres já não está mais limitado aos casos de adulterio. Muitas moças tem sido mortas a tiros e a punhaladas porque não tem querido aceitar por esposo pretendentes que lhe apparecem, e que se mostram indignos de seu amor. Ha pouco, em Nicheroy, o jury absolvia, em meio de vivas á republica — oh, impagavel republica! — um individuo que matara uma mulher casada, por ciumes de seu marido!... A tanto vae galgando a pena de morte ás mulheres.

Ora, nestas condições, que muito é pedir ás brasileiras que iniciem campanha, e campanha progressiva contra este estúpido assassinio que, dia a dia, se multiplica. Não temos assento nos tribunales do jury: temos, porém, meios de influir em seus julgamentos, com nossa persuasão. Fundem-se ligas contra o assassinio de mulheres em todas as cidades do interior, conjuguem-se a acção dessas ligas para obter medidas que refreiem este crime que nos vae tornando em barbaaria maior que a dos cafres, e não tardará em que tenhamos victoria. Porque protestos surgem de toda a parte, não só das mulheres, como dos proprios homens, de bom senso e bom coração — O que falta, apenas, é que se arremetam aquellos protestos. E ainda hoje, a proposito, e a seguir, transcrevemos um topico do jornal O dia, do Rio de Janeiro, sobre tão momentoso assumpto. E' um jornal masculino, e não é jornal que pregue o

adulterio porque condemna o assassinio... Leiam e meditem:

"A nota do dia é a nota de todos os dias: o assassinato de uma mulher. O caso desta pobre menina alvejada a revólver por um criminoso precoce, é o de mil outras creaturas cuja vida passa a ser um favor do mais raro acaso logo que entra na scena sentimental um homem. O que era e ainda é por toda a parte um tragico incidente, é hoje entre nós usança banal e quotidiana.

O Brasil é o paraíso dos muliericidas. O trabalho não é difficil, dada a superioridade physica e de armas, e a impunidade está assegurada por um grupo de empreiteiros da absolvição, senhores das machinações desonestas e da inconsciencia do nosso jury. Por isso entre nós invadiram circulos habitualmente ordeiros os usos e costumes dos apaches em outras terras. A' minima provocação, real ou phantasiada, fala a pistola ou opera o punhal. E como o espirito — apache — só é permeavel ao medo physico, os outros homens gosam até certo ponto do beneficio da duvida em que fica o matador sobre a sua capacidade de se defenderem. Mas, sobre as mulheres têm poucas duvidas e presumem o jogo sem riscos. E' o dumvirato da sceleterez e da covardia. Quem organisasse a lista das execuções desta hecatombe, faria um documento sorprendente, como informação da nossa mentalidade social. Porque a nossa attitude perante a mais covarde das violencias é um symptoma de molestia collectiva.

A sociedade que se apia do fraudulento e do sicario, ao mesmo tempo recusa piedade ás suas victimas, e assim se faz socia e cumplice delles. Ora, só um estado morbido permite que a gente esteja a trabalhar junto por aquilo que a consciencia de cada um separada condemna. E' s'gnal de doença das nações. E aqui attinge mais que o caracter, affecta o proprio instincto vital, pois, sendo a sociedade virtualmente a victima designada dos refractarios, animar a proliferação destes é buscar o suicidio. E uma sociedade nova e sã não procura a propria destruição.

Estas coisas têm sido ditas e ditas e todos estamos fartos de sabel-as. O que é preciso é tratar de concretal-as. O remedio que ha de vir da modificação dos nossos habitos ha de vir de vagar, e quando chegar, talvez já não encontre mulher viva no paiz. Ao governo cumpre dar o remedio immediato, alterando inteiramente o nosso aparelho judicial. E' preciso subtrahir as victimas de amanhã á influencia sceleterez dos juries irresponsaveis que, absolvendo o criminoso, encorajam os criminosos, e fazem de cada crime o incentivo de mil outros."

COLLECÇÕES ENCADERNADAS

Da nossa Revista

Já estão á venda, nesta redacção, pelo preço de 25\$000, as collecções encadernadas da "Revista Feminina" referente ao anno que findou. Se, acaso, a algumas pessoas, esse preço parecer exaggerado, basta advertir que, se ao preço de uma assignatura com registro, que é de 20\$000, se lhe juntar mais o da encadernação, que é de 10\$000 no minimo, a collecção vendida por 25\$000, fica notavelmente barata. E tanto assim é, que essas collecções não constituem lucro, antes prejuizo, e só servem como mito de propaganda.

As encadernações são solidas e elegantes, em percalde de diversas cores e com os dizeres em letras douradas. Como presente a uma senhora, a uma moça ou a uma menina, é o que ha de mais util e de mais elegante.

Um mimo, que se offerece a uma pessoa, como lembrança ou homenagem, tanto mais vale quanto mais util é. Uma collecção desta revista vale pela sua perpetuidade, pela sua oportunidade sempre presente e pela utilidade, como ensinamento, que della se tira. Os 25\$000 empregados na compra de uma collecção valem mais que contos de réis esbanjados em prazeres ephemeros e cujos resultados são sempre nocivos.

Enviem-nos 25\$000 em vale postal ou em registro pelo Correo com valor declarado.

Pedidos a esta redacção.



OS MENINOS POBRES

Conto para creanças

Tu, meu bom amiguinho, não sabes como é que se ganha a vida nem quanto é difficil ganhá-la, porque teu papae te dá cama, mesa, brinquedos e gulodices. A ti nada falta. Para que teus papás satisfaçam o teu capricho, basta fazeres uma carinha de choro. Com essa moeda facil, que é o choro, o beijo ou simples pedido, compras tudo: bonbons e entradas no cinema, bonecos e lindas roupinhas.

Como é, porém, que tens tudo isso, se não sabes trabalhar para ganhar dinheiro? E' porque teu papae trabalhou, trabalhou muito, privou-se de muita coisa para fazer economias. As creanças como tu nunca sabem o que é o trabalho nem o que elle custa. Só mais tarde é que o saberão.

Entretanto, ha muitos meninos menores do que tu que já sabem o que isso é, que vivem todo dia na rua a labutar para, á noite, levarem dinheiro ao seu pae. Se não o levam, apanham pancada e ficam sempre machucadinhos. Isto te parecerá uma barbaridade, mas assim é a vida da gente pobre. As maiores barbaridades do mundo se fazem por causa do dinheiro; e para conquistá-lo se fazem muitas coisas feias.

Conheço um homem, de má indole, que, desde que amanhece, manda o filho para a rua a ajuntar esterco das vacas e dos cavallos, para o vender em seguida

aos chacareiros e a todas as pessoas que queiram adubar os seus quintaes. Se o menino não consegue ganhar, com essa tarefa tão pesada, uma certa quantia a que é obrigado pelo pae, este coça-lhe as costas com varadas que o fazem berrar de dor. Que bruto! dirás.

E' verdade, é um bruto, mas é bruto porque é pobre.

Os filhos dos pobres não andam tanto tempo na escola como os filhos dos ricos, e porisso aprendem menos, e como sabem menos, menos ganham. Quando elles tiverem filhos, depois que se tornem grandes, farão com os filhos o que os paes fizeram com elles.

Os pobres tiram cedo os filhos da escola, logo que estes possam ganhar com seu trabalho algum dinheiro para ajudar nas despesas da casa. O que querem os pobres é que os filhos aprendam logo a ganhar dinheiro, desde pequeninos. Isso é muito justo. Como saem cedo da escola e não tiveram bastante tempo de aprender ou aprenderem pouco e mal, serão sempre pobres ou muito difficilmente conseguirão fazer fortuna.

Já terás visto, por certo, esses meninos que andam pelas ruas da cidade, descalços e esfarrapados, a vender jornaes. Pois esses meninos que vendem jornaes ou que pedem esmola ou que andam pelas feiras a oferecer-se como carregadores, vivem a trabalhar para os



paes e sabem bem o que vale o dinheiro. Esses paes são tão pobres, que não sabem o que vão comer amanhã.

Não deves, meu querido amiguinho, lastimar esses meninos, filhos da miséria, que mal sabem falar e já estão trabalhando e nem puderam ir para a escola a aprender a ler; não basta que os lastimes, é preciso que a tua piedade se manifeste de outra forma, procurando-os e fazendo-lhes pequenos benefícios.

Entre teu pae e o creado de teu pae ha muita diferença; mas entre ti e o filho do creado não deve haver diferença nenhuma. Porque teu pae não brinca com o creado, mas tu e o filho do creado podeis brincar livremente. Sois ambos eguaes. Entre meninos não ha ricos nem pobres.

Nunca tenhas receio de te approximares de um garotinho das ruas. E' verdade que elle anda sujo e gosta ás vezes de dizer palavras feias. Mas disso não tem elle culpa, porque é ignorante. Nem sempre os meninos pobres dizem palavras feias, porque a maior parte delles andam sempre tão atarefados, tão cansados da sua labuta constante, que não têm tempo de adquirir costumes perniciosos.

Na escola é muito commum os meninos ricos, que se vestem bem, não se juntar nunca com os pobresinhos, evitando-lhes a companhia, com orgulho. Nunca procedas assim. Entre esses pobresinhos ha muitos de excellente indole e cuja amizade te poderá ser util. Trata-os bem, de igual para igual; divide com elles o teu

lanche. Pede sempre á tua mamã uma grande provisão de pão e queijo para repartir entre os que, por serem pobres, não levam provisão nenhuma.

Nunca julgues que os meninos pobres são máos. Entre os garotinhos da rua, que andam vendendo jornaes ou executando outros labores pesados, muitos ha que são bomzinhos, meigos, intelligentes. Elles, apezar de pequeninos, já têm muita experiencia da vida, já têm a verdadeira experiencia, que é a do soffrimento.

Uma das coisas máis injustas é ver um menino rico cuidar-se patrão dos filhos do creado do seu pae. Se teu pae dá ordens ao creado, não é razão para que des ordens tambem ao filho desse homem. Teu pae dá trabalho a um trabalhador e este trabalhador vive desse trabalho que lhe dá o teu pae, mas não és tu que das de comer ao filho d'elle, senão o proprio pae.

Quem nada ganha, pobre é; e tu, que não ganhas nada, és pobre tambem, embora teu pae cuide muito da tua educação e te vista com lindas roupinhas. E's tão pobre como o menino pobre. Não tens mais que uma fortuna, que é teu pae.

Quando fores grande, quando te tornares homem e começares a medir a diferença que separa as classes na sociedade, não deixes que o orgulho penetre em teu coração. Não desprezes os pobres; antes, procura-os, e protege todos aquelles que possas proteger, beneficiando-os com dinheiro ou arranjando-lhes empregos quando estiverem desempregados.

LAURA VAZ

A estrada da gloria

*Si quizeres passar por essa estrada,
Oh! não te illudas, não! Toma cautela!
Ella parece toda illuminada...
E de sonhos tua alma se encastella.*

*Não é de louros sempre atapetada
E não fulgura, assim, risonha e bella...
Tu acharás por toda essa jornada
Que ha mais espinhos apontando nella...*

*Segurarás... Via crucis da amargura...
Buscando a perfeição numa tortura,
Incomprehendido, triste, visionario.*

*Encontrarás, nas phases dolorosas,
Muitos aculeos dentre as poucas rosas...
— A gloria não é mais do que um Calvario! —*

Lola de Oliveira.

(Amethystas).

?

*Eu vivo a interrogar e ninguem me responde!
Nem do vento o gemer, nem o choro da vaga,
Nem a floresta muda, onde o echo se esconde.
Porquê esta incerteza em mim nunca se apaga?...*

*E esta doida pergunta aqui da terra aonde
Sopra o furioso vento e passando azorraga
Formosa arvore exul, vergando a verde fronde
Que açoita no passar e a folhagem esmaga;*

*Esta doida pergunta á duvida inclemente
Envio sem cessar. E a duvida na aragem
Ruge e no seu rugir, vai a cantar fremente...*

*E eu sigo interrogando ao passar pelo monte,
A' pedra, ao rio, ao pó, á tristonha folhagem
Se existe alguma cousa além deste horizonte?...*

Aplecina do Carmo.

(Do livro "Cinzas: Pó"...)

O THEATRO NACIONAL

A nova peça de Claudio de Souza: Os bonecos articulados, representada no mez passado, simultaneamente no Rio e em São Paulo, foi mais um triumpho que o applaudido escriptor poudé juntar á sua corôa. E bem diz um jornal carioca, "A Folha", de Medeiros e Albuquerque: "Os bonecos articulados não é só uma victoria de Claudio de Souza: é uma victoria do theatro brasileiro de comedia. Bem poucos autores, não só nacionaes como estrangeiros, pôdem gabar-se como aquelle escriptor de haver lançado tantas peças quantos triumphos. Cada um de seus trabalhos que se representa é um verdadeiro acontecimento e um triumpho." Effectivamente, em São Paulo e no Rio, a critica unanime teceu os maiores elogios a *Os bonecos articulados*, cujo enredo vamos synthetizar. Pombo, um homem bom, de excellente fundo conservador, casa-se com Cota, rapariga muito embuída de modernices, e leva-a consigo para sua fazenda. Pombo é um apaixonado da lavoura e da natureza. Cota, uma reitora viaciada de romances. Assim, enquanto para Pombo a vida da fazenda é regalo, para sua mulher é insipidez e tedio. Sem relações, em constante hostilidade com o meio, Cota insula-se, fecha-se em sua casa com rumas e rumas de romances. Ne'les vê typos encantadores que em nada se parecem com seu marido. São rapazes seductores que se deixam matar pelas mulheres amadas, capazes de todas as dedicações e de todos os heroísmos por sua deidade, enquanto Pombo é o homem terra a terra, que por mais que a estime e que a bem trate começa a parecer-lhe ridiculo. Nestas alturas, cõe na fazenda um engenheiro apenas formado, que de engenharia nada entende, porque, como diz elle, nós filhos deste seculo orilhante já nascemos com uma ignorancia encyclopedica e hereditaria que nos permite falar de tudo sem de nada entender. O engenheiro, Cassio, vem ao lugar á procura de uma jazida de pedras preciosas que, como é claro, nunca consegue encontrar com seus "encycopedicos" conhecimentos. Descobre, porém, a gemma rara da mulher de Pombo. Assedia-a com estudada arte, e inculca-se o heroe de romance, o cavalleiro andante que vem salvar aquella pobre alma incomprehendida de mulher. Pombo, bonacheirão, não vê o perigo naquella aproximação, senão quando em certa festa apanha o engenheiro a furtar um primeiro beijo á sua mulher. Então, aquelle homem grande, forte, robusto, aquella grande massa humana, que só pensa em seu gado e em suas lavouras, e no qual parece não poder habitar qualquer sentimento delicado, começa a soffrir, e faz pena, porque soffre, em silencio, dolorosamente, "como as velas que nas camaras mortuarias se extinguem sem mais que uma crepitação

que é um gemido", segundo a linda imagem que ha na peça. Mas eis que um amigo que vem á fazenda, lhe aconselha uma farça: fingir que expulsa a mulher de casa. Ella, que até então ainda não quizera ceder, irá celere attar-se aos braços do amante, e este, como todos os seductores "só procura a mulher alheia porque tem casa, comida e roupa lavada garantida por terceiro" dará as de Villa Diogo, desilludindo assim a romantica cabecinha de Cota quanto aos modernos cavalleiros andantes. E' o que Pombo faz. O desfecho esperado acontece. Cota, desilludida, vê partir o personagem romanescos de seu sonho, e accete a reconciliação que lhe offerece aquelle Pombo "grandalhão, rude, terra a terra" mas que lhe queria sinceramente, e que era a verdade real da vida.

Com este thema compoz Claudio de Souza tres actos encantadores, em optimo vernaculo, com imagens deliciosas de imprevisto, e o exito de seu trabalho, que é de alta moralidade, foi estrondoso. O "Estado de São Paulo" por seu critico classifica-a como peça encantadora, no genero das peças de Suderman. O "Correio Paulistano" diz que "nella seu autor mais uma vez se revela o escriptor imaginoso e fecundo pelo estylo e pela linguagem em que estão vazados seus dialogos". O "Jornal do Commercio", do Rio, affirma que mais uma vez se atesta a fina observação de comediographo, e que a peça merece ser apreciada por todos aquelles que amam o bom theatro. A "Patria" proclama Os bonecos articulados "como mais um bello trabalho do victorioso autor de Flores de Sombra, com typos de grande nitidez, desenhados com firmeza e segurança, dialogo interessante e suave, espirito observador e subtil". O "Paiz" que "os caracteres das figuras principaes estão perfeitamente vinculados. O dialogo é vivo, e tem espirito, e que a peça teve o agrado que se esperava.

Diz "O Jornal": "E' uma comedia de caracter, com seu entrecho a desenvolver-se naturalmente, suas figuras perfeitamente definidas, propriedades de ambiente e dialogo facil e brihante, tres interessantes actos, que o publico tão bem recebeu, não faltando a seu autor, mezejador facil da linguagem, a argucia subtil dos psychologos. E nos deu elle perfectos os seus typos bonecos.

E'-nos impossivel transcrever mais do que esses ligeiros topicos dos innumerados e innumerados artigos de grandes elogios tecidos ao novo trabalho do eminente escriptor. Limitamo-nos a fazer coro com elles, e a felicitar o illustre escriptor patricio a quem devemos o regio mimo de nos haver dado preferencia para a edição em volume de seu ansiosamente esperado trabalho — Maria e As Mulheres Biblicas.

ALTRUISMO

(Ao Dr. Pedro de Castro Canto e Mello).

Nasceu, quando no céo anjos cantavam,
Rumores festivos por tudo havia,
Os labios que se abriam murmuravam:
"Nasceu para a ventura e a alegria!"

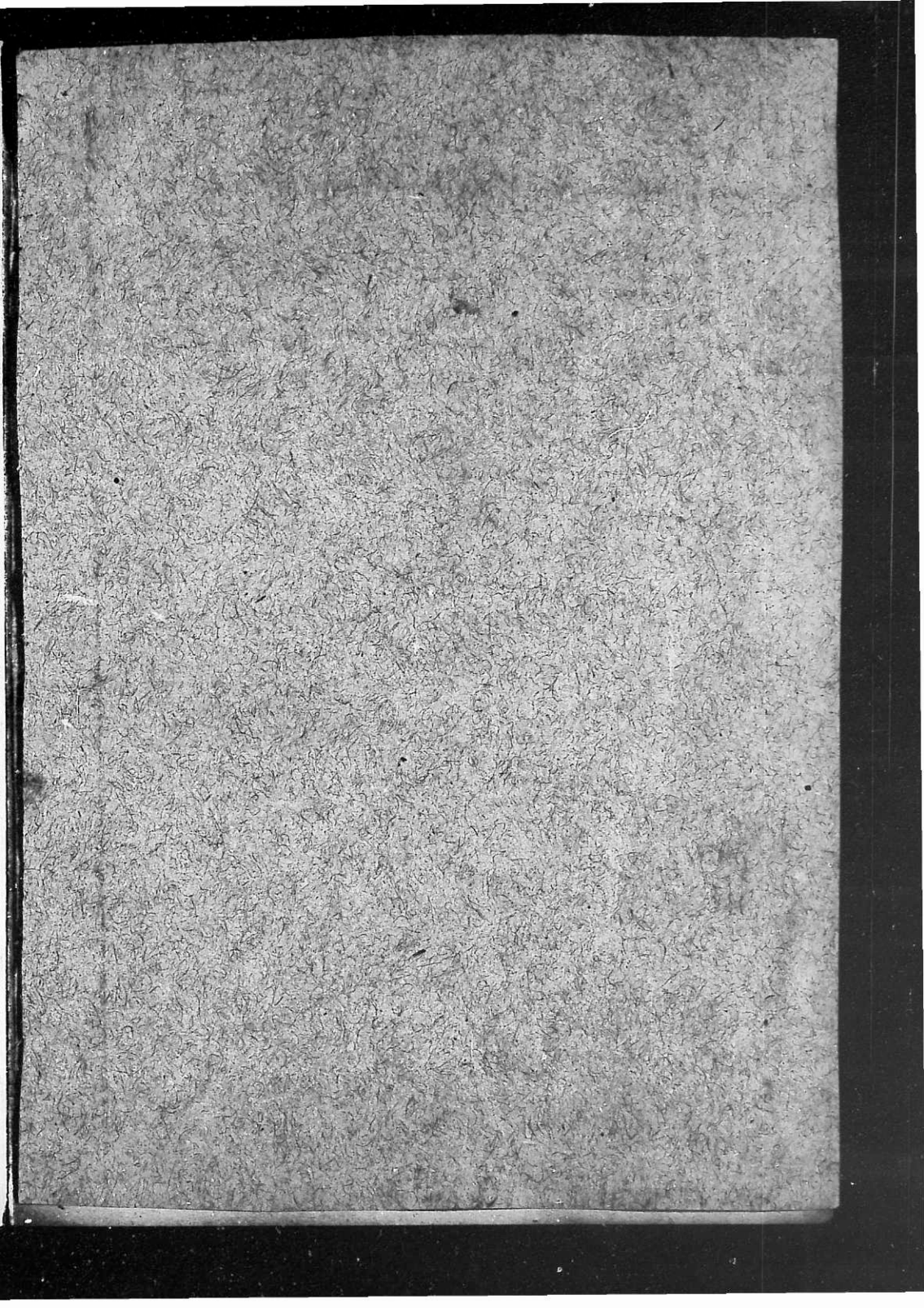
Os infelizes d'ella se abeiravam,
Ditosa, que abraçasse sua agonía,
Ella, então, entre aquelles que choravam
Toda a sua ventura repartia.

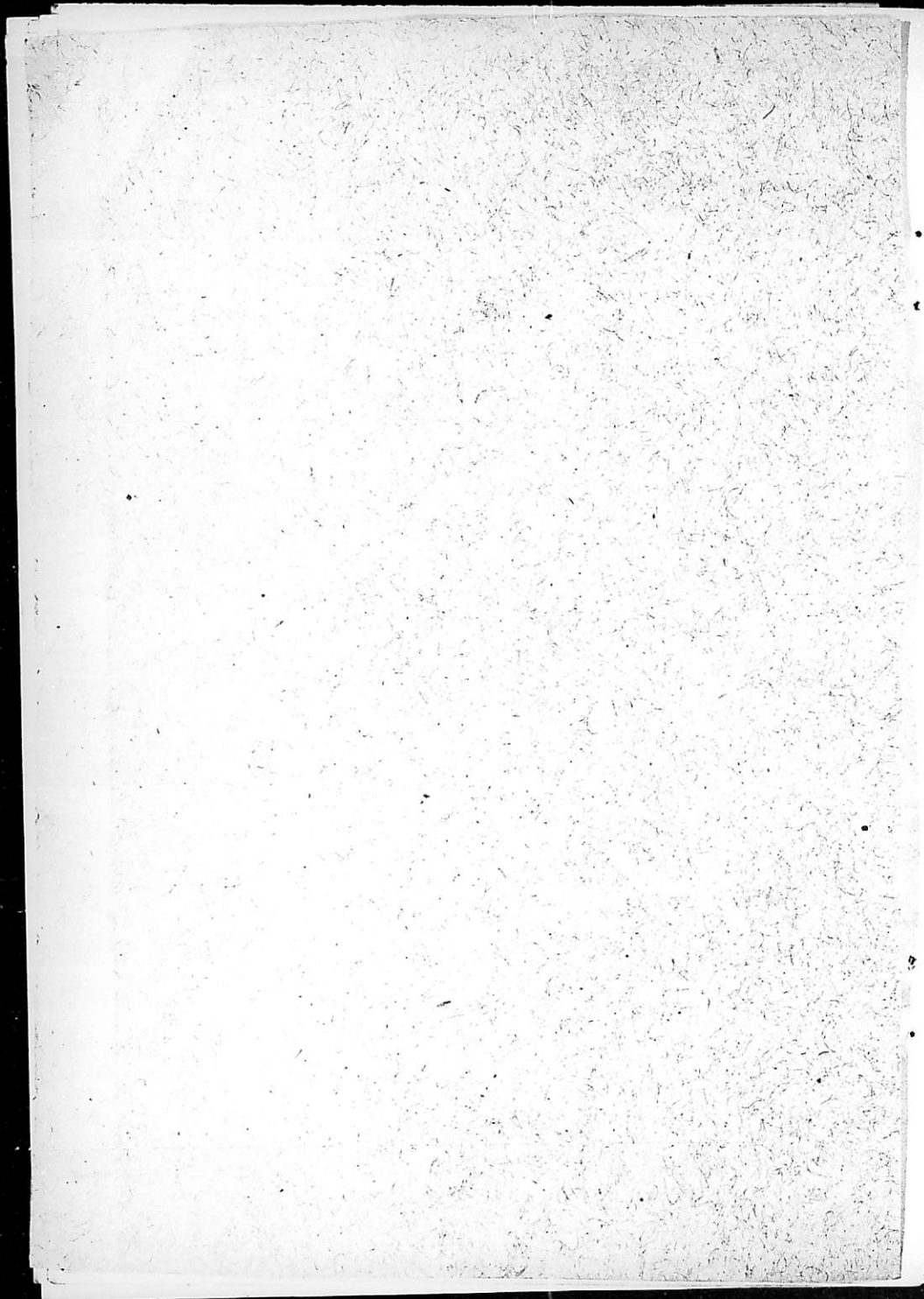
Foi tal o sacrificio ardente e louco,
Que o seu lindo e encantado paraíso
Enchera-se de magua pouco a pouco.

Foram tantas as chagas que pensara
Que até o meigo e angelical sorriso
Na sua bocca de nácar se apagara.

YAYNHA PEREIRA GOMES.

De "Folhas que caem".







Correspondencia da Revista Feminina

D. Anna Rosa de Lima Mendonça (Itapoli) — As nossas columnas estão franquadas a todas as senhoras que queiram trabalhar conosco, e a senhora, pela sua clara intelligencia e pela clara direcção que deu ás suas curiosidades intellectuaes, merece de nós uma attenção toda especial.

Mande-nos a sua collaboração, que será bem acolhida; e como já a consideramos nossa collaboradora, aqui transcreveremos os topicos da sua carta referentes ao que de perto nos interessa:

"Li, tenho lido e lerei com maximo interesse a "Revista Feminina", especialmente o que se refere ao feminismo. Uma vez que se ventilam opiniões em torno do magno problema do feminismo em nossa Patria, quizera additar algumas considerações, (si as gentis amiguinhas o permitirem...) sobre o assumpto. Quizera abordar-o, especialmente sob o ponto de vista da moral que, a meu ver, num país em formação como o nosso, é a alavanca poderosa do progresso. Sem ella tudo é tropeço, tudo é difficuldade, tudo é demencia. Parece ainda prematuro pensar-se em feminismo no Brazil. Compreendo o fim que o "movimento" tem em mira. Entretanto, unicamente condida pela nossa futura sorte desejava apontar o calcanhar de Achilles do magno quão melindroso problema..."

Sr. J. S. V. (Recife) — Se os seus versos não tivessem merito, tel-o-lamos lançado á cesta de papéis velhos; mas porque o têm e são reveladores de um talento brilhante, guardamol-os. Não os publicaremos, porém, sem que o senhor, que, de certo, manja o verso com muita incerteza ainda, os corrija e lhes dê certos retoques indispensaveis. Por a.to lhe indicaremos que o verso

"Para que eu fosse, pos vos, inda lembrado"

está errado. Seria correcto se substituisse o "para" por "pra"; mas como essa emenda fica peor que o soneto arranje-o como achar melhor.

"Sem odio, sem paixão, ignorado"

está tambem incorrecto: "Ignorado" tem apenas quatro syllabas, e não cinco. Uma simples vogal, como o "g", não tem valor syllabico.

Além disso e do mais, ha ainda a pontuação, que é ora excessiva, ora descuidada.

Corrija o seu trabalho e mande-nolo.

Sra. Viuva Lino Melrelles da Silva (Bahia) — Já providenciamos em obediencia ás suas ordens. Na Bahia temos, relativamente, poucas assignantes, enquanto que o maior numero dellas são do norte do país. Precisamos intensificar no seu Estado, tal como temos feito nos outros, uma campanha em favor da nossa revista; para isso, porém, necessitamos do concurso de algumas senhoras bahianas, que queiram pôr a sua intelligencia e boa vontade ao serviço da nossa causa, que é a causa da mulher brasileira. Como contamos a senhora entre as nossas melhores e mais preciosas amigas, animamo-nos a fazer-lhe um pedido: enviarnos um nome ou nomes de senhoras das suas relações, residentes ali, que queiram auxiliar-nos na propaganda da revista, para nos dirigirmos a ellas por carta, orientando-as na maneira de pôr em pratica esta propaganda. Precisamos de muitas assignantes entre as senhoras bahianas e guardamos a senhora a indicação das pessoas a quem nos devemos dirigir.

D. Elisa de Macedo Lima (Piahy) — São bastinaveis as coisas que nos conta. Damos, porem, por muito bem empregado o seu esforço, embora tenha elle sido improfructivo. Se das pessoas a que a senhora, com tanta bondade e intelligencia, se dirigiu, não nos veio nenhum estimulo, pouco importa; basta-nos o estimulo que da senhora nos vem, traduzido pela sympathia com que nos distingue e pelo esforço, embora improfructivo, que despendeu. Achemos, entretanto, que não deve esmorecer. A conquista de uma só que seja, já constitue uma victoria.

D. Beatriz Santos (Parahybuna) — Muito gratas pela sua attenção e bondade, já providenciamos. Esperamos que tenha outros gestos que redundem em beneficio da nossa causa.

Sr. João Gonçalves Lima (Itabira de Matto Dentro, Minas) — Sciendes de suas ordens, tratamos de dar-lhes providencias. Muitas das expressões da sua carta, externadas com uma fôrça e sinceridade, tiveram a virtude de aneidar a nossa justa vaidade. Nunca nos esqueceremos desta sua assignação: "A nós, brasileiros, desvanecemos-nos sobremaneira a "Revista Feminina", que nada tem a invejar de suas congêneres europaeas, representa do o ingente trabalho da mulher brasileira, culta como as que mais sejam". Das publicações europaeas ou americanas, destinadas à propaganda do feminismo e redigidas por mulheres, nós recebemos dezenas e dezenas mensalmente, e todas ellas são de aspecto menos que modesto. Entretanto, poucos dos nossos patrios têm a franqueza que teve o senhor, de affirmar essas verdades. Contamos com a sua actividade e boa vontade, agradecendo o que já tem feito e anteecendo agradecimentos pelo que provavelmente fará. A photographia será publicada brevemente.

Sr. Manoel Gomes de Araujo (Páu Gigante, Estado de Espirito Santo) — Gratas pelo gentilissimo critério que nos enviou e pelas palavras de encômio e applauso a nossa causa e a nossa revista. Muito esperamos da sua acção e da maneira intelligente como vae guial-as. Contamo-lo entre os nossos melhores amigos e estamos seguras de que o seu esforço, em pro' da nossa causa, será sempre constante e assignalar-se-á por brilhantes resultados.

Sr. José Alves Nunes (Bauri) — Aguardamos, com muita esperanza nos seus resultados, as promessas que nos fez e agardamos as que vem de cumprir. Enviámos-lhe um exemplar de "Maria e as mulheres biblicas", de Claudio de Souza, editado por esta empresa e cujo exito já se está fazendo sentir.

Esse offerecimento é uma singela homenagem que esta redacção lhe faz. Muito gratas pela espontaneidade com que veio ao nosso encontro.

D. Honorina de Paula Souza (Pirajú) — Embora sejam multiplos, como confessa, os seus affazeres — e os de ordem domestica são, de facto, os mais absorventes — achamos que poderá robar-lhes alguns minutos para pôr hombros a nossa causa e a nossa revista. Apesar de ter affirmado que não podem ser muito prestaveis os seus serviços, perdoo-nos que demos credito na affirmação opposta. Muita gratas lhe ficamos pelas promessas e aqui estamos sempre ao seu serviço.

D. Rita Souza (Maceió) — Recebemos as suas ordens e já foi providenciado o seu cumprimento. Contamol-a, e ha muito, como uma das boas amigas desta revista. O que quer que tenha, tendo a assignatura de D. Carolina Vilela B. Amadio, esperamos que se epita muitas vezes de modo a obter para esta revista o maximo de proveito decorrente dos seus esforços. A senhora, pelas suas luzes e pelo alto conceito le que goza em seu meio social, muito poderá fazer pela nossa causa, tratando de propagar a revista entre as senhoras das suas relações, e não colhecam. A tarefa não é difficil; antes, facil e agradável, tanto mais quanto é verdade que a "Revista Feminina", pelas sympathias de que é cercada em seu Estado e por parte das suas mais distinctas coactaanas, co.titue a melhor credencial de apresentação. Muito gratas, e aqui estamos ao seu inteiro dispor.

D. Adília de Almeida Leite (Araucara) — Recebemos o retratinho e brevemente o publicaremos. Bem sabemos que as suas occupações de ordem domestica não ha dáo bastantes vagas para incumbir da tarefa de que a encarrregamos. Sem embargo, mesmo indirectamente, a sua acção, em favor da nossa causa, pôde ser efficaz, e nesse sentido já lhe dirigimos por carta o nosso pedido. Anteecedemos os nossos agradecimentos.

D. Elvira Ramos de Azevedo (S. Bento do Sapucahy) — Recebemos as suas ordens. Se uma parte minima das nossas amigas, daquellas que se affecioam á nossa causa, procedesse como a senhora, a nossa victoria já estaria realisaada. As sympathias são muitas, mas as dedicacões que se realisam n. pratic, são poucas. Esperamos que não esmoreça. Muitos agradecimentos.

D. Aurea Bernardino Carmelo (Santa Victoria) — Tudo quanto tem feito e tudo quanto fizer por nós constituem motivos de gratidão, e da sua bondade só esperamos boas acções, como essas. Prezamos a sua amizade como uma das mais preciosas.

Sr. José Alves Nunes (Bauri) — Os seus esforços vem sendo coroados do melhor exito. Confiamos muito na sua acção, e é com prazer que confessamos pelo senhor as mais vivas sympathias.

D. Julieta Adami de Carvalho (Volta Grande) — A senhora, pela sua intelligencia, pela graciosa finura que revelou em sua carta, estava talhada a formar o nosso lado, auxiliar-nos de fôrma muito efficaz. O pouco que nos offerece e o seu esforço já é bastante e temos esperanças que muito poderá fazer em favor da nossa causa.

Uma curiosa enquête feminina

Premios a todas

Por intermedio da "Revista Feminina", a tão apreciada revista fundada pela saudosa litterata patricia d. Virgilina de Souza Salles, resolvemos promover uma curiosa "enquête" entre as senhoras e senhoritas do Brasil todo sobre um assumpto que á primeira vista parece de somenos importancia, que deve interessar de perto todas as familias, e que ninguém se lembrou de fazer em nosso paiz. Trata-se de responder, claramente, aos seguintes quesitos, no maximo em duas folhas de papel diplomata, a penna, de proprio punho:

1.º — Qual o annuncio e mais ou menos qual era a sua redacção, tamanho, especie, lugar onde o viu, que lhe produziu melhor effeito, que mais a suggestiou ou convenceu de que o que apregoava era real e verdadeiro, fazendo com que experimentasse o artigo annuciado?

2.º — Qual o systema mais serio, mais apropriado, mais seguro, segundo o seu modo de ver, deveria ser empregado para propagar e tornar conhecido um producto realmente como a *Agua da Belleza* ou *Xarope das Creanças*?

3.º — Porque V. Exa. acha este ou aquelle processo ou systema mais efficaz?

4.º — As respostas podem ser assignadas por um pseudonymo, pois publicaremos nesta mesma pagina as que julgarmos curiosas e originaes. Devem vir, porém, assignadas pelas remetentes, pois a todas enviaremos lindos brindes uteis (Musicas para piano, papel de linho finissimo para car-

tas com retratos de artistas e respectivos enveloppes, cartões postaes finissimos e delicados, etc., etc.) immediatamente ao receber a resposta e um frasco da *BELLEZA* a cada uma das autoras das doze melhores respostas. Todos os brindes serão enviados franco de porte pelo correio, para qualquer ponto do Brasil.

Todas as respostas deverão ser enviadas ao seguinte endereço: Director da Secção de Propaganda da Sociedade de Productos Chímicos L. Queiroz, rua de S. Bento, 21 — 2.º andar — S. Paulo.

=====

Illmo. sr. Director da Secção de Propaganda da Sociedade de Productos Chímicos "L. Queiroz":

Tambem sou candidata aos premios da "Curiosa Enquete Feminina" proposta por intermedio da tão util quão sympathica *Revista Feminina*, da qual sou admiradora e assignante: Eis as respostas:

1.º — O annuncio que maior impressão causou-me foi justamente o do *Xarope das Creanças*: estava eu com uma filhinha com tosse rebelde e pensava no meio de a debellar, quando deparei com o annuncio do *Xarope das Creanças*. Era um pequeno annuncio insignificante num peço de jornal qualquer. A coincidência do meu pensamento com a leitura do annuncio, suggestiou-me fazendo com que o comprasse. Tendo a ventura de ver minha filha livre da tosse tão impertinente, convenci-me que tinha obedecido a uma inspiração providencial.

2.º — O systema mais serio e seguro, seria distribuir o *Xarope das Creanças* a todas as instituições de caridade proprias para crianças, e a *Agua da Belleza* a todas as solteiras feias.

3.º — Porque o *Xarope* é de tal efficacia, que uma vez experimentado não se quer outro, e a *Agua da Belleza* removeria para as solteiras a causa da ausencia dos pretendentes, tornando-as bellas!

Como não desejo que o meu nome seja publicado no resultado da "enquête", tomarei o pseudonymo de: *Luci-fer*.

Aguardando que a sorte me destine um bello premio, assigno-me
De V. S. Crd.ª Att.ª Adm.

Prainha — Estado de S. Paulo,

Luci-fer.



Molestias genito-urinaes
— Paris —

Dr. F. A. Dellape

Res.: Tel. 2799-Cent.

Cons.: Rua S. Bento, 29-B - das 2 às 6;
Tel. 4805-Cent.

LIVROS NOVOS

WALKYRIA FRAGOSO LOPES, *Espiral de sonhos, versos*, Bahia, 1921.

É uma nova poetisa que se apresenta, e das mais talentosas. Os seus versos, porém, não são diferentes dos versos que fazem todas ou quasi todas as poetisas brasileiras. As nossas lindas patricias que se dedicam á poesia rimada, á excepção de Gilka Machado, são todas muito semelhantes em si. Nenhuma dellas se destaca por uma originalidade, por um cunho, vagamente perceptível, de personalidade, ou, ainda muito menos, por uma linguagem escaimada de erros de syntaxe e de vícios de regionalismo. D. Walkyria Fragoso Lopes não é inferior ás demais. Sirva-lhe isso de elogio, porque é apenas uma estreante e ainda não attingiu, parece, os seus vinte annos. Oue tem talento, ninguém, de boa fé, o pôde negar. Tem-n'o e muita imaginação. Falta-lhe cultura. A sua lingua ainda é frouxa, o que é muito desculpavel, e ainda é incorrecta, o que é menos desculpavel, porque o verso, sendo uma arte nobre, exige uma lingua nobre como instrumento de execução. O seu vocabulario tem imprecisões desconcertantes. Todos estes defeitos que lhe apontamos, são defeitos correntes em todas ou quasi todas as suas companheiras de Parnaso que escrevem em portuguez.

Muitas das suas composições, porém, são lindas e inspiradas. Leia-se, por exemplo, a composição que leva por titulo "Meu verso":

Se eu pudesse adejar no azul fremente,
A' procura do sol que já reluz,
E trouxesse seu raio mais fulgente,
A alma seria Luz!

Se eu pudesse obter as lindas côres
Com que o Senhor matiza a Natureza
E as rimas todas transformar em flores,
Eis no verso a Belleza!

Se eu pudesse no Céu sorrindo entrar
E ouvir pudesse a doce melodia
Da musica dos anjos, a rezar...
Que serena Harmonia!

Se eu pudesse, imitando as borboletas,
Sugar o mel das rosas, sem queixume,
E absorver a essencia das violetas,
Possuiria o Perfume.

Se eu pudesse arrancar do intimo peito,
A dor que nella existe, muda e fria,
O meu verso, sem côr, pobre, imperfecto,
Certo, resurgiria!

Estes versos, pelos quaes se aferem quasi todas as composições do volume, são, como se vê, suaves e harmoniosos. Pena é que a gentil poetisa contasse tres syllabas em "obter" e quatro em "absorver", sacrificando dois versos. As consoantes, desacompanhadas de vogaes, não têm valor syllabico, mesmo para a grammatica e com muito maior razão para a poetica. Aquelle "sem queixume" foi posto á cunha para rimar com "perfume".

A rima é um demonio para os poetas. O proprio Campoamor se queixou della nestes dois versos:

Oh! rima! que me obrigas
A dizer que são brancas as formigas!

A cada passo em "Espirál de sonhos" se encontram homophônias como estas:

Nortalgia! Visão da minha terra amada
Que eu vejo se elevar no sonho e na miragem!
De tí ó Pernambuco, ó Patria idolatrada
Eu prezo o céu azul e o verde da folhagem.

Nesta mesma quadra a poetisa se esqueceu de pôr os vocativos entre virgulas, o que é imperdoavel.

Não nos queira mal a talentosa patricia por termos apontado no seu livro esses deslizes, entre muitos outros que deixamos de assignalar. Se seu livro fosse máo, como muitos que dia a dia recebemos, não nos dariamos ao trabalho de apontar os defeitos e contentar-nos-lamos de agradecer a dedicatória e obsequial-a com alguns adjectivos gentis.

CRUCIFIXO, versos de Bruno Menezes, Belém — Pará, 1920.

Os poetas, em geral, só têm um thema para os seus versos, que é o amor. De facto, o amor é o unico thema inexgotavel. Camões já dizia: "...que contos podemos ter melhores que de amores?" Claro está que nem sempre os poetas têm episodios ou maguas de amor a contar, e buscam então inspiração em outras fontes, e só o fazem para variar de thema, voltando em seguida a tratar do seu thema favorito. O sr. Bruno Menezes, entretanto, na sua pequena máo farta "plaquette" a que deu o titulo de "Crucifixo", só trata da sua fé religiosa, dos seus anseios de espiritalidade. Os seus versos são unguídos de uma religiosidade intensa. A sua forma nem sempre é perfeita, a sua linguagem é, ás vezes, imprecisa, mas a sua inspiração é sempre ardente e inflammada.

VALDOMIRO SILVEIRA, *Os caboclos, contos*. — Editores Monteiro Lobato & C. S. Paulo, 1920.

O distincto escriptor e poeta humorista sr. Agenor Silveira, irmão do sr. Valdomiro Silveira, disse, no prefacio d'"Os caboclos", que Valdomiro foi o creador da literatura regional no Brasil, e mais adiante: "De facto, até 1891, data em que apparece no "Diario Popular", de S. Paulo, o seu primeiro conto intitulado "Rabicho", não me consta que nenhum escriptor brasileiro manifestasse qualquer pendor para o regionalismo..." Ha, portanto, trinta annos que o creador da literatura regional no Brasil appareceu nas letras, e só agora é que offerece ao publico, reunidos em volume, os seus trabalhos. Para que se faça idéa do valor desse escriptor, basta lembrar que elle, apesar de, no decurso de trinta annos, não ter escripto nenhuma obra, foi creador de uma arte, tendo aberto caminho para muitos outros, que lhe vem seguindo, de perto as pisadas, e tendo alargado, para sempre os que na arte-amam as emoções fortes, horizontes que, se não fosse elle, ainda estariam fechados.

Em geral, os poucos escriptores que se dedicam ao regionalismo, e entre elles Cornelio Pires, aproveitam a linguagem do caipira para explorar o humorismo. O autor d'"Os caboclos", porém, aproveita-a para tratar as grandes scenas da vida do sertão (com todas as suas doguras e rudezas, cheias de poesia e de tragedia). O sr. Valdomiro Silveira é verdadeiramente um creador. Nos seus contos ha episodios, ha trechos de vida de uma realidade empolgante. Elle é, ao demais, um mestre da lingua e poesue uma funda cultura classica. Nos seus contos, a despeito dos regionalismos e de fórmulas dialectaes de que tira tantos effeitos para os dialogos, a syntaxe é sempre rigorosamente correctea.

Para gaudío das nossas leitoras, offerecemos-lhes esse magnifico conto que tem por titulo "Hora quieta", que transcrevemos, não por ser o mais interessante, mas por ser o mais curto:

HORA QUIETA

Anadal-a pombando por dias e dias, aqui e algures, para ter um momento sossegado de lhe dizer amores; ficar, desde pelo abrir da manhan até o sol qntente, amoitado nas marineiras, para ter, quando nada, o gostinho de vê-la; não dizer esta bocca é minha, no meio das conversações, para poder estar mais livre e mais livre escutal-a: era tudo tarefa do Bellarmio, dês que pegou a querer-lhe ás direitas.

Aí! si ella tambem lhe queria! Não tinha, por assim dizer, um minuto de seu; o coração andava occupado com elle, os

REVISTA FEMININA

olhos enxergavam-no por toda a parte, ouviam-no os ouvidos dizer que ella fosse, tanto e de tal jeito, que as camaradas che-gavam a recommendar-lhe:

— Juruty, você não ponha fúria fluiza em amor assim de pri-mo, que ás vez, traz mais engano que o que vem de lá de trás da serra!

A' Juruty, porém, não se lhe dava daquelles medos.

Crescêra a par do Bellarmino, com elle brincara o surupango e o que-pau-e-este, perseguira os ninhos de tico-tico pelo pique de gramaseda, trepára aos arvoredos, montára nos poldros e nos garrotes, armára jujuás de taquara-pôca, em cujos filhos muita ro'inha e muita pomba-cascavel entrou para nunca mais sair, repontára o gadinho para o mangueiro, curára o gôgo das chumbub-gas, queimara a caroçama dos frangos indios: tinha-lhe tanta confiança, mal comparando, como a que tinha em Deus...

Mas depois de creados, mudaram as coisas; elle foi aprender officio no collegio (era o que dizia o Paulo Telheiro, aquelle negro velho, naquelles tempos!), e ella teve que encompridar os vestidos. Não houve mais as corridas barulhentas pelo vassou-ra, nem a apanho dos içãs nem a gritaria dos judas, em sab-bados de alleluia; cada qual de seu lado principiou a vêr de per-to a vida, com todas as trabalhadeiras e afflicções: a Juruty can-sou-se, horas e horas, em lidar junto á cestinha trançada, fa-zendo costuras e costuras, e o Bellarmino aturou mezes e me-za a carta de nomes e a taboada, aodepois a cartinha e a gram-matica, ao deupois um mundão de livros exquisitos e somnolentos.

Agora já elle estava estudado e botára corpo; voltára para o bairro, porque era vizinho da prima, e passeára, muito senhor de si, nas cercanias da casa della, enquanto duravam os tres dias de hospedagem e não tinha de feitor os empregados, na roça; e fu'ano e sicrano diziam, quando elle apparecia com o seu chapéu de palha batido:

— Não é que o Bellarmino granou direito e enfeitou?
— Olha que' tá um mocetão, co'aquella esperança de bigode e porte desempenado! De mais a mais, o chapéu de palha, que-lendo no congôte, orna pr'a elle a conta inteiro!

O sentido da Juruty não saia mais da estrada. E como a es-trada fazia uma volta e se encobria atrás de um morrinho e de umas batalhas, a Juruty deu de procurar o fundo do pomar, para o lado de além do ribeirão, donde podia vêr até bem longe.

A mãe, a principio, ainda perguntava, seu tanto ou quanto desconfada do novo costume:

— Adonde é que você vai, criatura, co'este solão que' tá fer-verdo!

A Juruty não custava a explicar:

— Após daquelle salta-carroço qu' tá madurando: destes tem-pos p'ra cá eu ando numa esganoga p'r amor de fruta, seja o que for!

— Mas arrepare bem no perseguero, não fique soronga, não: que nesta quadra apparece dumas taturanas perigosas, que, passando no corpo da gente, já sabe, é queimadura certa e ver-gão roxo. Aquillo é uma dôr em demasia, Juruty!

A moça reparava bem...

Ora aconteceu, uma vez, que o Bellarmino a descobriu, logo dos altos da estrada, e veio vindo, de atalho em atalho até o ribeirão. Para quem trazia saudeza velha, não havia hora me-lhor; tudo em roda estava quieto, o sol ardia, e a sombra dos arvoredos era boa e serena com um perdão. Falou-lhe disto e daquillo, que ella alegre e ansada, sentindo a maceza das pa-lavras e o peso do reco'e de que mais algum apparecesse. Por-que embora houvessem de casar (e logo, pois não era? Elle respon-deu logo que logo!) não ficava aquella parada tão longe de casa, no meio das fructas e dos passarinhos!

A Juruty nem viu como e quando as suas mãos foram parar entre as delle. Mal escutava as mesmas coisas que elle ia di-zendo, porque ha um instante, depois de ouvirem os melhores p'clarviados de amor, em que ellas ficam surdas ao mais e prin-cipiam a sonhar, muito enlevados e felizes...

Soltou-se-lhe, entretanto, das caricias e das phrases: é que a mãe gritava por ella, com toda a insistência:

— Arre lá, Juruty! Isso também assim não serve! E só per-sego e mais persegio! Venha cuidar destas bagas p'ra janta!

Ja correr, e elle deteve-a ainda, tomou-lhe rapidamente a mão, neijou-a forte na face direita. E, si não deu segundo beijo, foi porque ella desatou de uma vez a correr; assistiu á carreira, percebeu a chegada sorrindo a vós consigo, cheio de encanto:

— O que é isso agora que você vem co'essa cara tão encar-urda? O que é isso criatura?

— Taturana, mãe.

Nada mais lhe foi perguntado. E ella entendeu necessario ac-crescentar, pouco depois:

— Mas porém das mansas!

NDA NDA

RUDIMENTOS DA LINGUA INGLEZA, vocabulario, phraseologia e elementos de grammatica, por Eric Boone Harben e prof. Jasper L. Harben. — 3.^a edição. — Livraria Alves, Rio, 1920.

Esta obra dos dois distinctos didacticos srs. Harben dispensa quaesquer encomios. A sua adopção na Escola Normal da cidade do Rio de Janeiro obedeceu a um alto senso de justiça, e o facto de ter alcançado já a sua terceira edição, põe bem em evidencia a preferencia que lhe têm dado os professores da lingua ing'eza. Trata-se, de facto, de uma obra muito recommendavel, merecêdo excellent methodo posto em pratica pelos seus autores e da careza com que são estabelecidas as regras de construcção e de prosodia. E' um grosso volume de cerca de quinhentas pagi-nas, nitidamente impressas.

Aos jovens estudantes da lingua inglesa recommendamos a obra dos srs. Harben, que muito lhes aproveitará.

NDA NDA

Recebemos mais e agradecemos:

Revista de Derecho y Ciencias Politicas, órgão da Sociedade Juridica da Universidade de Canea, Republica de Colombia.

La familia, revista moral, instructiva e recreativa do lar do-mestico, Barcelona.

Páginas literarias, segunda série, tomo segundo, excellent publicação de arte e litteratura que vê a luz em Cuenca, Equador. **Rassegna Nazionale**, volume XXX, Roma.

Portugal Commercial e Industrial, numero relativo a Novem-bro e Dezembro, Lisboa, Portugal.

Memoria Historica, apresentada pela professora cathedratia de geographia, Julia Carneiro Leão de Vasconcellos, á Congre-gação da Escola Normal do Ceará.

La voz de la mujer, publicação de interesses feministas, de Madrid, Hespanha.

Alma feminina, boletim official do Conselho Nacional das Mu-lheres Portuguezas, Lisboa, Portugal.

Evolución, periodico nacional feminino de ciencias, litteratura e artes, de Santiago do Chile.

La Mujer del Siglo XX, revista defensora dos direitos da Mu-lher, São João do Porto Rico.

El Empleado de Comercio, órgão dos interesses gremias, As-sumpção, Paraguay.

Los Vecinos, revista mensal dos Angeles, California, Estados Unidos.

Almanach Bertrand para 1921, coordenado por Fernandes Costa, das livrarias Aillaud e Bertrand de Paris e Lisboa.

Los Derechos de la Mujer Paraguaya, discurso do dr. Telema-co Silveira, pronunciado em Maio de 1912 no Parlamento Na-cional sobre os dire'tos civis e politicos da mulher.

Cultura Venezolana, revista mensal dirigida pelo sr. José A. Tagliaferro.

Attività femminile sociale, revista mensal do Conselho Nacio-nal das senhoras italianas, dirigidas pela senhorita Ida Magliocchetti, Roma.

Redención, revista mensal feminina, Valene (Hespanha).

A'S MÃES DE FAMILIA

A's mães de familia que se interessam pelo desenvolvimento da intelligencia dos seus filhinhos, devem fornecer-lhes leitura agra-davel, novas que lhes desperte a curiosidade, narrações edifi-cantes. Ora, o unico livro desse genero que se encontra em lin-gua portugueza é a "Nova Seiva". E' um farto e elegantissimo volume de contos, cheio de encantadoras illustrações, que cons-titue o melhor entretenimento para o espirito das creanças.

Pedidos a esta redacção. Um volume lindamente encadernado, \$9000; pelo correio, registrado, 69000.



Vida feminina

Arte
Ciência
Letras

JULIA BARBOSA

Concurso ganho por uma moça

A propósito desta distinta patricia, escrevemos a nossa preciosa collaboradora Lydia Guedes, de Recife:

"Ostriumphos obtidos em concursos pelas moças brasileiras se vão dia a dia multiplicando.

Agora chega a vez do Rio Grande do Norte — a patria de Nyssa Foresti e Aut de Sousa — apresentar a candidata vencedora, senhorinha Julia Barbosa, classificada em primeiro lugar no concurso da cadeira de Arithmetica e Geometria da Escola Normal de Natal.

Tres motivos me fazem experimentar um sincero regozijo pelo triumpho cabal da heroína de minha noticia. O primeiro é que sendo ella uma moça de reconhecido valor e incontestavel merecimento, sua nomeação, obtida por meio do concurso foi um premio ao merito — o que deve alegrar a todos que se interessam pelo progresso da justica.

A senhorinha Julia é um espirito superior, uma alma luctadora, que tem empregado todos os momentos disponíveis de sua vida em illustrar-se. Ophan de pie e mie, assim o tem feito nos minguados intervallos que lhe sobram da lucta para ganhar os meios de subsistencia. Sua primeira victoria foi o logar que obteve de dactylographa municipal — primeiro emprego publico concedido em nosso Estado a uma mulher, salvo o de professora. Terminou, em Novembro ultimo, o curso da Escola Normal que agora a recebe como lente, pelas portas largas da competencia.

Além do emprego citado, dispendia sua multipla actividade no magisterio particular e em outros meios que lhe facilitavam suas applicações musicas. Foi, pois, em tales circumstancias que a joven patricia entrou em concurso.

Acorece finalmente que houve todo o rigor no julgamento das provas. Basta dizer que de diversos candidatos inscriptos em cinco concursos, houve apenas duas classificações, a della e a do candidato a cadeira de Educação Moral e Civica da mesma Escola — o distincto conterraneo academico Oscar Wanderley. O segundo motivo é que se trata da victoria de uma mulher. E é justissimo que na epoca de triumphos e derroças, de apoio e vacillações, de encorajamento e tibieza em que estamos, para o problema da emancipação feminina, que apresenta, segundo os principios antagónicos dominantes na sociedade, duas perspectivas oppostas uma victoriosa e prometteadora, illuminada pelos lampejos da luz, outra de desilusão e de ridiculo, escurecida pelo fumo do scepticismo, vaticinando desenganos aquellas que tentarem trabalhar pelo progresso feminino, é justissimo, repeto, que me alegre com o triumpho obtido por uma mulher, principalmente se e'tram em jogo a intelligencia e a capacidade de acção — o que se pôde chamar — o campo suspecto.

O terceiro é que se trata de uma patricia. O traço caracteristico do norte-rio-grandense é o amor excessivo á gloria, querida e a tudo quanto a ella se prende. E eu não me posso furtar ao imperio desse sentimento que é o spannago da gente de minha terra."

O feminismo no Pará

No Pará, tendo fallecido o sr. Mello Rabello, despachante na Alia-dega, a familia deste ficou em situação difficil. Deante disto o inspector attendeu a um requerimento da viuva d. Julia B. de Mello Rabello e nomeou-a para a vaga aberta.

O escriptorio de despachos ficará p's sob a responsabilidade dessa digna patricia.

— Na Escola Pratica do Commercio da capital do mesmo Estado foi diplomada, tendo alcançado as melhores notas em todo o curso a senhorita Ali e Ralello.

Foi ella a primeira moça q' se fez esse curso e já está exercendo a profissão de guardalivros.

FISTULAS,

Abcessos, Escoriações, Gonorréas e Flóres brancas; tratamento radical com o

IODEAL

Nas principais Pharmacias e Drogarias do Brasil
Em São Paulo - Drogaria Baruel

Concurso de belleza na Belgica

Não ha muito, por esta mesma secção, noticiámos o interessantissimo concurso de belleza que se realizou em França e cujo exito foi verdadeiramente colossoal. Agora, coube a vez a Belgica. "La Dernière Heure", jornal que se publica em Bruxellas abriu esse concurso, que obedeceu, de certo, ás mesmas normas adoptadas pelo diario francez.

"La Dernière Heure", diario que se publica em Bruxellas, seguindo o exemplo de um importante diario francez, abriu um concurso para a eleição da belleza entre as bellezas belgas. O concurso do orgão bruxellense tinha um capitis' objectivo: — saber quætas as mais lindas bellezas, entre as lindas filhas do paiz do rei Alberto.

Este certamen obedeceu ás mesmas normas adoptadas pelo diario francez, differindo, apenas, numa circumstancia interessante. Na França, cidades, villas, aldeias, burgos disputaram a coroa excolta da mais linda para uma filha, uma natural da terra. E' que na grande republica de Clemenceau concorriam varios elementos ethnicos, que davam variados tipos além dos tipos ressaltantes do caldeamento delles. Houve por isso uma certa dispersão, que desentallizava a unidade para a consagração esthetica da mulher franceza.

Na Belgica, preponderam apenas tres raças: o flamengo, o wallon e o mixto. O tipo mixto ou bruxellense, é o resultado convergente das duas raças que mais se accentuam na capital do paiz.

Milhares de photographias foram recebidas pela "Dernière Heure", procedentes de todos os pontos da Belgica; seleccionadas com o maior cuidado ficaram reduzdas a 800. Nova e'liminação foi procedida. Abrindo inscriptas 600 das mais lindas bellezas no interessante concurso. As photographias foram publicadas no jornal belga e depois

exhibidas em todos os cinemas; por ultimo a eleição. Do julgamento fez parte o notavel escriptor Maurice Walleff, encarregado de fazer a selecção imparcial, segundo o systema adoptado no jornal francez. O publicista notou um interessante fenomeno de cohesão nos seus patriotas. Os belgas convergem para a unidade nacional, sendo um verdadeiro alima a idea da manutenção do tipo ethno-geico das raças constitutivas do paiz. A eleição não admittiu a menor referencia á idea nativista ou regional de cidade, villa ou aldeia. Acorreram ao apello de "La Dernière Heure", a deas e cidadinas, rurales e urbanas. Não era raro observar-se singulares tipos de campo e de cidade, altas, robustas, que o ar puro e ogegnado dos campos coloraram o rosto de rosa e o cabelo de ouro. O escriptor belga maravilhou-se vendo uma das maravilhas virgens de marfim rosado, de 1m.83 de altura, que era o ponto culminante do concurso. A proporção de linhas, contornos, esbelteza e graça pareciam de uma estatura de Erectheon. Era uma no mista; não aspirava seguir nem a scena nem a tela, queria pôr sua belleza ao serviço de seu paiz.

A Flandres contribuiu com uma porção de nobres e esculpidas a ouro, como a daquella Magdalena de Rubens, da cathedra de Antuerpia. Ao lado das buvas belgas, as loiras da França são pilladas e escurecem.

Os tipos da mulher wallona approximam-se mais das raças que habitam a Picardia, ou as Ardenias; são um pouco mais modernas e demonstram caracteres mais energeticos. Concorrem artistas musicas, coreographicas, dactylographas, costureiras, lavradoras, zagalas. Era grande o numero de concorrentes que vi'hiam accompanhad de seus paes, seus irmãos, seus maridos.

O escriptor Walleff indagava sempre qual a carreira que mais seduzia á concorrente que chegava até elle.

— O cinema, era a frequente resposta.

O desejo de ser estrella, correr ma do na tela, ter milhões de adoradores, alcançar o titulo de isolo do publico era o grande sonho das formosuras belgas. Uma gentil filha de Ma line, vendo o sr. Walleff sorrir, quando respondes que preferia o cinema, atalhou com intelligencia:

— Outras menos lindas triumpharam.

— Sim. Mas se todos seguissem essa carreira...

Uma belga poderá alcançar a gloria de Mary Pickford a gloria suprema da Ballea. E' positivo que o estallio rio cinematografico venha se povoar das formosas belgas.

O sr. Walleff concluiu:

— Bellas e viris senhoritas!

FREIRAS,

Aphitas, Assaduras de calor, Brotoejas e Queimaduras de sol; tratamento radical com o

IODEAL

Nas principais Pharmacias e Drogarias do Brasil
Em São Paulo - Drogaria Baruel

Maria Amalia Vaz de Carvalho

Esta senhora foi a mais fecunda e a mais interessante das escriptoras portuguesas de todos os tempos. A sua influencia nas letras foi notavel, porém maior foi ella na sociedade do seu tempo. Maria Amalia foi um espirito combativo. Revoltou-se contra a indolente rotina do povo, contra os preconceitos contra tudo que se lhe antolhesse digno de ser atacado. Como é de ver, viveu sempre rodeada de desconfinças; e a hypocrisia arreganhou a dentuça, não raro, contra a sua reputação. Ella, porém, manteve-se sempre impavida e continuou a trabalhar. Abordou todos os assumptos, e a tudo emprestou um pouco da sua alma de mulher, cheia de meiguice e finura.

Casando-se, em 1874 com o poeta Gonçalves Crespo, nascido no Brasil, escreveu, de collaboração com o seu marido, alguns annos depois do seu casamento, o livro "Contos para os nossos filhos". Foi-lhe a critica inteiramente favoravel, sendo para notar que o mesmo e irreverente Camillo Castellan Branco que, até então, se ostentava inimigo irreconciliavel das escriptoras e poetizas, cumulo de sorprendentes encomias a Maria Amalia Vaz de Carvalho, que deixava uma bagagem litteraria de valor, em quantidade e em qualidade. São de sua autoria livros que obtiveram invejavel exito, taes como: "Uma primavera de mulher", poema em quatro cantos, precedido de um prologo de Thomas Ribeiro; "Vozes do ermo", "Serões no campo", "Arabescos", "Contos e fantasias", "Cartas a Luiza", "Mulheres e crianças", "Alguns homens do meu tempo", "Chronica de Valentina", "Cartas a uma ama noiva", "A marquezeta de Alorna", e "A arte de viver em sociedade". Traduziu tambem "O noivo da menina", "Heroismo do clero", "Raphael", "O pescador da Ilhanda" e "Aventuras de um po-laco".

Collaborou, por vezes assiduamente, em diversos jornaes portugueses e brasileiros. Era Maria Amalia Vaz de Carvalho, além de artista admiravel, mulher de iniciativa e de resolução, o que demonstrou, tomando parte na propaganda republicana em Portugal.

DIGESTIVO



DO ESPECIALISTA FRANCEZ
DR. ED. PICARD

Fórmula constituída dos fermentos digestivos naturaes do organismo (Pepsina, Pancreatina, Diastase, etc.) Representa o tónico digestivo, insuperavel, produzindo resultados rapidos e permanentes em todas as formas de dyspepsia nervosa, atonia e flatulenta.

NÃO EXISTE MELHOR MEDICAMENTO

para as digestões vagarosas e difficíes e elimina rapidamente todos os symptomas da doença do estomago, acidez, lingua suja nauseas, vomitos, ventosidade, ardor na boca e garganta, prisão de ventre, sabão desagradavel na boca, enjões, resfriamento das mãos e pés, magreza e irritações da pelle. Tem effectuado milhares de curas em casos de gastrites chronicas e tífis intestinaes. A venda nas Drogarias. Unico depositario no Brasil

LOUIS S. CURT — Caixa Postal.
1875 — Rio de Janeiro

Liga das mulheres catholicas na
Alemanha

E' consideravel a actividade dessa associação nas espheras da vida nacional, intellectual e até politica.

As mulheres, e a policia alemã resolvem oppor-se á influencia invasora do feminismo radical, interferindo na politica dos municipios e na do Estado. As ultimas eleições levaram ao Reichstag algumas catholicas.

Foi a Liga creada em Frankfurt, a 1903, contando em 1920 225.000 membros, enquadrados em 750 nucleos. Conta com muitos orgaos de publicidade, entre os quaes a revista "Paio mundo feminino". A sua sede é em Colonia.

FERIDAS,

Sardas, Comichões, Empingens e
Suores fétidos; tratamento
radical com o

IODEAL

Nas principais Pharmacias e Drogarias do Brasil
Em São Paulo - Drogaria Baruel

A mulher na Academia de Letras

Os Srs. Clovis Bevilacqua, Humberto de Campos, Medeiros e Albuquerque, Filinto de Almeida, Felix Pacheco, Senador Lauro Muller e Deputado Augusto de Lima, membros da Academia Brasileira de Letras, que se mostraram favoraveis á admissão da mulher, em seguimento á discussão da proposta do Sr. Ministro Magalhães de Azeredo, receberam, nos seguintes termos os agradecimentos da Liga para a Emancipação Intellectual da Mulher: "Ex.ª Sr. — Tomando conhecimento, pela imprensa diaria, da opinião de V. Ex.ª a respeito da admissão da mulher na Academia de Letras, é-me muito grato transmitir a V. Ex.ª os agradecimentos da Liga para a Emancipação Intellectual da Mulher. No actual momento em que as reivindicações femininas estão na ordem do dia, assume a attitudo de V. Ex.ª magna importancia, pois vem facilitar a collaboração em um dominio que, pela sua natureza intellectual e caracter honorifico, não poderá senão servir de estimulo e contribuir a elevar as aspirações da mulher. — (Bertha Lutz), Presidente".

Uma senhora nomeada official da
Academia Franceza

O governo francez conferiu á esposa do advogado Fessy Moyse, residente no Rio, o diploma de official da Academia Franceza, attendendo a seus meritos litterarios e aos relevantes serviços prestados aos soldados durante a guerra.

ERUPÇÕES,

Fistulas, Sarnas, Caspas, Queda do
cabello; tratamento radical
com o

IODEAL

Nas principais Pharmacias e Drogarias do Brasil
Em São Paulo - Drogaria Baruel

As mulheres de Dublin e a execução dos
"sinifclners"

Segundo telegrama da "Associated Press" enviado aos jornaes, realiso-se em Dublin, em meados do mez passado, uma grande demonstração popular contra a execução de varios "sinifclners". A multidão percorreu em passeatas as principaes ruas da cidade, carregando bandeiras e estandartes, nos quaes se liam inscricções allusivas á conduta das autoridades britannicas em Irlanda.

Ao meio-dia em ponto foi organizada uma procissão de mulheres fealanas em St. Stephens Green. As manifestantes, em perfeita ordem, seguiram em direcção á prisão Mountjoy, sendo constantemente reforçadas por grupos de mulheres e crianças que saíam das Igrejas, de maneira que ao chegar áquella prisão, a multidão era incalculavel.

Apesar do caracter imponente da demonstração popular contra os representantes da Coroa, a policia não interveio, limitando-se a evitar qualquer perturbação da ordem, no que era sempre auxiliada por muitas centenas de voluntarios.

Em frente da prisão de Mountjoy, a multidão ajoelhou-se, enquanto varias mulheres rezavam o terço e entoavam cantos sagrados. Depois de deixar as bandeiras e os estandartes, a multidão se dispersou na mais perfeita ordem.

O Lord Mayor e o Padre O'Flanagan visitaram hoje os condemnados e, ao sahirem, declararam que elles aguardam a morte com resignação. Durante a noite, os condemnados que foram distribuidos aos paes nas prisões encerram cantigas irlandezas.

A execução está marcada para as seis horas da manhã. Quando o Moran for executado em primeiro lugar, e seus corpos ficarem pendurados até á execução dos outros accusados.

Quanto a Moran, diz-se que elle tinha facilidade de fugir em companhia do accusado Teeeling, da prisão de Kilmannhan, mas recusou-se a fazê-lo.

DHARTROS,

Espinhas, Pannos, Erupções e Manchas da pelle; tratamento radical
com o

IODEAL

Nas principais Pharmacias e Drogarias do Brasil
Em São Paulo - Drogaria Baruel

Alliança internacional para o suffragio das
mulheres

Da Alliança Internacional para o Suffragio das mulheres, acabamos de receber esta circular:

1e. 16 mars. 1921.

L'Alliance Internationale pour le Suffrage des Femmes
Bureau de Presse

Le Bureau Executif de L'Alliance Internationale Pour le Suffrage des Femmes a fait un appel vigoureux au Conseil de la Société des Nations pour que l'on nomme une femme sur la Commission Permanente des Mandats. Madame Anna Wickell (Suede) vice-présidente de l'Alliance vient d'être nommée sur la Commission.

La loi demandant les mêmes chances aux emplois et le même paiement pour les femmes que pour les hommes a pas encore été votée par le Parlement Suédois. La ratification de la convention internationale de Washington concernant l'emploi des femmes avant et après la naissance d'un enfant, ainsi que le travail de nuit, ont été discutés par le Rigsdag Danois. Les femmes membres du Rigsdag, suais que les sociétés des femmes ouvrières sont opposées aux restrictions sur le travail de la femme. La question a été placée entre les mains d'un comité de 15 membres.

Une loi vient d'être faite par le gouvernement allemand, donnant aux femmes le droit d'agir comme juré dans les cas où des femmes ou des enfants seraient accusées. Le Conseil National des Femmes proteste contre cette restriction, disant que sa présence est surtout nécessaire dans les cas d'offenses sexuelles où la femme ou l'enfant sont demandeurs.

Trois femmes ont été nommées conseillères municipales à Toronto (Canada). Ontario (Canada) a fait une loi donnant une pension aux veuves de soldats qui stipulant le gage national de la femme.

Le code criminel de Canada a aussi été changé: les filles séduites peuvent jusqu'à l'âge de 18 ans faire appel à la loi pour se faire donner compensation.

Le Conseil Législatif de Birmanias (Indes) a tout récemment passé à l'unanimité une résolution demandant le vote pour les femmes.

En l'Australie de l'Ouest, Mrs. Cowan a été élue à la Chambre des Représentants. Elle est la première femme Membre du Parlement dans l'Australie.

Pour les renseignements ou pour les articles spéciaux, prière de s'adresser à la Rédactrice.

Elizabeth Abbott. 11 Adam Street. Adelphi. London. W.C.2. England.

ECZEMAS,

Herpes, Tergol, Frieiras, Sinaes de Bexiga. tratamento radical com o

IODEAL

Nas principais Pharmacias e Drogarias do Brasil
Em São Paulo - Drogaria Baruel

Centro Feminista de Colombia

Este Centro, destinado à propagação do feminismo na Colombia, é um dos mais antigos da Sul-América, pois a sua fundação data de 20 de Julho de 1910, e um dos que mais têm cooperado para a elevação do espírito da mulher no interesse do a libertar das peias que millenariamente a escravizam.

A sua actual presidente é a senhorita Elioisa de Pinzón Zaldúa, cuja alta intelligencia e espirito de combatividade são garantias sobejas de progresso colectivo do Centro Feminista de Colombia.

Da circular da Junta Patriótica Feminina de Tenerife, que nos enviou aquella illustre colombiana, datada de Cerro Departamento, da Magdalena, de 30 de Outubro de 1920, destacamos estas palavras, que são de uma grande eloquencia e que torio, porventura, impressionado profundamente todos quantos comprehenderam as grandes verdades que contém.

Ell-as:

"Ciudadanos obreros:

Um acontecimento espantosamente bello, retocando, como uma poderosa fundação que apaga um colossal incendio y desce de um immenso abismo, borrado, de um cuadro glorioso, imagem fiel del amor patrio, eclipsado por la sombra de un edificio en ruinas, que denuncia las viejas esclavitudes de la estirpe humana en muchos siglos atrás de la inventiva teogónica, y digno del fábulo nacional, por la magnitud de los resultados sociológicos en el mundo hispano-americano obliga a la glorificación inmarcescible en las ardientes playas del Caribe.

Es grande, como la grandeza de la emancipación de nuestra América. A saludémoslo!

En vano la sombra atento silencio contra la grandeza: la magestad militar granadina; porque el patriotismo trasomata el edificio y arroja todo su luz en lo grande, que los legos cronistas de nuestra "Guerra Marica" de pluma fósil y de tinta pálida, borraron de las páginas del sagrado historial de Colombia, Madrigales!

Es la sangrienta y trascendental "Batalla de Tenerife, de Veintisiete de Junio de 1820".

Descubramos, recordando que nuestros antepasados no se cruzaron, unos de brazos ante los fantasmas

oficiales de las tiranías españolas y sus colonias de aqueudo, ni otros aplaudieron esa actitud predicando los beneficios de la paz delacuentar, ni menos los pueblos hispano-americanos se encogieron de hombros y siguieron, dociles e forçados, la ruta de las esclavitudes de gobiernos unidos con el acóite papal: porque aquellos héroes del arte bélico, bien sabían: que ser pacifistas ante los tiranos significaba, en su concepto, equivaler a reanular todo, hasta de la nación de hombres; que no existe paz virtuosa entre la libertad y la esclavitud, si clerico es con los despendidos de la guerra vencer el mal y gozar del bien; que no hay bien general en donde unos pocos, santos o diablos del componente social, destruyan del Tesoro Público y gobiernan autoritariamente minorías d'eres dotados de la misma memoria, del mismo entendimiento y de la misma voluntad, y de mejores títulos y con derecho en la acción gubernativa; que un poder así, no se sostiene, no perdura, sino que rinde a los pies de la Democracia legítima, cuando su fuerza de soldados arrancados del sremio de labriegos, engolcinados con los desperdicios de la guerra meza autoritaria, se convence de ser elin, no una fuerza de ciudadanos armados al servicio de la Patria, ni mucho menos una garantía de la Libertad y el Orden, sino una cuadrilla de lacayos organizados en cuerpos de milicianos servidores inconsistentes, de satélites de pueblos que corresponden al honor, a la ciencia y a la energía ciudadana, esto es, al trabajo que dignifica y que se llama Progreso, que comprende el lema del género humano.

Libertad — Igualdad — Fraternidad.

Da mesma senhorita Zaldúa, juntamente com a circular, recebemos uma carta da qual extrahimos estes topicos:

Señor:

La Presidente del "Centro Femenista de Colombia" tiene el honor de saludar a V. S. y de significar el más elevado agradecimiento por el espontáneo envío de su bien servida "Revista Femenista", según el n.º 75; y en compensación, remito adjunta una "Circular Presidencial" sobre preparación del "Centenario del Mariscal Hermógenes de Mesa".

Elioisa de Pinzón Zaldúa

Senhorita Margarida Lopes de Almeida

Filha de grandes intellectuaes, do poeta Filinto de Almeida, da Academia Brasileira, e da primeira escriptora brasileira, D. Julia Lopes de Almeida, e irmã do notavel poeta Affonso Lopes de Almeida, a nossa gentil patricia havia, por certo, de herdar o rico patrimonio intellectual da familia.

D. Margarida Lopes de Almeida é uma "disease" extraordinaria. Não ha muito, realhou nesta cidade, no salão do Club Germania, um circular de reclamação, que obteve, como era de esperar, um exito ruidoso.

Foi este o programma do recital:

I parte — Luiz de Camões, Soneto; Machado de Assis, A Mosca Azul; João de Deus Dinheiro; Guimarães Passos, Guarda e passa; Gonçalves Crespo, Alguem; Luiz Delfino, Depois do Eden; Anthero de Quental, o Palácio de Ventas; Valentim Magalhães, Em Viagem; Antonio Nobre, Santa Iria; Raymundo Corrêa, Horóscopo; Conde de Monsaraz, Ad Petendam Pluviam; Ricardo Gonçalves, A Selama do Cabloco; Olavo Bilac, Maldição; Francisca Julia da Silva, Musa Impassivel.

II parte — Vicente de Carvalho, Volto thumano; Guerra Junqueiro, Prestito funebre; Filinto de Almeida, Balada Medieval; Amadeu Amaral, Dai-

mon; Augusto Gil, Balada de Neve; Alberto de Oliveira, A vingança da Porta; Adellina Lopes Vieira, Se eu soubo ser feliz?; Eugenio de Castro, A Virgem dos ladres; Julia Cortines, Terra Ideal.

III parte — Manoel Bandeira Filho, Amor; Affonso Lopes Vieira, A Serephora do Mar ou das Ondas; Humberto de Campos, Lendo-te; Antonio Corrêa de Oliveira, Ouvia; Martins Fontes, Canção Discreta; Ribeiro Couto, A moça da estação; João de Barros, O Amor e o Mar; Affonso Lopes de Almeida, Mãe I e II; Guilherme de Almeida, A Fancas das Horas; Luis de Camões, Soneto.

Lyceum Feminista Santista As novas professoras

Perante numerosas familias, realizou-se a 22 do mez passado, na sede da Associação Feminista Santista, á rua da Constituição, a cerimonia da collação de grau das novas professoras pertencentes á turma de 1920, sehoritas: Maria Thereza Ferreira de Castello, Gylina Catunda, Eliah Gonçalves Leite, Zulmira Freire, Dailia Maia, Henedina Silva, Alba Mesquita, Alayde Wernes, Zaida Gomes, Iracy Junqueira, Julia Ferreira, Carolina Monteiro, Helyette Milton, Julia Bianchini, Iracema Rocha, Angela Mesquita, Arminda Iglesias, Maria Moura Silva, e Leonor Campos Moura.

Foram homenageados pela turma os ientes de portuguez, professor Tarquinio Silva e o de desenho, pintor Benedicto Calixto.

O sr. Nicanor Ortiz paranymphe o acto, pronunciando um bello discurso. Em nome das diplomadas falou a senhorita Iracy Junqueira.

Ao paranymphe foi entregue, pela senhorita Zulmira Freire, um ramalhete de flores raras.

Finda a solemnidade, que foi presidida pela exma. sr.ª Elisa Affonseca, a directoria da Associação Feminista Santista offereceu finos doces e vinhos aos convidados.

Má Nutrição e Fraqueza Organica:

Destes males é
do que soffre
meia humana-
dade. O reme-
dio é alimento e
medicamento,
como se com-
binam perfeita-
mente na

EMULSÃO de SCOTT

JARDIM FECHADO

(Nesta secção publicaremos pequenas communicações de nossas leitoras, bem como produções literarias que não excedam de 60 linhas em prosa e 14 em verso.)

E' nosso intuito desenvolver assim o gosto literario entre as leitoras e facilitar-lhes uma correspondencia util e interessante. As produções literarias deverão ser assignadas, sem o que não serão publicadas.)

Eva

Muito grata pelo seu gesto gentil de enviar um formoso soneto do velho mestre Raymundo Corrêa para fazer parte da collecção de uma das collaboradoras desta secção. O soneto, porém, não pode ser publicado porque já o foi, por esta mesma secção, mais de uma vez. Isso não obsta a que agradeça a gentileza do seu gesto.

A' Sertaneja

Ha muito tempo tenho acompanhado, na secção do Jardim Fechado, as varias respostas sobre a felicidade. Também tenho tido vontade de expôr a minha e não sei porque motivo tenho adiado tanto.

Cada pessoa julga a felicidade a seu modo, umas acham que a felicidade consiste no casamento; depois de casados não se julgam felizes; outras acham que a felicidade está no dinheiro, outros na saúde, outros em realizar o que desejam e assim cada uma pensa a seu modo. Eu acho que pode haver grande felicidade na paz do nosso lar, com o carinho de nosso esposo e filhos e nos mostrando sempre alegres e felizes, e também gosando da companhia das pessoas queridas como nossos paes, avós, irmãos, etc., e nos conformarmos com o que temos. A verdadeira felicidade consiste em nos julgarmos felizes, é esta a minha opinião.

Chrysanthème.

Magnolia triste

Li no ultimo numero da "Revista Feminina", no "Jardim Fechado" a sua pergunta: qual o remedio que mais facilmente faz nascer e crescer os cilios?

Eu usei com muito proveito a Pomada da Viuva Fornier, 10.ª para Collyrio, applica-se com um pincel bem fino no lugar que se deseja. Mas acho melhor consultar um oculista.

Chrysanthème.

Desillusão

"Bemaventurado o ser que, como a borboleta cypria, ao passar de leve por este valle de misérias, tem o coração preciosissimo de elevar as almas."

ALVARO GUERRA.

Numa campina marchetada de lindas e odorantes flores, graças ao orvalho benéfico, uma criança, ainda embulada nos seus primeiros sonhos, corria, celeremente, atraz de uma borboleta azul, graciosa, cujos meneios a seduziram.

Suas asas opalinas cortavam os ares muito depressa; e, depois de uns instantes, a bella borboleta embrenhava-se pelos silvados vicejantes e reaparecia numa veiga florida cujas flores tinham aquelle perfume ineffavel que inebria as almas pesarosas, dolentes por lhes relescer a alma saudade...

Lirios campestres, flores gentis, que desabrocham em aegres vergeis, não seduziriam tanto a menina como essa borboleta graciosa que com seus magicos requebros attrahia aquelle ser innocente, numa carreira levida, ofegante, illudindo a angelica criança, chimérica, inexperiente das vicissitudes da vida, la, vinhi, e ella seguia com um enlevo tão concentrado que não percebia as horas e tão pouco o cansaço...

A borboleta posou, por instantes, em uma flor; a criança redobrou de esforços, já enfraquecidos, e, ao chegar mais que ligeira, quiz pegal-a; porém, esse insecto alroso, tantas vezes admirado pelos vates, voou e a criança, novamente, atraz da illusão...

Finalmente chegaram a um rio que serpenteia por esse sertão soberbo, variegado por campinas, desde nosso torrido natal! A criança, sádua, intelligencia precoce, abandonou a tentativa; a borboleta, zigzagueando, foi-se, atravessando o colosso brasileiro, ora oscilando as suas agudas argentinas, onde se espalhava o semblante esbeto da linda criança que não queria se aproximar daquelle formoso seductor leito de morte!...

Caia a tarde mais precocemente; a criança melancólica, com o coração ralado de desgosto, triturado de angustias, voltou à casa paterna ouvindo o zanzar dos insectos e o canto symphonico das avesinhas, alegria das selvas, que já se recohiam aos seus ninhos incultos nas emaranhadas selvas do sertão brasileiro!

Jair de Prouença Pinto de Moura.

Campinas, 4-4-1921.

A's amiguinhas do "Jardim Fechado", Margarida cumprimenta, pedindo o enorme obsequio de lhe indicarem um bom remedio contra espinhas na face, e um outro para clarear os braços queimados pelo sol. Desde já se confessa muitissimo grata e ás suas ordens.

S. Paulo, 9-4-921.

ACHAQUES DA VELHICE



A velhice deveria ser uma das idades mais formosas, tanto para o homem como para a mulher. Isto se consegue facilmente supprimindo as dores chamadas "rheumaticas" que tanto affligem os ancilões. Estas dores são causadas pelo acido urico que não tendo sido filtrado pelo rim, permanecem no sangue depositando-se nas juntas, nos musculos, etc., irritando-os de tal maneira

que ao menor movimento causam fortes afflicções. Os rins não filtram bem o sangue quando se acham em estado de fraqueza e portanto deve-se socorrer estas orgãos sem perda de tempo, para ajudal-as a funcionar.

As Pímulas de Foster para os Rins, encorajam-se de fazer funcionar estes orgãos com regularidade, mandando o acido urico estes orgãos em estado de sahir com a urina sem que cause molestia alguma. Estas pilulas tornam sempre mais prezanteira a vida para uma infinidade de ancilões, e não ha motivo para que o senhor continue soffrendo de achaques, taes como: dor nas costas, inchagão de pernas, sciatica, rheumatismo muscular, fortes pontadas nas costas, ao inclinar-se ou levantar-se, irritação da bexiga, ardor ao urinar, etc., pois basta tomar essas pilulas para que o senhor possa gozar os ultimos annos de sua vida. Adquirir o senhor hoje mesmo um vidro das Pímulas de Foster para os Rins. Não deixe para faze-lo amanhã, porque amanhã pôde ser demasiado tarde. Não aceite substitutos. Exija as legittimas de "Foster".

A venda em todas as farmacias. Peça nosso folheto sobre as enfermidades renaes que nós lhe enviaremos absolutamente gratis.

FOSTER-McCLELLAN Co.

CAIXA POSTAL 1082

RIO DE JANEIRO

Lydia Belleza

A senhora deve ler e meditar a secção desta revista intitulada "Arte da Belleza." Nella está exarado tudo quanto diz respeito ao assumpto; ha nella receitas muito uteis.

Nenê Brando.

S. Paulo.

Amiguinhas

A despeito dos cuidados que tenho com os pés, não ha meios de me livrar dos callos que os afeiam e que me fazem tanto sofrer. Se soubessem de algum remedio, tenham a bondade de indicá-lo-m'o.

Já usei, com algum proveito, o "Gits It", conhecido especifico americano; mas, ou porque esse preparado tenha sido falsificado ou por causas que desconheço, é em vão que o tenho usado. Espero as respostas com ansiedade.

Martha S.

Santos.

Nair Veiga

Como a amiguinha gosta muito de versos e anda collocando sonetos, quem sabe se conhecerá um de Julio Riedel, poeta paulista, que se suicidou ha uns vinte annos, e cujo primeiro quarteto é assim:

"Nem lagrima, nem riso em meus nervos actúa;
Por tudo que se passa eu passo tido absorto.
Que se os mortos tambem andassem pela rua
Poderiam dizer de mim que eu era um morto."

A senhora não imagina a curiosidade que tenho de conhecer todo o soneto, e até hoje não consegui encontrá-lo. Eu li-o ha muitos annos, quando ainda era menina e elle causou-me uma impressão profunda. Dessa leitura conservei de cor aquelle primeiro quarteto; quanto ao resto, não pude retel-o na memoria. Se na sua collecção existe esse soneto, ficar-lhe-ia muito grata se m'o enviasse, ou, melhor, se o mandasse publicar na sua encantadora collecção de sonetos do "Jardim Fechado".

Antecedo os meus agradecimentos.

Da amiguinha

Ilda Souza.

Jahú.

Devaneios...

Para ZENAIDE RAMOS.

Existe uma flor estranha que faz as vezes da aranha quando as moscas vae caçar: abre as petalas mimosas, delicadas, setinosas, como se as fosse beijar.

Mas que beijo estranho e raro! Para uma mosca é bem raro um beijo assim receber! E a flor trahidora não treme, e a mosca inerme não geme, nem sabe que vae morrer!

E como essa flor cruel ha muitos labios de mel que escondem fel e amargores; se beijam — trazem a morte; se falam — mudam a sorte, transformam prazer em dores! Cuidado, pois, se, algum dia, ouvires com alegria, um suspiro doce e terno; essa flor que beija e mata, é como o amor que maltrata e faz da vida um inferno!

Taubaté, 16-9-1920.

Ariela.

Queridas amiguinhas

Quando eu era mocinha (hoje os cabellos brancos e alguns netos são documentos seguros da minha idade) eu gostava muito de um livro, que lia constantemente, e que nunca me cansava de ler. E' um livro de um obscuro escriptor portuguez, Jeronymo Cortez, e que trata de uma porção de assumptos curiosos. Chama-se "Segredo da Natureza". Se alguma das amigas sabe onde se encontra esse livro, tenha a bondade de indicá-lo-me. O volume que eu possuía desapareceu ha muitos annos da minha estante e eu ainda não pude consolar-me dessa perda.

Antecedo os meus agradecimentos.

Renata Lemi.

Santos.

UM LIVRO PRECIOSO

Os livros sem interesse, pobres de imaginação, que se dão vulgarmente ás creanças para as habituar á leitura, têm a desvirtude de atrazar-lhes o desenvolvimento. Ao passo que um bom livro, cheio de assumptos curiosos e bem tratados, desperta-lhes de prompto o interesse e concorre poderosamente para lhes illuminar a intelligencia. O melhor livro que ha, neste genero, é a "Nova Seiva", que é um elegantissimo volume, luxuoso, ornado de numerosas e lindas gravuras.

Vende-se nesta redacção. Preço, \$5000 o exemplar; pelo correio, registrado, 6\$000.

ESPECIFICO da GRIPPE
EUCLEINA
WERNECK

FAZ ABORTAR a INFLUENZA, VENHA
OU NÃO ACOMPANHADA DE FEBRE

A DOR DE AMAR

(Continuação do numero anterior)

"Puzemo-nos ambos a rir; e, muito alegres, a tagarellar, fomos juntar-nos ao grupo dos pescadores. Colette e a senhora Dêtreil tinham, ao contrário, umas caras de quem havia sido logrado; e, certo, tanto quanto eu, suspiravam também por uma cama!

"Mas, foi de mistér irmos ainda tomar chá á villa Asseline para satisfazer os instinctos hospitalieiros do seu proprietario, encantado por haver patinhado toda a manhã no mar, e convencido — excellente homem! — de que nós quinhóvamos de sua satisfação...

"Eu não direi que estivessemos lindas, lindas... Contudo, estavam sempre melhor do que apóz certas noites de balie. Mas, Colette, achando ainda insufficiente esse "melhor", poz fim á sessão dizendo que eu me sentia fatigada... Oh! solicitude fraternal!

"E sempre escoltadas de Rozenne e Paulo Asseline, alcançámos afinal — até que afinal! — os nossos penates.

"Ja já alto o dia, um dia de ouro, luminosamente azul, inundado de sol, cujo calor, ainda tépido, espancava de mim toda lassitude. Era, realmente, de uma belleza divina essa manhã de verão! Só em contemplá-la, eu me esquecia da areia glacial, dos congros, das bodéilhas enxarçadas... Mas, agora, Colette estava ansiosa por entrar no hotel. Com o seu fervoroso adorador, ella já não precisava malbaratear-se; até o seu sorriso desaparecera.

"Isso não passou despercebido a Rozenne, que m'o fez notar, observando o prazer com que eu aspirava o ar tépido:

"— Os ventos mudaram! O céu de sua irmã Colette obumbrou-se, enquanto que o seu se fez todo cor-de-sua. Sabe que esta noite, tão temida, foi excellente para a senhora? Si m'o permittsse, eu lhe diria que é a propria encarnação desta manhã tão fresca! Mais do que nunca, os seus olhos se assemilham a duas gótas do mar com um reflexo do céu...

"Dizia isto com o seu costumeiro ar de graciejo; mas, olhava-me, com alguma coisa tão sinceramente enamorado, no fundo das minhas pupilas, que o estúpido do meu amorzinho próprio estremeceu, um segundo, de puro contentamento. Recobrei, porém, logo o animo, replicando-lhe a sorrir, e satisfeita por sentir no rosto a ardência, que vinha do mar:

"— Oh! como devo estar linda! Vou já correndo admirar-me ao espelho!...

"E entrei no hotel, tendo á frente Colette.

"Ouvindo os nossos passos, perguntou a mamã, com voz estremunhada;

"— Então, meninas, divertiram-se muito?

"Colette não ousou reponder sim...

"21 de agosto

"Rejubilemo-nos! Não foi inutilmente que passamos a noite á cata de congros raros! O velho Asseline foi tão bem domado pela nossa valentia, que se passou com armas e bagagens para o campo inimigo; e, sem dúvida, foi por só sua vontade, e sobremaneira enérgica nesse conflicto, que tivemos a honra de um convite para jantar, terça-feira, na villa Asseline.

"A mamã exulta, vendo já ganhada a partida, e prepara-se para comunicar ao papai, — alheio ás machinações diplomaticas. — que vai apresentar-lhe o genro sonhado. Colette, essa não manifesta vaidade alguma ante a aproximação do triumpho, mantendo com a senhora Asseline a incomparavel flexibilidade que lhe permittiu dominar, molle e molle, a opposição da velha dama.

"Oh! Mas a desforça que tomará Colette em se tornando sua nora! Pobre senhora Asseline!... Certo, Colette não mais conversará com ella durante horas a fio, sobre doces, boas obras, pazes feitas, sermões — ella, que não vai nunca aos sermões! — Não mais ouvirá, com um sorriso de interesse, as parologas insipidas, as intrigas malévolas, os merexicos dessa rodinha de matronas, tão querida da senhora Asseline, em meio da qual a minha linda irmã, com a fronte vincada por uma ruga voluntariosa e os lábios tremulos de indignação, distribue respeitadas atenções, representando superiormente o papel de moça bem educada, modesta, prudente, tanto quanto bella... Por isso, todas as velhas damas estão também sob a magia do seu encanto. Quando a vejo mimar essa personagem, fujo para onde Margarida, tão simples, tão sincera. Acólho-me contra o seu coração, esse pobre coração melancólico, amante e dedicado, que só muito da leve se sente magoado por André... E pego-lhe que continue a ser para mim a minha consciência, e assim procuro esquecer os ambiciosos projectos de Colette, distraíndo-me em argamassar areia com o Bob — o ente feliz por excellência!...

"24 de agosto

"Jantámos, pois, em casa dos Asselines. E o jantar foi o que devia ser: de uma esmagadora sumptuosidade! Doze convidados; as mais jovens dos convivas femininos vestidas — via-se claramente — pelas modistas mais afamadas, e disso fazendo gala com indiscreta vaidade; os homens, celebrando o excellent festim, só falavam de negócios e politica, todos mui descontentes com o governo que, a juizo delles, descuram completamente os interesses do commercio... A mamã, risonha e digna, pavoneava-se — que honra! — á direita do dono do casa, talvez na qualidade de decana. Colette, trajando de branco como uma noiva, e linda como uma princesa de lenda, fôra, em compensação, collocada longe do seu adorador, porquanto a futura sogra ainda não capitulou completamente, por mais meiga que ella esteja. Quanto a mim, havia herdado o dito adorador, o qual, com tocante ingenuidade, falava-me constantemente das qualidades de minha irmã, da admiração que esta lhe inspirava, da felicidade que deve ser o viver-se sempre ao lado della... Era edificante, mas, por fim, já se tornara monótono... Ah! como elle me fazia saudades de Rozenne, da sua conversação interessante e leve de dilettante, dos seus ditos engraçados, do seu indolente scepticismo que, a um tempo, me exaspera e me diverte...

"A medida que se seguiam os pratos, e se estirava a litanias amorosa de Paulo Asseline, eu me sentia invadir de uma dessas terribes crises de tédio, que me assaltam sempre que me vejo insulada em um meio, com o qual não tenho affinidade alguma. A mamã e Colette pareciam-me, ellas também, de todo



ELIXIR DE NOGUEIRA — Grande depurativo de sangue

ponto estranhas... Mamã, sempre graciosa, ajustava as suas opiniões às do velho Asseline, e Colette desempenhava a primor o seu papel. A só ideia de que, após esse mortal jantar, se seguiria um sarau, tal qualmente insípido, tornava-se-me tão dolorosa como um sofrimento físico, a ponto de nem sequer ter a curiosidade de observar a comédia humana que se representava ao redor de mim. Oh! a hora que passou enquanto os homens estavam no salão de fumar! As histórias de criados e de amas de leite, esses mexericos de praia, a troca de receitas domésticas, as apreciações sobre as modistas illustres, tudo isso entremeadado pelas sentenças da senhora Asseline!...

"Ainda aí a noite estivesse bonita, eu teria podido refugiar-me ao menos por uns momentos no parque, afim de me retemperar com a tranquilidade da solidão. Mas soprava um vento furioso; os aguaceiros alternavam com as refregas, retendo-me, á força, prisioneira nesse salão sem alma e sem vida.

"Desanimada, mas polida, tentei conversar com a minha vizinha, uma adiposa mocetona, muito elegante, que, da melhor vontade, se prestou a explicar-me os melhoramentos que fizera no seu castello (!), o número de seus criados, as casacas que se realizavam nos seus domínios... Eu sentia que me ia tornando feroz...

"Final, os homens se resignaram a deixar as delicias do fumatório. Estavam todos, mais ou menos, empenhados, loquazes, falando muito alto. Organizou-se então um importante bacará. A mamã estremeceu, pensando na lastimável figura que iriam fazer as magras finanças da família Danestel... Illuminou-se-lhe o semblante quando viu que os únicos jogadores eram os convidados masculinos. Paulo, esse, girograva em redor de Colette. As moças e as matronas formavam círculo á volta da senhora Asseline, que pediu a uma delas nos tocasse alguma coisa.

"Oh! Nem quero recordar o que foi a grande ária da rainha de Sabá cantada por ella!... E, contudo, granjeou taes applausos, que se sentiu obrigada a corresponder com outras novas cantorias, verdadeiro crime de lesa-musica. Era horrível! Ah! como eu

compreendi os valentes cães, a quem certos accentos fazem uivar!

"Pareceu-me que ella não mais se calaria, que esse sarau não teria mais fim, que eu não poderia fugir desse salão archi-dolrado, nem deixar de ouvir as chocalhices da senhora Asseline e de suas amigas, as ruidosas exclamações dos jogadores, os gritos dessa infatigável cantarina.

"Final, a mamã levantou-se! Tinha ainda nos lábios o sorriso, mas as pálpebras pesavam-lhe somnolentas. Uma imperceptível contração approximava os sobrecenhos de Colette... Para ella tambem fora demasiado penosa a provação!

"O bom do Paulo, sempre solfeito, mandara preparar uma das suas carruagens para nos conduzir ao hotel. Durante a viagem, nenhuma de nós falou, talvez porque receássemos soltar palavras muito sinceras... De resto, estou que a mamã toscanejava um pouco... Colette, essa, olhava a noite e reflectia... Em que?... "

"Eu suspirava ardentemente pelo meu quartozinho silencioso, cheirando a rosas, onde me aguardavam o trabalho e os livros predilectos, que eu tinha sede de abrir afim de dissipar do meu espirito as trivialidades que ouvira nessa noite.

"Por isso, quando me vi novamente ahi deixei-me estar ás escuras sem accender a lâmpada, afim de me deixar envolver melhor pela tranquillidade. Sem retirar sequer o manteau de baile, sentei-me deante da janela aberta de par em par, e procurei esquecer os Asselines, o seu luxo, as ambições de minha irmã, e puz-me a contemplar a serena immensidade do céu, onde replandecia o fino crescente da lua. O vento varrera as nuvens; a noite estava infinitamente pura, vibrante do canto grave do mar, do rumorêjo da brisa que perpassava pelas folhas. Com toda a minha alma, eu desejava ser penetrada por essa paz que calmava a febre, dulcificando-me os nervos doloridos...

"De repente, Colette abriu a porta; tinha, sem dúvida, alguma coisa que me disser. Vendo o quarto ás escuras, admirou-se, perguntando-me:

"— Como! Já estás delitada?

"— Não, estou gascansando.

"— Estás cansada? De quê?

"Sua voz, irônica, fustigou-me os nervos.

PARFUMERIE IDEAL ::

HEMILE HAMEL

Praça da Republica N. 31 — SÃO PAULO
Telephone Cidade, 5029

Qual é o maior desejo das senhoras?—E' de ter uma cutis sempre fresca e macia.

Tereis pleno resultado e o vosso desejo será satisfeito, empregando o

CREME NINON

Tendo a vantagem de não ser gorduroso e tornando-se indispensavel para a adherencia do pó de arroz.

E preservando a cutis do sol e do vento que tanto prejudicam as cutis delicadas.

Empregae de preferencia o pó de arroz Ninon.

PÓ DE ARROZ NINON perfumado de um perfume suave, impalpavel, invisivel, sem rival, dando ao rosto a transparencia e o aveludado ideal.

ROUGE NINON em pasta para o rosto. Muito recommendado, invisivel na sua applicação, tomando sob a influencia do ar, o tom rosado natural, dos mais seductores.

BRANCO PEROLA NINON, igualmente indispensavel e extraordinariamente efficaz; basta empregar por meio de um pouco de algodão uma pequena quantidade deste liquido e obterá um bello decolletado de uma fineza invejavel.

Productos igualmente recommendados da PARFUMERIE IDEAL

Agua de Colonia e loção para cabellos e productos para unhas, sendo: Esmalte Ninon, Ongline em pó, Creme Ongline esc.

NOTA: Os productos da PARFUMERIE IDEAL vendem-se em todas as boas casas

Toda moça ou senhora que nos remetter o coupon abaixo com 10000 rs. em sellos do correio receberá um potinho de Creme Ninon.

Nome _____
Rua _____
Localidade _____
Correio _____
Estado _____

— De que estou cansada? Da odiosa noite que venho de passar! Oh! Colette, como podes tu, por amor do dinheiro, querer entrar para semelhante meio?!

— Estas palavras saíram-me da bocca inconscientemente, tal a humilhação e revolta que paçavam dentro em mim. Colette sentiu-me tão sincera, que, apesar do império que tem sobre si mesma, estremeceu. Adivinhei-lho no ligeiro tremor da voz, ao responder-me:

— Não sou eu quem entrará nessa meio, mas sim Paulo que virá para o meu.

— Seja, mas nem por isso estarás menos obrigada a aturar os dells, donde te conduzirá de tanto melhor vontade quanto estará ali no seu verdadeiro elemento, ao passo que em o nosso, no do papai...

— No do papai, não estará?... E' isto o que queres dizer?... E por que não estará?...

— O tom destas palavras traía um desafio.

— Porque, intelectualmente, é uma nulidade. E tu bem que o sabes!

— Como disse eu isto?... Nunca, em pleno dia, sequer mesmo a claridade da lâmpada, nunca, de certo, taes palavras me saíram dos lábios. Mas, estavam ás escuras; e deante desse amplo céu tranquillo, sómente a verdade poderia ser dita. Um ralo de lua illuminou o rosto de Colette, cujas feições se tornaram algo severas, na sua expressão voluntariosa e enérgica.

— Quase com violência, mas sempre calma, replicou:

— Ah! naturalmente, porque não vive hypnotizado pelos livros, pelas operas, pelos quadros, é uma nulidade!... A intelligência! A arte!... Tu e o papai não tendes na bocca sinão estas palavras... Pois bem! toma nota para o teu governo: ha outra coisa na vida, de fóra parte a intelligência e a arte. Ha os meios para gozarmos tudo isso. E esses meios, eu os quero ter de minha mão... Por isso vou direito a quem m'os pode dar!

— Sem receio de assim preparares a tua desgraça?

— A minha desgraça?... Por quê?...

— Porque estarás ligada toda a vida... pensa bem!... toda a vida!... a uma pessoa que não amas!

— Que eu não amo?... como sabes?

— Sei-o tão bem como tu. Elle não é um homem a quem possas amar.

— Por quê, ainda? Porque não é um homem superior? Reconheço-o... Ah! os homens superiores! Como elles fazem felizes as suas mulheres!... Tu e eu, ambas sabemos o que elles valem!... E eu não quero, de modo algum, essa miseravel e fugidia felicidade que o seu agosmo lhes permite, ás vezes, de no dar por um instante. Vivem, olhos em êxtase, na contemplação dos seus méritos, inebriados com a admiração do público, aleandorados sempre no seu pedestal, de onde só se dessem quando o seu proprio prazer a isso os convida. Ah! não! eu nunca ambiciono, desde que me compreendo, o ser a esposa de um homem illustre!... Paulo Asseline é tão sómente um bom rapaz, bem sei!... Mas, pelo menos, não é si a mim que elle ama. E, agrade-me que assim seja!

— Eu não me sentia tentada a responder-lhe. As suas palavras vinham até mim como grandes vagas de amargura. Infelizmente, era verdade tudo quanto dizia Colette!... Depois de um curto silencio, continuou com a mesma voz de azeite, como si, de uma

vez por todas, lhe parecesse bom o entrabrir um pouco a sua alma fechada:

— Sim, em verdade, muito me agrada o ser rica! Realmente, na vida só ha isso de invejável! Ainda uma vez, e de passagem, toma nota, criança sonhadora... Uma vez rica, estou certa, — entendes? — certa de que seré feliz, pois estarei livre d'este horror das preocupações do dinheiro, das odiosas e perpétuas economias, destas incertezas do futuro, pois já estou cansada... de estar sempre prompta a todos os sacrificios para me libertar de tudo isso! Desta vez, pois que a fortuna — ou a Providência! — me depára no meu caminho um homem, que não me pede sómente um fiarte de alguns mezes, mas me offerece um casamento inesperado, eu seria louca, absolutamente louca! si deixasse fugir esta sorte unica. Que me importa a mim que os Asselines sejam uns parvenus, si elles podem dar-me a tranquillidade que desejo?... As raparigas sem dote, como nós, — não te esqueças, querida, — não se devem dar ao luxo de ser sentimentaes... Não são os seus b'lios dançarinos que as desposarão!... Cumpre-lhes, a ellas, o valefem-se dos outros, dos bons rapazes sem ambição que se julgam multos felizes si lhes podem offerecer os seus bens da fortuna, devendo ellas considerarem-se no rol das privilegiadas quando os encontram... E agora, Chiquinha, nunca mais, — não é verdade? — nunca mais tornaremos a falar nestas coisas. Disse-te, uma vez por todas, o que pensava sobre isso... Sim; de fe'to, jogo uma partida que eu quero ganhar... E hei de ganhá-la!... Boa noite, Chiquinha.

— E deu-me um beijo vago nos cabélllos. Eu não fiz um movimento para corresponder-lho... Quando se retirou do meu quarto, e me vi sózinha, entrei a chorar desesperadamente...

— Como é triste, e mesquinha a vida para as raparigas pobres!"

Acabando a leitura, Chiquinha permaneceu immovel, mãos cruzadas sobre as páginas, a contemplar com os olhos que não viam o movimento inconstante das vagas.

Fôra-se-lhe, rápido o gozo da deslumbrante festa das coisas, que, uma hora antes, lhe inundava a alma de inebriante alegria.

Os seus pensamentos acabavam de levantar questões demasiado graves, que não podiam deixar de lhe conturbar o espirito.

Já passavam dois dias depois da confissão de Colette. Nem uma nem outra haviam alludido a isso, e ambas sabiam muito bem que jamais recordariam tal incidente. Talvez Colette nem pensasse mais nisso, absorvida como estava só das palavras da irmã, cuja impressão lhe ficara amargamente amarga e dolorosa...

— Titia! Tia Chiquinha! exclamou uma voz infantil.

A moça erguendo a cabeça, viu, saindo de sob a abóboda de folhagem da alameda, Rozenne, que trazia nos braços o pequenino Bob. Acompanhava-as a ama, impellido o carrinho da criança. Chiquinha fechou o caderno, e levantou-se, um pouco contrariada por ver tão depressa perturbado o seu retiro.

— Como foi que me descobrimos? perguntou ella, tomando a mãozinha do Bob, que, seduzido pelo aludido da relva, quiz que o depusessem no chão.

(Continua no proximo numero).

KOLA SOEI

Anemia, fraqueza, rachitismo, molestias do estomago. Util no crescimento das creanças —

LIVROS A' VENDA NESTA REDACÇÃO

As nossas leitoras e assignantes não podem prescindir de um certo numero de obras que são necessarias ao estudo de uma senhora. Todas as que temos á venda, nesta redacção, são uteis, interessantes, curiosas, abrange as mais modernas.

Nos preços marcados em cada um dos volumes está incluído o registro do correio.

Acceptamos, pois, pedidos das seguintes obras:

ESCRAVA OU RAINHA, lindo romance publicado nas paginas da "Revista Feminina", e que tanto exito alcançou. E' edificante pela sua concepção altamente moral, e ao mesmo tempo delicia o espirito pela sensação, cada vez mais crescente, das suas epistolas. O entrecosto desse magnifico romance, é tão bem urdido, que o leitor se deixa suavemente arrastar através das suas paginas, vivendo a vida dos seus personagens e transportando-se para o lugar onde a acção se passa. E' uma leitura que satisfaz a todos os gostos.

Um grosso volume lindamente impresso. — Preço 4\$000.

ENTRE DUAS ALMAS, é um romance sensacional que tem feito um immenso successo em todo o mundo. Elle conta 14 traduccões para quatro idiomas, o que põe bem em evidencia o seu valor. E' um romance moral, e cujo enredo decorre de uma maneira empolgante. Um volume, preço 4\$000.

COLLECÇÕES ENCADENADAS DA "REVISTA FEMININA", referentes aos annos de 1918 e 1920. As pessoas que não colleccionam a nossa revista ou aquellas que têm curiosidade de conhecer, devem adquirir as nossas colleções, que formam grossos e luxuosissimos volumes encadernados em percaline a cores diversas, com dizeiros a lettras douradas. Volumes proprios para presentes de anniversario e que devem ser conservados como livros de consulta, mercê da sua variada e interessantissima leitura. — Preço 25\$000 cada colleção.

FLORES DE SOMBRA, comedia de Claudio de Souza, uma das obras de maior exito no theatro nacional. — Preço 3\$000.

NOVA SEIVA, o melhor livro de contos que ha para creanças. Contos instructivos, interessantes pelo enredo, e escriptos em linguagem simples, correcta, ao alcance das intelligencias infantis. Grande volume in-quarto, encadernado, com varias centenas de nitidas e preciosas gravuras. Edição luxuosa propria para presentes ou para premio das creanças estudantis. — Preço 4\$000.

MADRE MARIA THEODORA, elegante e luxuosissima polyanthia offerecida á Superiora Provincial das "Irmãs de S. José de Chambéry". Precioso volume, de cerca de seiscentas paginas, cheias de lindas gravuras impresso em finissimo papel alçê. — Preço 15\$000.

A LUA CRESCENTE, colleção dos famosos poemas do grande poeta indio Rabindranath Tagore, que, pelo seu alto valor, recebeu o premio Nobel, que o consagrou o maior poeta da sua raça e um dos maiores do mundo. A versão em gaza portugueza, de Plácido Barbosa, é excellente, dando bem idéa da belleza original dos poemas. Quem não conhece a poesia oriental, tão suggestiva, tão profunda, tão original, deve ler esta colleção do poeta indiano. — Preço 4\$000.

O TURBILHÃO, essa peça theatral de Claudio de Souza, que é uma das mais sensacionais creações do moderno theatro e que tanto exito tem alcançado, acaba de ser publicada em uma elegantissima brochura e com uma formosa capa a cores. Vende-se nesta redacção a \$500 cada exemplar. — Pelo Correio, registado, 3\$500.

A DOR DE AMAR, um dos mais interessantes romances da vida actual. Narração de amor, cheia de episodios sentimentaes e intensamente commovedores. O autor, neste romance, tem conceitos sobre a vida sentimental que impressiona pela sua justiza e verdade. — Preço 4\$000.

A ESTHETICA DO SILENCIO, obra de critica e psychologia de P. Leonardo Marcello. Aos que desejam iniciar-se em arte, não podem prescindir deste livro, que é precioso como analyse e critica dos grandes artistas e de todas as escolas literarias. Um elegante volume em magnifico papel. — Preço \$500.

RECETAS DE BELLEZA PARA COLORIR OS CABELLOS, Desde os tempos mythologicos, com a magica Medea — o homem procura resistir, por meios artificiaes, aos estragos da idade, vivendo principalmnte os cabelos brancos, que são os primeiros e os mais evidentes agnos da velhice.

Entre as tinturas usadas para, tal fim figuram as de saes de chumbo, de prata, de cobre, de mercurio, de cal, de bismuto, de estanho e outras, que produzem sobre o organismo inteiro graves desordens que só muito tarde são percebidas. As tinturas americanas são a base de sulfato de amium e sulphurato de ammoniaco. São

menos toxicas, mas irritam o couro cabeludo e provoca a calvicia repida. As tinturas a base de nitrato de prata, são espalhadas, são de acção toxica, lenta e fatal. Ha, porém, algumas produções vegetaes inoffensivas que infelizmente, dão uma coloração muito fraca e pouco duravel. A unica que se pôde recomendar sem receio e que dá resultados admiraveis, é a Pettalina, com a qual se pôde obter, graduando as doses, todos os tons, do castanho claro ao negro asseviche. Infelizmente esse producto era em nosso meio, sendo oriundo da Peria, de onde actualmente só pôde vir com grande difficuldade.

A Empresa "Feminina Brasileira" acaba de receber uma pequena quantidade.

Podeis obtela por intermedio da nossa "Revista", enviando a importancia de 10\$000 e mais \$500 para a remessa.

POMADA RENEY PARA SARDAS, MANCHAS E PANNOS. Este preparado, que se recomenda por mais de vinte annos de accção e pela sua efficacia sobremaneira comprovada, é o que ha de melhor para as manchas da pelle e para a tornar clara, macia e fina. E' absolutamente inoffensiva. Bastam alguns dias de uso. A sua efficacia é prompta e duradoura.

E' fabricada em tres typos: "Moderada", "Forte" e "Extra-forte". A primeira é usada na maioria dos casos; a segunda para os casos em que a primeira não faça effeito, e a ultima para ser applicada unicamente nos braços e nas mãos.

Pedidos a esta redacção. 4\$000 o frasco; pelo correio, registado, 5\$000.

BELLEZA DAS UNHAS. Um dos piores sectos que se adquire na infancia é o de roer as unhas. E' um vicio de que o individuo difficilmente se corrige. O menor dos seus inconvenientes é o de deformar a ponta dos dedos tracendo-os sempre sangrados. Esse é o menor, porque o maior dos seus inconvenientes é effectuar a economia da vida do organismo.

Corrigir-se algum desse vicio pela força de vontade é tão penoso, ou mais, como deixar de fumar.

O unico meio, o unico processo é usar a Onichophagina, que se applica com um pincel debaixo das unhas e se deixa secar. Se se trata de corrigir a creanga desse vicio, deve-se renovar a applicação toda vez que ella lavar as mãos.

A Onichophagina vende-se a \$5000 o frasco. Pedidos na "Revista Feminina".

CREME DE BEAUTE ZABELLA E LOÇÔES. Preparado por Madame Zabella, directora do Consultorio Technico de Belleza, do Rio de Janeiro. Este creme é usado geralmente-se usm todos os cremes. Enquanto os outros, porém, só servem para branquear a pelle e fixar o pó d'arroz, o Creme de Beauté Zabella, tem, além dessa utilidade, em que supera os melhores, a propriedade de curar todas as enfermidades da cutis, como manchas, bolides, epideites, pannos, aspercos e outros defeitos, que tanto affeiam o rosto.

A sua efficacia é garantida. Ver no prospecto a maneira de usar. A venda nesta redacção. \$500, pelo correio, registado, 10\$000.

PREPARADO N.º 1, loção adstringente para a cutis de transpiração gordurosa, para manchas, pontos negros e borbulhas. Depois de humedecer o rosto com este preparado, faze-se uma pequena massagem com o "Creme de Beauté Zabella". A cura é garantida das enfermidades da pelle. — Preço \$500, pelo correio, 10\$000.

PREPARADO N.º 2, loção emoliente para a cutis muito delicada. Esta loção, pelos seus componentes medicinas e hygienicos, deve fazer parte inseparavel das coisas uteis e indispensaveis a todas as damas que prezam a sua belleza. Sua acção é extraordinaria contra as manchas de sol, as aspercas da pelle produzidas pelo frio e outras causas, tendo a propriedade de anniciar e branquear a cutis. Depois de usado, appliche-se o "Creme de Beauté Zabella". Preço \$500, pelo correio, 10\$000.

A FILHA DO DIRECTOR DO CIRCO. E' este um dos romances mais interessantes da grande escriptoria allemã baronessa Ferdinand von Brachel, e uma das obras mais vulgares em todo o mundo. A sua leitura é empolgante e impressionadora. Ha episodios de amor tratados com tal profundidade, que nos deixam n'alma recordações inspaguaveis. O enredo é curiosissimo, e todo elle baseado na vida real.

A traducção portugueza é excellent. Um grosso volume de cerca de 300 paginas, lindamente encadernado e lindamente impresso, proprio para presente, 6\$500 rs.

Pedidos nesta redacção.

HELOISA. Este romance de d. Augusta Franco de Sá vem fazendo um immenso successo, mercê do seu estylo claro, da curiosidade que o seu enredo desperta e de numerosos episodios que se passam em Paris, Loureux, Roma e outras capitales. Heloisa, que é uma creatura perversa, filha mald, cheia de odio e intrigante, tem pouco o pouco perçecido os seus defeitos e adquirindo qualidades e virtudes que a tornam uma verdadeira santa. Não ha quem se não deixe impressionar fundamente se ler este romance.

E' um grosso volume de mais de 300 paginas, em elegante e solida encadernação. E' um livro proprio para apresentar uma moça. Um volume, 6\$000 rs. Pedidos nesta redacção.

DOUTORA MATTARAZZO

MEDICINA E CIRURGIA EM GERAL

Senhoras e creanças

Das 14 ás 16 horas — Quintino Bocayuva, 4 —
Sala 6 — 1.º andar — Telephone, Central, 5218 —
Residência, Avenida Celso Garcia, 348 — Das
12 ás 13 horas — Telephone, Braz, 347.

EMILIA N. ANDRADE

Penteadeira

Posticos e tinturas para cabellos. Incumbe-se do embelezamento da cutis. Attende a chamados.

Rua dos Estudantes, 30
Telephone 4383 central

S. Paulo

"O PILOGENIO" serve-lhe em qualquer caso



Se já quasi não tem serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe fará vir o cabelo novo e abundante.
Se começa a ter pouco, serve-lhe o PILOGENIO, porque impede que o cabelo continue a cair.
Se ainda tem muito, serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe garante a hygiene do cabelo.

Ainda para a extincção da caspa

Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette-OPILOGENIO

Sempre "O PILOGENIO"

"PILOGENIO" SEMPRE

A' VENDA em todas as pharmacias, drogarias e perfumarias

LYCETOL

CRANULADO
GIFFONI
DISSOLVE E EXPELLE
O ACIDO URICO

CONTRA
DIATHESE URICA-COLICAS NEPHRITICAS
CALCULOS BILIARES
ARTHRITISMO-RHEUMATISMO
→ GOTA ←

EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS DO BRASIL
DEPOSITO GERAL DROGARIA GIFFONI
DE
FRANCISCO GIFFONI & C. - RUA 1.ª DE MARÇO 17
RIO DE JANEIRO

Mães:
Amamentae vossos filhos
Se não podeis fazel-o, bebei
as refeições um "Nip" (copo)
de Cerveja Guinness marca
"Cabeça de Cachorro"

Recommendada pelos medicos.

Wilson Sons & Co. Ltd.,
Rua Barão de Paranapiacaba No. 10.
São Paulo.



VINHO BIOGENICO

(Vinho que dá vida)

Para uso dos convalescentes, das puerperas, dos neurasthenicos, anemicos, dyspepticos arthriticos. Poderoso tonico e estimulante da "Vitalidade", o VINHO BIOGENICO é o restaurador naturalmente indicado sempre que se tem em vista uma melhora da nutrição, um levantamento geral das forças, da actividade psychica e da energia cardiacas.
E' o fortificante preferivel nas convalescenças, nas molestias depressivas e consumptivas, (neurasthenia, anemia, lymphatismo, dyspepsias, adynamia, cachexia, arterio-sclerose), etc.
Reconstituinte indispensavel ás senhoras, durante a gravidez e após o parto, assim como ás amas de leite. E' um poderoso medicamento bioplastico e lactogenico.

Recolhido diariamente pelas sumidades medicas
Encontra-se nas boas pharmacias e drogarias. Depósito Geral:
PHARMACIA E DROGARIA de - FRANCISCO GIFFONI & C.
Rua 1.ª de Março, 17 - Rio de Janeiro

Cóte e envie sem demora
este coupon á redacção
da Revista Feminina

de de 192

SR. JOÃO SALLES DIRECTOR DA "REVISTA FEMININA"
AVENIDA S. JOÃO 87-1.º ANDAR — S. PAULO.

Peço-lhe inscrever-me como assignante da Revista Feminina, por um anno, a começar em de 192 e a terminar em de 192

para cujo pagamento encontrará annexa a importancia de Rs. 15\$000 caso prefira receber a Revista registrada deveis enviar mais cinco mil réis ou sejam 20\$000 (em dinheiro, cheque, ordem ou sellos).

As cartas com as importancias devem vir sob o registro e valor declarado

Endereço

Logar

Estado

Observações

MEIO PRATICO E AGRADAVEL DE DESENVOLVER A INTELLIGENCIA DAS CREANÇAS

Os nossos patriciosinhos são, por via de regra, dotados de uma notavel intelligencia e de muita percepção. Ao lado delle, as creanças de outras nacionalidades, principalmente inglezas ou allemãs, parecem obtusas, incapazes de um gesto em que revelem uma flagrante presença de espirito. Entretanto, o que geralmente acontece é que os estrangeiros attingem o seu completo desenvolvimento intellectual e se dirigem com segurança na vida, enquanto os nossos patricios permanecem retardatarios e se mostram indecisos na luta pela existencia. Isto faz crer a muita gente que, sendo mais lento no estrangeiro o desenvolvimento intellectual, torna-se por isso mesmo mais completo, e que a extrema precocidade dos nossos patriciosinhos é sempre negativa. Ora, nada disso é verdade. A verdade é que o europeu, como o americano do norte, possui uma organização escolar muito mais perfeita, e quanto á victoria que elle obtém na luta da vida, depende da sua organização do trabalho, coisa que ainda não possuímos em nosso país.

Muitas mães de familia patricias se queixam da falta de intelligencia dos seus filhos, ou, se não se queixam, mostram-se pesadas quando observam o seu pouco adiantamento nos estudos. Ora, os nossos patricios, a não ser que sofram de qualquer enfermidade inhibitoria da intelligencia, são sempre intelligentes, e de-

monstram-n'o a cada passo, em seus conceitos, em suas observações, em suas travessuras. Se assim são elles, argutos, finos, vivazes, fóra da escola, porque na escola se não de patentes bisonhos e estupidos? A culpa não é delle, senão dos máos processos pedagogicos, dos máos aparelhos escolares, dos métodos errados, e a consequencia disso é o desinteresse das creanças, a repulsa pelos estudos. Nenhum paiz civilisado está pedagogicamente tão mal aparelhado como o Brasil.

Dem ás nossas creanças livros interessantes, e verão como elles começarão a interessar-se pela litteratura. Dem-lhes, porém, os nossos livros escolares, principalmente os chamados de "educação cívica", e verão a má vontade com que ellas se entregam á leitura, e só fazem desatentas e por obrigação, o que leva as pobres mães a suppor-as estupidas.

O melhor livro para despertar a curiosidade dos patricios, a sua imaginação, a sua intelligencia e os seus bons instintos, é a "Nova Seiva", esse magnifico livro de contos. É um grande e lúzuoso volume illustrado de numerosas e lindas gravuras, que se torna, desde logo, o encanto das creanças.

Vende-se nesta redacção por \$5000. Pelo correio, registrado, 6\$000.

Carrapaticida "Kiltik",

DOS FABRICANTES

THE SHERWIN — WILLIAMS CO.

O melhor e mais economico dos carrapaticidas até hoje conhecidos. Acaba de ser experimentado e aprovado pelo Ministerio da Agricultura, em virtude dos resultados surpreendentes obtidos nas expirancias a que foi sujeito na Fazenda de Santa Monica.

Eis alguns trechos do certificado obtido das experiencias feitas na Fazenda de Santa Monica:

"Ao fim de uma semana, mais ou menos, verificou-se que todos os carrapatos grandes e pequenos, machos e fêmeas, haviam morrido e alguns que ainda se achavam agarrados á pelle estavam inteiramente secos.

Offerece vantagens que não devem ser desprezadas. Assim é que para um banheiro de doze mil e oitocentos litros, que foi a capacidade com que trabalhamos em Santa Monica, gastou-se OITENTA E OITO LITROS do preparado "Kiltik", enquanto que de SARNOL e COOPER seriam necessarios CENTO E VINTE E OITO LITROS, uma differença de QUARENTA LITROS".

Para mais informações e preços, na

Companhia Mechanica e Importadora de São Paulo

RUA 15 DE NOVEMBRO N.º 36

ARTE - CULINARIA

ADALIUS — 3.ª edição

Já está exposto à venda, na redacção da "REVISTA FEMININA", Avenida S. João, 87, 1.º andar, o preciosíssimo livro "Adalius", especialmente confeccionado para uso das donas de casa. A primeira e segunda edição, que continham poucas paginas, exgotaram-se rapidamente, a despeito da sua avultada tiragem. Esta terceira edição compõe-se de mais de cem paginas e está enriquecida notavelmente de receitas e conselhos culinários.



Livros sobre cosinha não faltam em portugal, mas todos elles se resentem de um grave defeito: as suas receitas ou são obscuras ou não são realizaveis, pelas difficuldades que apresenta a sua execução. Além disto, algumas receitas que esses livros apresentam, se são realisaveis, nem sempre obtêm exito, porque não foram ex-

perimentadas. Ora, as receitas do "Adalius" são todas experimentadas, e, o que mais é, estão ao alcance de quem quer que queira experimentá-las, tal a clareza com que são escriptas.

"Adalius" contem mais de quatrocentas receitas.

O seu texto é constituído das melhores receitas para lunch, cozinha, doces, de conselhos sobre hygiene, sobre o cuidado e ornamentação da mesa de jantar, de tudo, enfim, que pôde interessar uma dona de casa. E' uma obra de que não deve prescindir nenhuma dona de casa, que o deve lêr constantemente, consultar como o seu livro predilecto.

Não ha dona de casa que se não queixe da difficuldade ou obscuridade com que são compostos os livros de arte culinaria.

O "Adalius", ao contrario, não traz nenhuma receita que não fosse experimentada e cuja confecção se torne difficil. Todo elle, seja qual fór o assumpto de que trate, é absolutamente aproveitavel e util. O seu texto é claro, simples e comprehensivel.

O seu preço é 28000 réis. Esse preço está, como se vê, ao alcance das bolsas mais modestas, sendo certo que a "REVISTA FEMININA", que o editou, não auferê nenhum lucro com a venda. O "Adalius", vendido por esse preço, constitue, antes, um beneficio que faz às suas leitoras e um meio de propaganda.

Envie, pois, seu endereço e a quantia de dois mil réis em selos do correio, á redacção da "REVISTA FEMININA"—São Paulo, Av. S. João, 87, 1.º andar, e immediatamente receberéis pelo correio o precioso livro sobre cozinha "Adalius".

Officina de Photogravura — A PAULICÉA —

— de —

Castignani & Lastrì

Rua Gusmões, 82

TELEPHONE CIDADE, 5889 — S. PAULO

Marmoraria TOMAGNINI

Especialidade em fumulos
de marmore e granito polido

PIETRASANTA (Carrara) Italia

Rua Paula Souza, 85

S. Paulo - Telephone, 3378 - Central

Oh! tu mortal que me vês
Repara bem como estou:
Eu já fui o que tu és,
E tu serás o que eu sou.

... dentro
em breve
se não, de-
purares o
teu sangue
com o

Hematol

O rei dos
depurativos
e tónicos.
Cura rheu-
matismo,
lymphatis-
mo, doen-
ças da pelle
e todas as
manifesta-
ções
syphiliticas.



A' venda em todas as pharmacias — Deposi-
tarios para todo o Brasil:

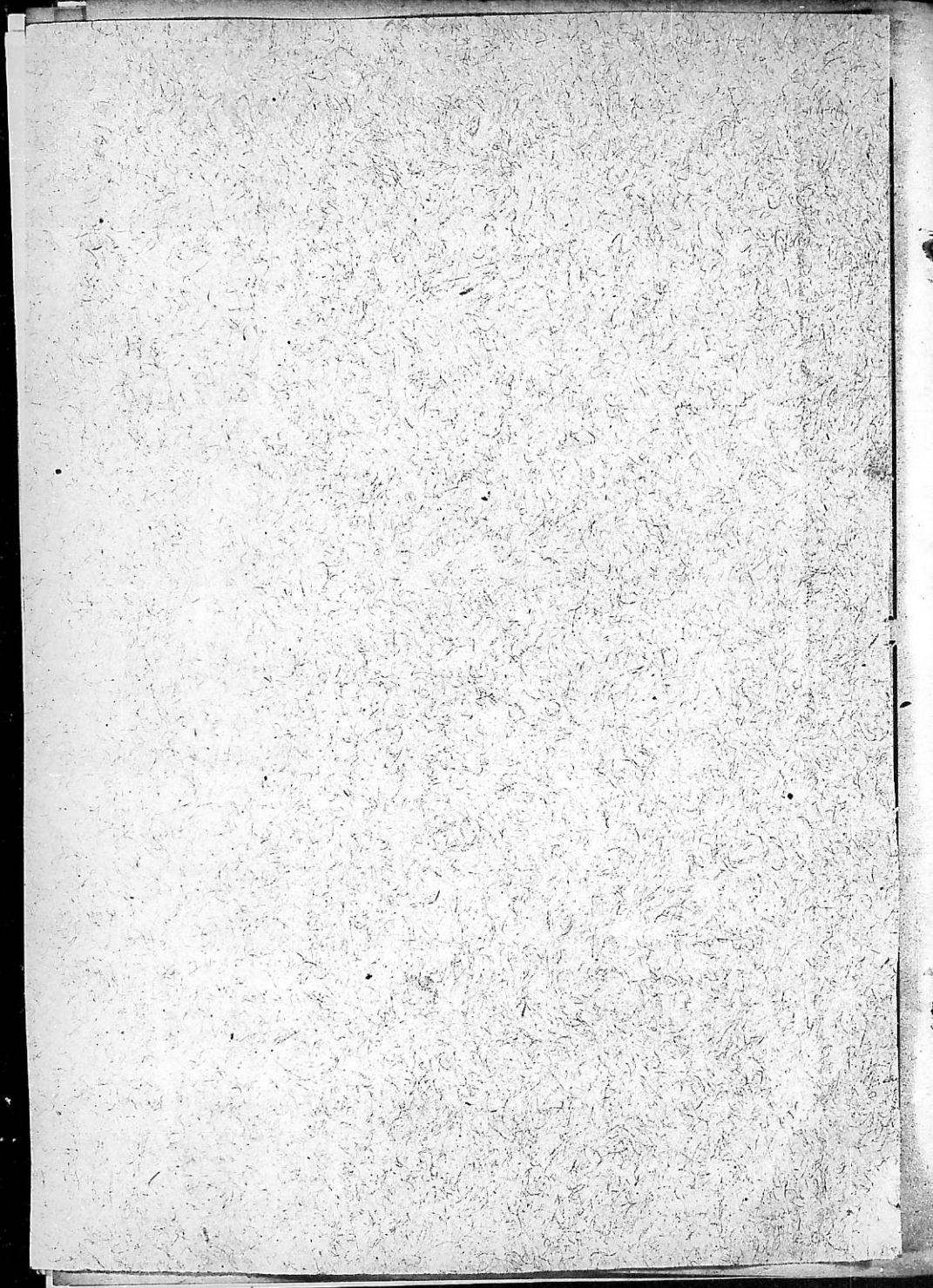
GALVÃO & C.ª

RUA LIBERO BADARO' N.º 103

Caixa Postal 1901 — S. PAULO

Precisa-se agentes idoneos em toda parte.





Livraria Francisco Alves

Caixa Postal, L

End. Telegr.: FILIALVES

Rua Libero Badaró, 129

S. PAULO

Cantos de Luz; versos de Luiz Guimarães Filho, musica do Dr. Carlos da Campos e desenho de Cordeiro Dias. 1 grande vol. ricamente impresso e encadernado 20\$000.

Fructa do Mattio; romance por Afranio Peixoto, 1 vol. br. 4\$000, enc. 5\$000.

Martins; romance por Medeiros e Albuquerque, 1 vol. br. 3\$000, enc. 4\$.

Marques e Bandidos; por Gustavo Barroso, 1 vol. br. 3\$000, enc. 4\$000.

Apotheose; poesia por Hermes Fontes, 1 vol. br. 3\$000, enc. 4\$000.

Rhythmos e Idéas; poesias por Luiz Murat, 1 vol. br. 3\$500.

Conspirações; pelo General Dantas Barreto, 1 vol. br. 3\$000, enc. 4\$000.

Vingança e encadens em Mattio Grosso; pelo Comte Pereira da Cunha, 1 vol. illustr. br. 5\$000.

Puccini; 3.ª serie por Alberto de Oliveira, 1 vol. br. 4\$000, enc. 5\$000.

Parisi; (Impressões de um brasileiro) por Nensor Victor, 1 vol. br. 2\$.

Contos das creanças e do povo e ditados populares; por Alexina de Magalhães Pinto, 1 vol. cart. 4\$000.

Jornadas no meu paiz; por Julia Lopes de Almeida, 1 vol. br. 4\$000.

Em pleno Sonho; por Maria Eugenia Celso, 1 vol. br. 4\$000.

Crianças Pallidas, Lymphaticas, Escrophul. sas, Rachiticas ou Anemicas



O **JUGLANDINO** de **GIFFONI** é um excelente re-constituente dos organismos enfraquecidos das crianças, *potente tonico depurativo e anti-escrophuloso*, que nunca falha no tratamento das molestias consumptivas acima apontadas.

É superior ao oleo de fígado de bacalhão e suas emulsões porque contem em muito maior proporção o *todo vegetal* e ade- intimamente combinado ao *tannino da noqueira* (*Juglins tannin*) e o *Phosphoro Physiologico* medicamento eminentemente vitali- sador, sob uma forma agradável e inteiramente assimilavel.

É um xarope saboroso que não perturba o estomago e os in- testinos, como frequentemente succede ao oleo e ás emulsões dahi a preferencia dada ao **JUGLANDINO** pelos ma- distinctos clinicos, que o receitam diariamente aos seus pro- prios filhos. — Para os adultos preparamos o **VINHO IODÉ TANNICO GLYCERO-PHOSPHATADO**.

Encontram-se ambos nas boas drogarias e pharmacias desta cidade e dos Estados e no deposito geral:

Pharmacia e Droguaria de FRANCISCO GIFFONI & C^o
Rua Primeiro de Março, 17 — Rio de Janeiro.

NOVA SEIVA

Este é o melhor livro de contos que ha para creanças. É um grosso volume, nitidamente impresso em finissimo papel e ornado com mais de 150 illustrações onde se vem magnificos contos ins- tructivos, moraes e interessantissimos como enredo que farão as delicias das creanças e das pessoas adultas. Edição de luxo, pro- pria para presente de anniversario. — Vende-se nesta Redacção. Preço 5\$000. Pelo correio registrado 6\$000.

Uma Cura Maravilhosa com A PASTA RUSSA

Antes de usar A PASTA RUSSA



DO DOUTOR G. RICABAL

AVISO - Remette- se registrado pelo Cor- reio para qualquer parte do Brasil, mediante a quantia de 12\$000, en- viada em carta com va- lor declarado ao Agente Geral *J. de Carvalho* - Caixa Postal n. **1724** — Rio de Janeiro

A venda em todas as Pharmacias, Drogarias Casas de Perfumarias do Brasil.

Dois mezes depois do tratamento

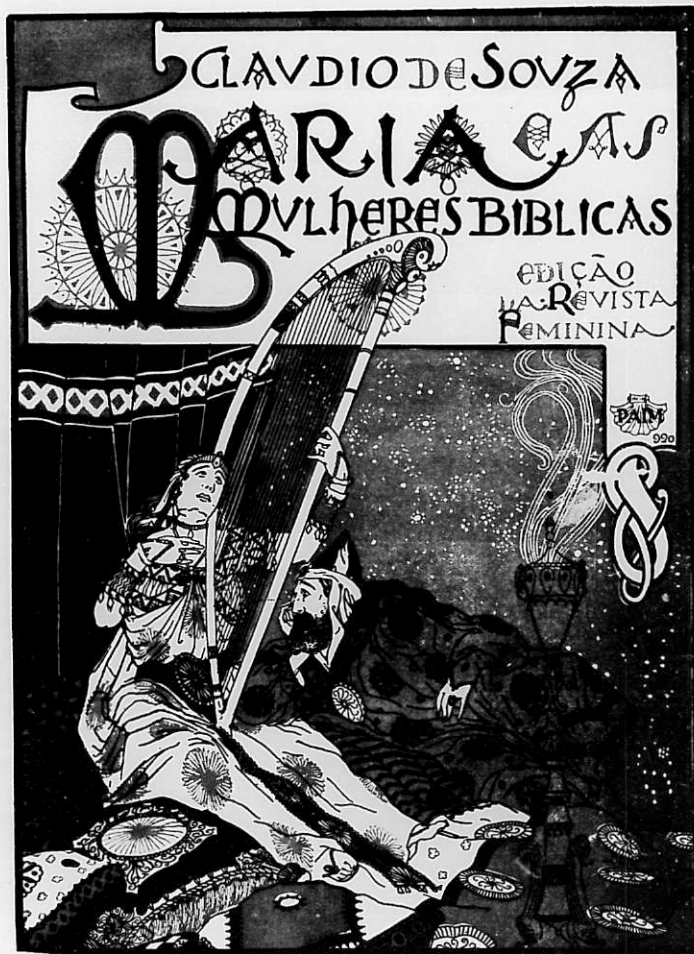


Deposito: Rua General Camara, 225 - Rio de Janeiro

Aumenta progressivamente o **BUSTO** da Mulher, dando **FORMOSURA** e **ELEGANCIA**. **DESENVOLVE**. **FORTIFICA** e **AFORMOSEA** os **SEIOS** fazendo **CRESCER** e **ENDURECENDO** rapidamente por mais molles e cahidos que sejam!!!

"Vide os attestados e prospectos que acompanham cada Caixa"

Deposito em São Paulo: DROGARIA BARUEL



MARIA E AS MULHERES BÍBLICAS, de Claudio de Souza, editada recentemente pela "Revista Feminina". Obra magistral de reconstrução histórica e penetrada do mais encantador misticismo, superiormente recomendável às senhoras, como a toda espécie de leitores, pela elevação da sua moral, pela pureza do seu estylo, pela verdade histórica e pela calorosa eloquência, que tanto caracteriza as obras de Claudio de Souza.

Um bello volume illustrado de gravuras de arte classica. Vende-se nesta redacção. Preço: 4\$000; pelo correio, registrado, 4\$500.